

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**MOZAR MENEZES MELO JÚNIOR**

**VISÃO DO PRESENTE E IDEIAS PARA O FUTURO** – um estudo de intervenção  
urbana para o bairro Parque Amazonas

SÃO LUÍS

2025

**MOZAR MENEZES MELO JÚNIOR**

**VISÃO DO PRESENTE E IDEIAS PARA O FUTURO** – um estudo de intervenção  
urbana para o bairro Parque Amazonas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Estadual do Maranhão para  
obtenção de grau de bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Marluce Wall de  
Carvalho Venâncio.

SÃO LUÍS

2025

Melo Júnior, Mozar Menezes.

Visão do presente e ideias para o futuro: um estudo de intervenção urbana para o bairro Parque Amazonas. / Mozar Menezes Melo Júnior. – São Luís, 2025.

107 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2025.

Orientador: Profa. Dra. Marluce Wall de Carvalho Venâncio.

1. Urbanismo tático. 2. Bairro Parque Amazonas. 3. Linguagem de padrões. 4. Cidade para pessoas. 5. Direito à cidade. I. Título.

CDU: 711.4 (812.1)

**Elaborada por Raimunda Aires - CRB 13/939**

**MOZAR MENEZES MELO JÚNIOR**

**VISÃO DO PRESENTE E IDEIAS PARA O FUTURO** – um estudo de intervenção  
urbana para o bairro Parque Amazonas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Estadual do Maranhão para  
obtenção de grau de bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo.

Aprovado em: 25 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Marluce Wall de Carvalho Venâncio (Orientadora)**

Universidade Estadual do Maranhão

---

**Profa. MSc. Nádia Freitas Rodrigues**

Universidade Estadual do Maranhão

---

**Profa. Dra. Carolina Maria Araújo Martins Silva**

Universidade Estadual do Maranhão

---

**MSc. Thalyta Fernandes Ferreira**

Examinadora externa

Dedico esse Trabalho Final de Graduação aos meus pais que em toda minha vida me ofereceram ensinamentos e valores morais para que eu pudesse idealizar, desenvolver e finalizar essa etapa. Dedico também ao meu filho Miguel Couto Crepaldi Melo, por me fazer enxergar a vida de uma nova forma e me incentivar a seguir o exemplo dos meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a Meishu-Sama pela permissão de ingressar e concluir a vida acadêmica, sendo a segunda uma etapa que por muitas vezes me vi não realizando, e entendo que o apoio e a fé dos meus familiares e esposa foram de fundamental importância para a realização desse sonho.

À minha companheira de vida, Camila Couto Crepaldi, que sempre me apoiou e buscou me mostrar minhas qualidades e virtudes, e nunca desistindo de mim, mesmo quando eu já havia o feito, sou muito grato e privilegiado de tê-la ao meu lado nessa jornada.

À minha orientadora que com paciência e dedicação sempre buscou que eu realizasse a conclusão da minha graduação.

Aos meus amigos, em especial Alisson Victor, Otaviano Costa, Luan Paiva e Rennan Mentor por todas as palavras de apoio rodas de conversa, nas quais sempre me incentivavam a não desistir e acreditar no meu potencial tanto pessoal como profissional.

*“ A importância das coisas se dá não pelo valor que elas dizem ter, mas pela relevância que você deposita nelas. ”*

*Mozar Menezes Melo Júnior*

## RESUMO

Este Trabalho Final de Graduação propõe um estudo de intervenção urbana no bairro Parque Amazonas, em São Luís do Maranhão, fundamentado nos princípios de urbanismo tático, escala humana e ativação comunitária. A metodologia se ancora na abordagem da obra “Uma Linguagem de Padrões” (2013) de Christopher Alexander, com foco nos padrões 14 (Bairro Identificáveis), 30 (Nós de Atividade), 33 (Vida Noturna), 60 (Praças Acessíveis), 67 (Área Externa Coletiva) e 69 (Ambiente Externo e Público), articulados a referenciais teóricos como Jane Jacobs, Henri Lefebvre, Raquel Rolnik, Jan Gehl. A proposta visa requalificar o bairro por meio de intervenções suaves, modulares e socialmente integradoras, promovendo pertencimento, vitalidade e equidade espacial a seus usuários. Os resultados esperados incluem maior coesão comunitária, reativação dos espaços públicos, fortalecimento da economia local e reversão da desertificação urbana.

Palavras-chave: urbanismo tático; bairro Parque Amazonas; linguagem de padrões; cidade para pessoas; participação cidadã; direito à cidade.

## **ABSTRACT**

This final undergraduate project proposes an urban intervention study in the Parque Amazonas neighborhood of São Luís do Maranhão, based on the principles of tactical urbanism, human scale, and community activation. The methodology is anchored in Christopher Alexander's work "A Language of Patterns" (2013), focusing on patterns 14 (Identifiable Neighborhoods), 30 (Activity Nodes), 33 (Nightlife), 60 (Accessible Squares), 67 (Collective Outdoor Area), and 69 (External and Public Environment), articulated with theoretical frameworks such as Jane Jacobs, Henri Lefebvre, Raquel Rolnik, and Jan Gehl. The proposal aims to requalify the neighborhood through gentle, modular, and socially integrative interventions, promoting belonging, vitality, and spatial equity for its users. Expected results include greater community cohesion, reactivation of public spaces, strengthening the local economy, and reversing urban desertification.

Keywords: tactical urbanism; Parque Amazonas neighborhood; pattern language; city for people; citizen participation; right to the city.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Visão do presente se tornando uma ideia para o futuro – Praça do Bom Pastor, Parque Amazonas .....	22
Figura 2 – Antes e depois de uma intervenção com urbanismo tático na Colômbia.....	26
Figura 3 – Intervenção de urbanismo tático realizada pela Prefeitura do Recife .....	27
Figura 4 – Requalificação urbana na Times Square por meio de urbanismo tático .....	28
Figura 5 – Indicadores de impacto da conversão de vias em espaços públicos em São Francisco (EUA). .....	29
Figura 6 – Intervenção urbana no bairro da Liberdade (SP) utilizando urbanismo tático.....	29
Figura 7 - Comparação da <i>Times Square</i> antes e depois da requalificação urbana.....	31
Figura 8 - Transformação de espaço urbano - projeto <i>Pavement to Parks</i> , em São Francisco (EUA). .....	32
Figura 9 - Projeto de ampliação de calçadas na cidade de Sorocaba – SP .....	32
Figura 10 – Feirinha São Luís ativando o espaço público do centro histórico.....	33
Figura 11 – Deserção urbana presente no bairro Parque Amazonas .....	35
Figura 12 – Exemplos de casas vazias e abandonados no interior do bairro.....	35
Figura 13 – Área verde abandonada com potencialidade para abrigar equipamento público. 36	
Figura 14 – Exemplo de abandono e má utilização do espaço público.....	37
Figura 15 – Pontos de ônibus localizados na Avenida dos Africanos.....	38
Figura 16 – Imóveis abandonados localizados em diversos pontos no interior do bairro.....	38

Figura 17 – Veículos e imóveis abandonados em pontos diversos do Parque Amazonas .....	39
Figura 18 – Grande área verde presente no bairro – atualmente sinônimo de insegurança ....	40
Figura 19 – Área verde abandonada e degradada com imensa potencialidade urbanística.....	40
Figura 20 – Terrenos vazios dispersos no bairro são vazios urbanos assíduos no bairro.....	41
Figura 21 – Localização do bairro e os demais territórios adjacentes.....	42
Figura 22 – Principais vias e pontos relevantes do bairro .....	43
Figura 23 – Avenida Solimões mesmo com o uso de solo variado apresenta um cenário de deserção urbana .....	45
Figura 24 – Exemplos de infraestruturas presentes no Parque Amazonas em situação de abandono.....	47
Figura 25 – Áreas com potencial urbanístico que não ofertam mobiliário urbano ou atrativo para comunidade.....	50
Figura 26 – Gráfico dos incômodos mais citados pelos usuários.....	51
Figura 27 – Vegetação em excesso da área abandonada oferecendo riscos aos pedestres do espaço urbano .....	52
Figura 28 – Gráfico dos incômodos mais citados pelos usuários.....	53
Figura 29 – Restaurante, comércio de bairro, construtora e condomínio – todos localizados na Av. Solimões .....	54
Figura 30 – Gráfico das principais ideias de intervenção.....	55
Figura 31 – Principal área de intervenção do Parque Amazonas – de acordo com o estudo ..	56
Figura 32 – Principal área de intervenção do Parque Amazonas – vista de satélite e panorâmica .....	58

Figura 33 – Diagrama de aplicação metodológica do estudo.....	60
Figura 34 – Isolamento urbano no bairro – ao fundo é possível visualizar o telado dos imóveis do bairro.....	63
Figura 35 – Padrão 14 – Bairro identificável .....	64
Figura 36 – Padrão 30 – Nós de atividade.....	65
Figura 37 – Padrão 33 – Vida noturna.....	66
Figura 38 – Padrão 60 – Praças Acessíveis .....	67
Figura 39 – Padrão 67 – Área externa coletiva .....	68
Figura 40 – Padrão 67 – Ambiente externo e público .....	69
Figura 41 – Problemáticas existentes no Parque Amazonas que orientaram a escolha dos padrões.....	71
Figura 42 – Imagem panorâmica mostrando uma das áreas de possível intervenção do bairro .....	73
Figura 43 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 14 + Padrão 60.....	75
Figura 44 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 30 + Padrão 33.....	76
Figura 45 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 67 + Padrão 69.....	77
Figura 46 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 14 + Padrão 30 + Padrão 60 .....	78
Figura 47– Área para possível instalação dessa proposta de intervenção .....	78
Figura 48 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 30 + Padrão 33 + Padrão 69 .....	79

Figura 49 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 60 + Padrão 67 + Padrão 69 .....	79
Figura 50 – Exemplos de conexões que podem ser realizadas no bairro e possíveis áreas aplicação dos padrões .....	80
Figura 51 – Parque Linear Kennedy, em São Caetano do Sul (SP). .....	81
Figura 52 – Passarela Ciccillo Matarazzo integrando o Parque Ibirapuera à cidade .....	82
Figura 53 – <i>Paley Park</i> , Nova York: exemplo de espaço público privado de uso coletivo ( <i>POPS</i> ) .....	83
Figura 54 – Vista aérea da intervenção artística “Talude” em Lisboa, Portugal.....	84
Figura 55 – Detalhe do mural e escadaria integrada ao projeto “Talude” .....	85
Figura 56 – Vista aérea do Parque do Rangedor, com áreas esportivas, de lazer e convivência em São Luís (MA) .....	85
Figura 57 – Praça da Lagoa iluminada e ativa à noite, com áreas de lazer e circulação em São Luís .....	86
Figura 58 – Proposta de praça diurna localizada na Avenida Solimões – Padrões 14, 30, 33 e 69 .....	91
Figura 59 – Ideias de intervenção utilizando como diretrizes base os Padrões 14, 33 e 60 ...	93
Figura 60 – Ideias de intervenção utilizando como diretrizes base os Padrões 67 e 69 .....	96
Figura 61 – Ideias de futuro para a grande área verde baseado nos Padrões 60, 67 e 69 .....	98
Figura 62 – Crianças moradoras do bairro Parque Amazonas brincando nas ruas do bairro à noite .....	102

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.</b>	<b>Objetivos do trabalho.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.</b>	<b>Metodologia do trabalho .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3.</b>	<b>Apresentação dos capítulos do trabalho.....</b>	<b>19</b>
1.3.2.	Conhecendo o espaço urbano .....	20
1.3.3.	Conhecendo como aplicar a metodologia.....	20
1.3.4.	Conhecendo o Estudo .....	21
<b>2.</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.</b>	<b>Planejamento Urbano Participativo .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2.</b>	<b>Urbanismo Tático - foco nos usuários do espaço.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3.</b>	<b>Estudos de Caso .....</b>	<b>27</b>
<b>2.4.</b>	<b>Potenciais e Possibilidades .....</b>	<b>30</b>
<b>3.</b>	<b>ENTENDENDO A DINÂMICA DO ESPAÇO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1.</b>	<b>Retrato do espaço urbano .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2.</b>	<b>Usos e ocupações do solo, infraestrutura e espaços públicos.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3.</b>	<b>Demandas e percepções da comunidade.....</b>	<b>51</b>
<b>3.4.</b>	<b>Potencialidades e desafios encontrados .....</b>	<b>57</b>
<b>4.</b>	<b>APLICAÇÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1.</b>	<b>Trabalho de campo e análise do território .....</b>	<b>61</b>
<b>4.2.</b>	<b>Os padrões e sua aplicabilidade – usos e especificidades.....</b>	<b>63</b>
4.2.1.	Padrão nº 14 – Bairro Identificável.....	64
4.2.2.	Padrão nº 30 – Nós de Atividade .....	65
4.2.3.	Padrão nº 33 – Vida Noturna .....	66
4.2.4.	Padrão nº 60 – Praças Acessíveis.....	67
4.2.5.	Padrão nº 67 – Área Externa Coletiva .....	68
4.2.6.	Padrão nº 69 – Ambiente Externo e Público.....	69
4.2.7.	Aplicabilidade dos padrões no tecido urbano.....	70
<b>4.3.</b>	<b>Padrões de Linguagem para o bairro Parque Amazonas.....</b>	<b>72</b>
<b>5.</b>	<b>CONCEPÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>74</b>
<b>5.1.</b>	<b>Diretrizes do Estudo .....</b>	<b>74</b>
5.1.1.	Correlação entre os padrões e resultados urbanos integrados .....	75
5.1.2.	Correlações expandidas entre múltiplos padrões.....	77

<b>5.3. Estratégias de intervenção .....</b>	<b>87</b>
5.3.1. Requalificação dos espaços urbanos .....	89
5.3.2. Propostas de integração com outros bairros e entornos.....	92
5.3.3. Criação de áreas de vivência .....	94
5.3.4. Intervenções nos espaços de livres .....	97
<b>5.4. Considerações finais .....</b>	<b>100</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>103</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>105</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As cidades são construções coletivas, moldadas tanto pelas mãos que erguem seus edifícios quanto pelas experiências cotidianas de seus habitantes. No entanto, em muitos processos de planejamento urbano, a participação efetiva da população ainda é limitada, resultando em espaços públicos que não refletem as reais necessidades e desejos de seus usuários. O presente Trabalho Final de Graduação propõe como objetivo principal o desenvolvimento de um estudo preliminar de intervenção urbana de concepção colaborativa no bairro Parque Amazonas, localizado em São Luís do Maranhão, com a ativa participação de moradores e demais usuários da área.

Essa modalidade de concepção e apreensão do espaço público é defendida por diversos autores, um deles, Henri Lefebvre, na obra *Direito da Cidade* (1968) afirma que “A cidade não deve ser apenas espaço de consumo e circulação, mas lugar de vida e de encontro. Ao reivindicar o direito à cidade, a população exige participar ativamente da construção do espaço urbano que habita, interferindo diretamente nas decisões que moldam sua realidade”. Dentro dessa perspectiva pode-se entender que o cidadão deve atuar também como um planejador e agente transformador do tecido urbano.

Essa proposta de abordagem busca estabelecer um diálogo direto com a comunidade local, considerando sua percepção sobre o espaço público, suas demandas e expectativas. Para tanto, foram realizados encontros, entrevistas e interações com os diversos grupos sociais presentes no bairro — moradores, trabalhadores, comerciantes e visitantes. Essa escuta ativa foi fundamental para o levantamento e compreensão das diferentes visões de mundo e do bairro que convivem nesse território, permitindo a elaboração das diretrizes desse estudo traduzindo um denominador comum entre os anseios coletivos.

Essa abordagem está alinhada com o pensamento de Jane Jacobs, que no livro *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2000) destaca que “cidades têm a capacidade de prover algo para todos, apenas porque, e somente quando, são criadas por todos”. Essa citação sintetiza o princípio central deste trabalho: um espaço vivo, funcional e significativo só pode emergir de um processo genuinamente participativo. Assim, este Trabalho Final de Graduação busca não apenas propor uma ideia de [~][intervenção física, mas também valorizar a construção de um

espaço urbano mais democrático, onde cada voz seja ouvida e cada identidade territorial seja respeitada.

O bairro do Parque Amazonas foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho por possuir uma localização estratégica por estar relativamente próximo do Centro da cidade e ser vizinho de corredores viários bem importantes da cidade – como a Avenida dos Africanos, Avenida Senador Vitorino Freire e a Avenida Kenedy, porém, mesmo com todos esses atributos acaba sendo um bairro pouco conhecido dentre os habitantes da grande São Luís. Além disso, pode-se destacar uma dinâmica urbana complexa com as localidades vizinhas como os bairros do Coroadinho, Areinha e Bairro de Fátima, onde coexistem diferentes tipologias de moradia, equipamentos, mobiliários urbanos e usos do solo, relações sociais diversas e demandas por qualificação dos espaços públicos.

Acerca dessa realidade Lefebvre defende a tese que: “O espaço urbano não é um cenário neutro; ele é produzido socialmente, fruto de relações políticas, econômicas e simbólicas. A verdadeira transformação urbana passa pela escuta ativa da população, pois ela é parte fundamental desse processo de produção”, ou seja, para um entendimento mais profundo da dinâmica urbana e suas respectivas particularidades deve-se buscar uma análise pautada na vivência e na visão dos usuários do espaço urbano. Em 2018, na primeira edição do Fórum Mitos & Fatos, o então prefeito da cidade de Curitiba afirmou que: “Uma cidade só é boa para se visitar quando é boa também para seus moradores” – validando o morador como uma personagem fundamental no momento de planejamento e tomada de decisões

Pode ser observado também que, apesar de ser um bairro projetado e idealizado para um perfil de moradores com maior poder aquisitivo, essa aposta do mercado imobiliário da época não se concretizou e acabou contribuindo para deixar o Parque Amazonas no ostracismo urbano, fazendo o bairro carecer de iniciativas de intervenção que considerem, de forma efetiva, a participação dos usuários no processo de construção e transformação do espaço.

A escolha pelo desenvolvimento de um estudo de intervenção urbana colaborativa se justifica também pela necessidade de romper os modelos tradicionais e centralizados de planejamento urbano, que frequentemente desconsideram a vivência cotidiana e o conhecimento empírico das comunidades locais. Ao priorizar a escuta dos moradores e demais usuários do bairro, este trabalho busca propor soluções mais alinhadas às necessidades reais da população, fortalecendo o senso de pertencimento e o protagonismo cidadão.

A ausência de instrumentos eficazes de diálogo entre o poder público e a população resulta em intervenções que não correspondem às reais necessidades do território. Dessa forma, iniciativas que priorizem a escuta e a participação ativa dos moradores surgem como alternativas viáveis e transformadoras. O presente trabalho justifica-se, portanto, pela proposta de desenvolver um estudo de intervenção urbana com caráter colaborativo que fortaleça os vínculos entre cidadãos o bairro Parque Amazonas e a cidade, proporcionando melhorias reais no espaço urbano e, em especial, para o território trabalhado.

Esse trabalho utilizou como base as correntes contemporâneas do urbanismo participativo e sustentável, que valorizam a cidade como um espaço vivo e construído coletivamente. A transformação dos espaços públicos deve, portanto, partir da realidade local, considerando os desejos, saberes e práticas dos indivíduos que o habitam e utilizam.

“(...) o espaço não é um dado, nem um objeto natural. Ele é um produto social, isto é, um resultado da ação coletiva, das relações de produção e reprodução”. (Lefebvre, 1999, p.89).

### **1.1. Objetivos do trabalho**

Este trabalho tem como objetivo principal o desenvolvimento de um estudo de intervenção urbana no bairro Parque Amazonas, em São Luís do Maranhão, a partir de um processo colaborativo com os moradores e usuários dele, promovendo a valorização do espaço público e o fortalecimento das relações entre cidadão e cidade.

Os objetivos secundários desse trabalho abrangem os seguintes tópicos:

- Levantar e sintetizar dados, ideias, expectativas e necessidades dos participantes em relação ao bairro e suas áreas comuns;
- Identificar os principais conflitos, potencialidades e fragilidades do espaço urbano analisado;
- Incentivar o engajamento comunitário e o exercício da cidadania ativa no processo de construção da cidade;

- Estabelecer um canal de diálogo com os diferentes usuários do bairro, como moradores, trabalhadores, comerciantes e visitantes, visando compreender suas percepções e vivências sobre o espaço público;
- Transformar as contribuições dos usuários em diretrizes e propostas de intervenção urbana que contemplem um consenso entre os diferentes grupos sociais.

"A cidade viva nasce do olhar e da ação dos seus próprios moradores. Planejar sem ouvir suas vozes é projetar sobre um terreno que não se conhece." Nessa afirmação o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl, criador do conceito de "Cidade para Pessoas" apresenta que planejar o tecido urbano desconsiderando a visão e opinião dos usuários dele pode contribuir para a criação um ambiente urbano sem vida e sem identificação com a população, sendo assim pode-se entender que desconsiderar os anseios do usuário pode contribuir para a criação dos "vazios urbanos" tão citados por Jane Jacobs em *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2000).

## **1.2. Metodologia do trabalho**

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa, com enfoque participativo e interdisciplinar. A obra *Uma Linguagem de Padrões*, de Christopher Alexander, apresenta uma abordagem sistemática para o planejamento do ambiente construído, através da identificação de elementos recorrentes – os chamados "padrões" – que promovem qualidade e bem-estar nos espaços habitados. Segundo Alexander – "Cada padrão descreve um problema que ocorre repetidas vezes em nosso meio ambiente e então descreve o ponto central da solução do problema, de modo que você pode usar a mesma solução milhares de vezes, sem jamais ter de repeti-la" (Alexander et al., 2013, p. XIV). Essa definição revela a flexibilidade e aplicabilidade dos padrões à realidade específica de bairros como o Parque Amazonas.

Para início do trabalho realizou-se um levantamento de dados, imagens e relatos para formular um diagnóstico participativo através de visitas de campo em observações diretas do bairro, buscando identificar potencialidades, vulnerabilidades, áreas críticas e dados sociais e espaciais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com moradores,

comerciantes, visitantes e usuários do espaço urbano de forma geral, buscando captar percepções, memórias e experiências sobre o território.

Ocorreram também escutas ativas com diversos grupos e usuários do bairro, utilizando ferramentas como mapas mentais, desenhos e esboços desenvolvidos à mão livre no momento das conversas a serem desenvolvidos juntamente com os próprios entrevistados. O objetivo desses encontros foi tentar extrair propostas espontâneas e representativas da coletividade, fortalecer vínculos entre os participantes e o bairro dando-os a oportunidade de pensar de forma mais prática e propositiva assuntos correlacionados ao bairro, além de tentar despertar o sentimento de pertencimento entre os moradores.

Após essa etapa, as informações coletadas foram organizadas e os principais pontos de convergência foram compilados pela tipologia de projeto ou ideia, por exemplo: reunir todas as sugestões relacionadas à mobilidade (acessibilidade, calçadas, rampas, ciclovias, passarelas, faixas de pedestres), esta sistematização permitiu a definição de diretrizes e estratégias que orientaram a escolha dos padrões a serem abordados no estudo de intervenção, e esses virem a se tornar propostas que expressem um as reais necessidades do bairro e que atendam da melhor forma as demandas mais significativas dos usuários do local.

A tradução dos elementos identificados no diagnóstico em padrões urbanos significativos para o contexto local, baseia-se nos princípios de Alexander, ou seja, a adaptação dos padrões da obra “Uma Linguagem de Padrões” à realidade do Parque Amazonas, respeitando escalas e particularidades do território, como centros comunitários, ruas de vizinhança, transições entre público e privado, entre outros. A escolhas dos padrões específicos foi concebida a partir das demandas locais, em colaboração com os moradores – colocando-os como agentes transformadores do espaço urbano. Por fim, com esses novos padrões definidos foi transcrita uma "linguagem de padrões local", como base de ideias, conceitos e diretrizes de projeto que nortearam o estudo de intervenção urbana desenvolvido para o bairro.

Com base nas diretrizes coletadas e analisadas e traduzidas em padrões de linguagem próprio para o Parque Amazonas, foi desenvolvido o estudo de intervenção urbana, considerando todos os aspectos abordados durante as escutas ativas com os usuários do espaço público, como mobilidade, acessibilidade, conforto ambiental, uso do espaço, paisagismo e segurança. Desse modo pode-se afirmar que o estudo urbanístico desenvolvido para o bairro Parque Amazonas parte da premissa de que o espaço público é um reflexo das relações sociais

que nele se desenvolvem, e, portanto, sua qualificação deve emergir das demandas, visões e experiências daqueles que o utilizam diariamente.

A utilização da abordagem de Christopher Alexander valoriza o conhecimento empírico e cotidiano da população local, promovendo um urbanismo mais sensível e enraizado nas experiências reais dos usuários do espaço, além de estimular o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade no processo urbano. Pode-se afirmar que construir uma cidade mais democrática e inclusiva, enriquece o processo criativo com múltiplas visões e saberes diversos, especialmente os saberes informais e tradicionais.

### **1.3. Apresentação dos capítulos do trabalho**

Buscando a melhor compreensão e a organização das ideias do trabalho, ele foi subdividido em 4 (quatro) capítulos – Referencial Teórico, Conhecendo a dinâmica do espaço, Aplicação Metodológica e Concepção do Estudo – de forma que cada um representa uma etapa do trabalho até a elaboração do estudo, sendo o primeiro relacionado ao referencial teórico que norteou a compreensão e leitura do espaço urbano, o segundo apresentou a metodologia que se baseará na participação da população do bairro de estudo, já no terceiro houve a compilação de todos os dados, visões e ideias que os usuários do espaços público possuem e serviu de base para a elaboração de um “plano de necessidades” para o estudo de intervenção, e por fim o último capítulo apresentou, o resultado final desse trabalho, o próprio estudo concebido de forma colaborativa com seus moradores, visitantes e demais pessoas que utilizam esse ambiente urbano.

#### **1.3.1. Conhecendo o referencial teórico**

Este capítulo apresentou os fundamentos conceituais que orientam a proposta do estudo de intervenção urbana, com ênfase no planejamento urbano participativo, compreendido como um processo que valoriza a escuta ativa da população e a construção coletiva do espaço urbano. Foram exploradas as ideias de Jane Jacobs, que defende a valorização da vida cotidiana

e da diversidade urbana; Henri Lefebvre, com sua noção do “direito à cidade”; Francesco Indovina, que aborda a complexidade e fragmentação do urbano contemporâneo; e Raquel Rolnik, com sua crítica às desigualdades produzidas pelo planejamento tradicional.

Também foram discutidas as estratégias de urbanismo tático, que propõem intervenções rápidas e de baixo custo com base na observação do comportamento dos usuários, e estudos de caso que demonstram a eficácia de práticas urbanas centradas na participação popular. O capítulo também trouxe uma reflexão acerca dos potenciais e possibilidades dessas abordagens no contexto do Parque Amazonas.

### 1.3.2. Conhecendo o espaço urbano

Aqui, foi traçado um retrato detalhado do bairro Parque Amazonas, considerando sua estrutura urbana, usos e ocupações do solo, infraestrutura disponível e presença (ou ausência) de espaços públicos de qualidade. Com base em visitas de campo e escuta ativa dos moradores, foram identificadas as demandas prioritárias da comunidade, como mobilidade, segurança, lazer e serviços básicos.

As percepções locais revelaram um território com potencialidades subutilizadas, mas também com importantes desafios, como carência de planejamento integrado, ocupações precárias e pouca articulação entre os espaços públicos. A análise revelou a importância de compreender o espaço vivido para orientar decisões de projeto mais ajustada e eficazes.

### 1.3.3. Conhecendo como aplicar a metodologia

A metodologia que foi adotada neste trabalho visa integrar os princípios teóricos de Christopher Alexander, especialmente os contidos em sua obra “Uma Linguagem dos Padrões” (2013), com práticas participativas no desenvolvimento de um estudo de intervenção urbano colaborativo para o bairro. Nesse capítulo foram descritas as estratégias metodológicas utilizadas para garantir a efetiva participação dos moradores na construção do plano de necessidades do bairro. A metodologia incluiu trabalho de campo, entrevistas, dinâmicas

participativas e escutas direcionadas, com o objetivo de coletar impressões, desejos e críticas dos usuários em relação ao território.

A partir dessa escuta, foi elaborada uma síntese das principais demandas, resultando em um plano de necessidades que orientou as diretrizes e estratégias do estudo de intervenção urbana, utilizando-se de padrões que respondessem às demandas apresentadas pela comunidade, ou seja, uma linguagem de padrão própria do Parque Amazonas como elemento norteador conceitual desse trabalho.

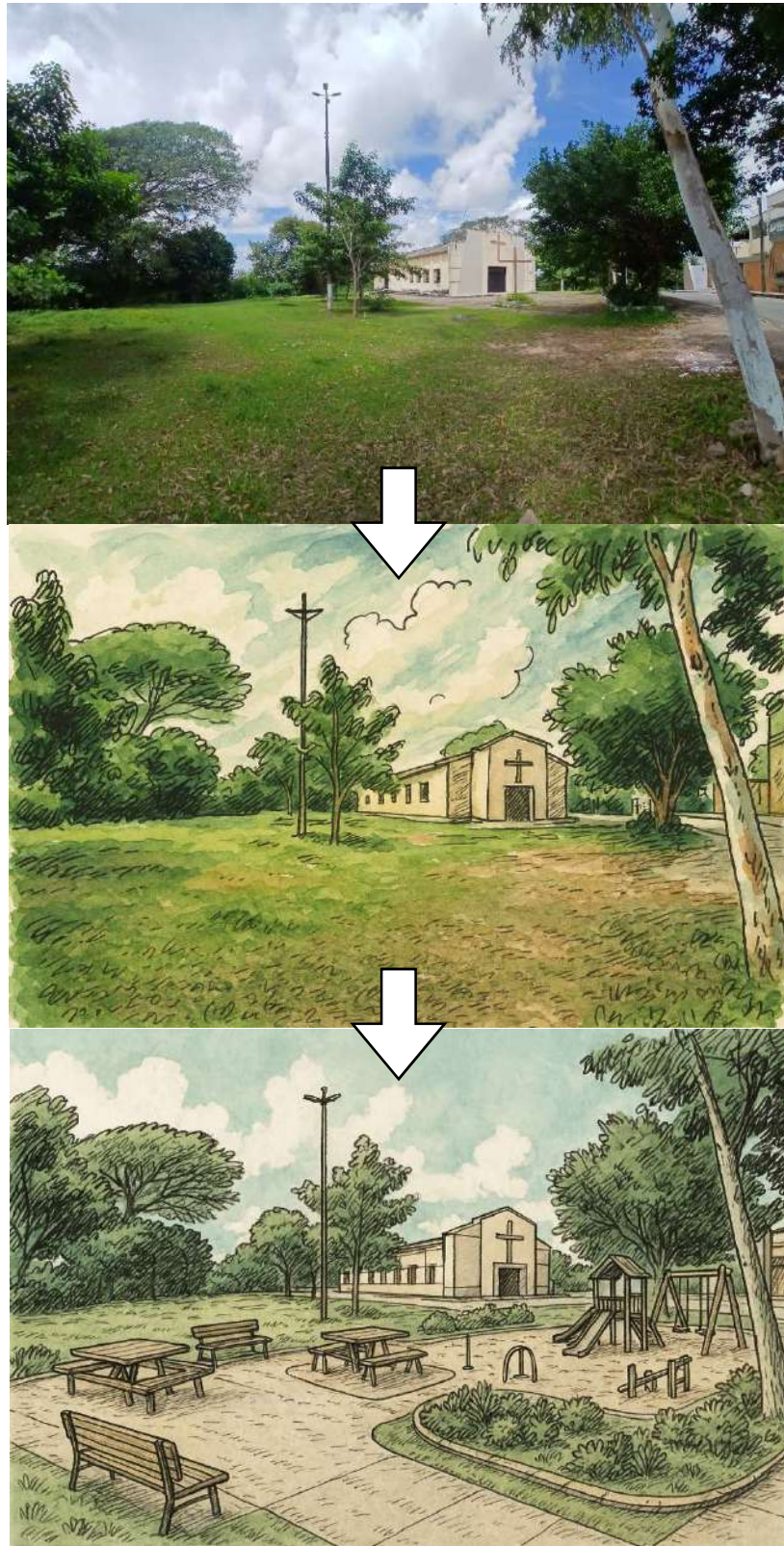
#### 1.3.4. Conhecendo o Estudo

Neste capítulo apresentou-se o estudo urbano proposto para o Parque Amazonas, estruturado com as diretrizes e metodologias desenvolvidas a partir dos padrões do bairro, elaborados com base nas necessidades levantadas e propostas construídas junto à comunidade. Foram detalhadas as estratégias de intervenção, que incluem a requalificação de espaços públicos, criação de áreas de convivência, intervenções em espaços livres e ações para fortalecer a integração com bairros vizinhos.

Inspirado em referências projetuais contemporâneas e em conceitos como o urbanismo do cotidiano e o uso plural do espaço, o estudo de intervenção urbano buscou promover inclusão, mobilidade e qualidade de vida ao cotidiano do bairro Parque Amazonas. A proposta é ilustrada por representações gráficas que demonstram como os elementos urbanos foram reorganizados ou criados, com foco na valorização do espaço público como elemento estruturante da vida urbana local.

Dentre um dos exemplos de espaços trabalhados nesse trabalho tem-se uma área verde, vizinha à Igreja do Bom Pastor, localizada na confluência das Rua Marabá com a Rua Alenquer, no qual foi idealizado – conforme vários usuários do espaço sugeriram – uma praça com equipamentos urbanos que despertasse o interesse dos moradores e demais pessoas para a ocupação do espaço além de fomentar o convívio social e a apropriação do espaço urbano. Abaixo a Figura 01 representa de forma simples o passo a passo de como transformar uma visão atual, baseando-se na ótica dos usuários desse espaço, em possíveis ideias para o futuro dele.

Figura 1 – Visão do presente se tornando uma ideia para o futuro – Praça do Bom Pastor, Parque Amazonas



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de cidades mais humanas e participativas tem sido tema recorrente em diversos estudos que criticam os modelos tradicionais de planejamento urbano. Autores como Jane Jacobs, Henri Lefebvre, Francesco Indovina e Raquel Rolnik são referências fundamentais para compreender a importância da participação cidadã no processo de transformação urbana.

Em *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2000), Jane Jacobs apresenta uma crítica contundente ao urbanismo modernista, defendendo que a vitalidade urbana nasce da diversidade de usos e da presença ativa das pessoas nos espaços públicos. Para Jacobs, “o que faz uma cidade atrativa e funcional são os olhos na rua, a convivência entre diferentes e o uso constante dos espaços” (Jacobs, 2000). Sua obra reforça a ideia de que a cidade deve ser pensada a partir da vida cotidiana, e não apenas de grandes planos técnicos e distantes da realidade local.

Henri Lefebvre, por sua vez, propõe o conceito de "direito à cidade", que ultrapassa o acesso físico ao espaço urbano e propõe a participação ativa de todos os cidadãos na produção do espaço. Segundo o autor, a cidade deve ser um lugar de apropriação coletiva, onde o uso e o significado dos espaços sejam construídos socialmente, ou seja, a participação popular é um fator preponderante para existirem espaços democráticos e que cumpram sua função social. Como ele mesmo destaca: “O direito à cidade não é apenas o direito de acesso ao que já existe, mas o direito de mudar a cidade segundo os nossos desejos. A liberdade de participação e apropriação se torna parte do direito à cidade” (Lefebvre, 1968).

No contexto latino-americano, Raquel Rolnik defende que existe a necessidade de democratizar os processos urbanos e critica a reprodução de desigualdades espaciais nas periferias. Em sua análise, o urbanismo tradicional desenvolvido nos moldes atuais, excluindo a população das discussões e planejamento com relação ao espaço urbano, contribuiu para a fragmentação das cidades, tornando essencial o envolvimento das comunidades locais nas decisões que afetam diretamente suas vidas.

O urbanismo colaborativo, como prática teórico-metodológica, busca integrar esses princípios. Ele propõe que o projeto urbano seja resultado de um processo contínuo de escuta,

diálogo e negociação entre os diversos atores que compõem a cidade. Nessa perspectiva, a intervenção urbana no Parque Amazonas se insere como uma experiência que articula teoria e prática, visando construir soluções sustentáveis e socialmente legitimadas.

Espera-se que o trabalho produza impactos tanto no campo acadêmico quanto na realidade do bairro Parque Amazonas. Entre os principais resultados esperados, destacam-se:

- A construção de um estudo preliminar de intervenção urbana que reflita de maneira legítima os desejos e necessidades da comunidade local;
- O fortalecimento do vínculo entre os moradores e o espaço público, por meio da valorização da escuta e da participação ativa;
- A geração de um modelo metodológico replicável para as áreas urbanas do bairro, que busquem desenvolver projetos com base em processos colaborativos;
- O fomento ao debate sobre cidadania, pertencimento e direito à cidade, contribuindo para a construção de uma cultura urbana mais democrática;
- O estímulo à formação crítica do estudante de arquitetura e urbanismo, reforçando seu papel social como mediador entre técnica e vivência popular.

## **2.1. Planejamento Urbano Participativo**

O planejamento urbano participativo emerge como uma resposta crítica às práticas tradicionais de projetos para o espaço público, frequentemente marcadas pela verticalização das decisões e pela desconsideração das necessidades reais das comunidades. Fundamentado na democratização do processo decisório através de reuniões com a população local e uma escuta ativa buscando elencar os verdadeiros anseios daquela parcela de pessoas, esse modelo reconhece o morador como sujeito ativo na produção do espaço urbano, valorizando sua experiência cotidiana como fonte legítima de conhecimento e apreensão do espaço urbano, inclusive essa sendo uma via de mão dupla.

Na obra *O que é a cidade* (2004), Raquel Rolnik afirma que “Planejar uma cidade é, antes de mais nada, um exercício político que deve envolver seus habitantes”, ou seja, dar

voz e protagonismo aos moradores e usuários do espaço é o caminho mais assertivo para a construção de um ambiente mais digno e social, pois leva em consideração primeiramente os anseios de seus habitantes democratizando assim o conhecimento e o próprio local.

A obra de Henri Lefebvre, particularmente sua formulação do “direito à cidade”, é fundamental para esse entendimento. Lefebvre argumenta que o espaço urbano não deve ser apenas um lugar de circulação e consumo, mas um território de convivência e apropriação simbólica. Esse direito implica a possibilidade de participação ativa na produção dos espaços, questionando as lógicas mercantis que muitas vezes orientam as intervenções urbanas, por vezes sendo o próprio mercado imobiliário ditando os rumos do crescimento da cidade, gentrificando algumas localidades e marginalizando outras – “O direito à cidade não é apenas o direito de visitar ou consumir o espaço urbano, mas o direito de transformá-lo”.

Complementarmente, Raquel Rolnik destaca que o planejamento urbano brasileiro historicamente contribuiu para a produção de desigualdades, ao privilegiar os interesses do mercado e das elites em detrimento das necessidades da população periférica. “É fundamental fortalecer as práticas sociais que transformam o território: os processos de formulação/ação direta de cidadãos organizados ou não em coletivos que atuam de forma horizontal e colaborativa”, para a autora, somente através de práticas participativas efetivas é possível reverter esse quadro, promovendo justiça social e espacial.

## **2.2. Urbanismo Tático - foco nos usuários do espaço**

O urbanismo tático se apresenta como uma estratégia de intervenção direta e experimental no espaço urbano, orientada pela observação e participação dos usuários. Trata-se de um conjunto de ações de pequena escala, de baixo custo e alto impacto, que buscam transformar áreas urbanas com base em usos reais e desejos locais, frequentemente desconsiderados pelos planejadores tradicionais. Essa abordagem propõe uma ruptura com os modelos tradicionais e centralizados de planejamento urbano, dando lugar a uma prática mais flexível, adaptável e centrada nas reais necessidades dos usuários do espaço.

Jane Jacobs em sua obra destaca que "as soluções para os problemas de uma cidade devem vir de sua própria experiência prática e local", ou seja, a construção coletiva do espaço urbano, a partir da observação cotidiana e da experiência dos usuários como insumo fundamental para a melhoria dos ambientes urbanos. Assim como criticava a visão modernista e racionalista do urbanismo, defendendo que a vitalidade urbana reside na diversidade de usos, na complexidade social e na ocupação dinâmica do espaço. A Figura 2 demonstra a transformação urbana na cidade colombiana de Santo Domingos, onde o uso de cores e reorganização viária favoreceu a mobilidade ativa e a convivência, ampliando o espaço para pedestres e ciclistas (MOVILIDAD URBANA SDE, 2021).

Figura 2 – Antes e depois de uma intervenção com urbanismo tático na Colômbia



Fonte: MOVILIDAD URBANA SDE (2021).

A defesa da diversidade urbana, da escala humana e da vida cotidiana nas ruas antecipa os princípios do urbanismo tático, indo na contramão da padronização e o autoritarismo das intervenções modernas, e enfatizando a importância de entender o bairro como uma estrutura orgânica, viva e sensível aos comportamentos de seus habitantes.

Nesse sentido, Henri Lefebvre (1974) contribui com uma perspectiva crítica ao propor o “direito à cidade” — um chamado à apropriação do espaço urbano pelos cidadãos, como forma de resistência à mercantilização e à segregação do ambiente urbano. Para Lefebvre, a produção do espaço é uma construção social, e o urbanismo tático pode ser entendido como uma manifestação prática desse direito, permitindo que os moradores testem e reivindiquem formas alternativas de viver a cidade. Ao privilegiar soluções temporárias e adaptáveis, o urbanismo tático cria possibilidades de experimentação e coautoria, aproximando os usuários do processo de transformação do território. Essas práticas ampliam o repertório de possibilidades para bairros como o Parque Amazonas, ao oferecer meios de testar intervenções com base no uso real do espaço.

### 2.3. Estudos de Caso

Diferente das intervenções permanentes, o uso de métodos como o urbanismo tático permite testar ideias em tempo real, com base em hipóteses formuladas a partir da observação direta e da escuta ativa dos usuários. Esse caráter experimental é fundamental para corrigir erros, adaptar soluções e ampliar o engajamento da comunidade. A Figura 3 mostra um exemplo de urbanismo tático implementado no Recife, com o objetivo de reduzir conflitos entre veículos e pedestres e promovendo assim segurança viária (PREFEITURA DO RECIFE, 2021).

Figura 3 – Intervenção de urbanismo tático realizada pela Prefeitura do Recife



Fonte: PREFEITURA DO RECIFE (2021).

Um exemplo emblemático é o projeto “Times Square Pedestrian Plaza”, em Nova York. Inicialmente implantado como um experimento temporário em 2009, com cadeiras de praia e pintura no asfalto, o projeto buscava reduzir o tráfego de veículos e aumentar a segurança e conforto para pedestres. A intervenção foi monitorada, ajustada e, devido ao enorme sucesso — incluindo redução de acidentes e aumento de pedestres e receitas do comércio local — tornou-se permanente. A Figura 4 reforça os efeitos do urbanismo tático na Times Square, onde a substituição de faixas de rolamento por áreas para pedestres resultou em maior fluxo de pessoas e permanência no espaço (DOX, 2021).

Figura 4 – Requalificação urbana na Times Square por meio de urbanismo tático



Fonte: DOX (2021).

Diversas experiências em cidades brasileiras e internacionais demonstram o potencial de iniciativas participativas e táticas na regeneração urbana. Projetos como o Parque Minhocão, em São Paulo, e as intervenções de urbanismo tático em Medellín, na Colômbia, exemplificam como o envolvimento da comunidade e a ativação de espaços públicos podem gerar transformações significativas, mesmo em contextos de baixa infraestrutura.

Outro caso é o do programa “Pavement to Plazas” em São Francisco, que transforma pequenas áreas de estacionamento ou interseções subutilizadas em praças públicas vibrantes. Com uso de materiais simples como tinta, mobiliário móvel e plantas, a cidade promove espaços de convivência, incentivando a apropriação coletiva e fortalecendo os laços comunitários. De acordo com a Figura 5, intervenções urbanas em São Francisco aumentou em

4% a circulação de pedestres, 11% no volume de ciclistas, além transformar cerca de 5.600 m<sup>2</sup> de vias em espaços de convivência (GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE, 2023).

Figura 5 – Indicadores de impacto da conversão de vias em espaços públicos em São Francisco



Fonte: GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE (2023).

No Brasil, destaca-se o projeto "Cidade para Pessoas", em São Paulo, que usou o urbanismo tático para requalificar áreas como o Largo da Batata, Avenida Paulista e outros centros urbanos. Com ações temporárias — como fechamento de ruas para veículos aos domingos, instalação de parklets e mobiliário urbano — foi possível avaliar o impacto direto dessas mudanças na vida urbana e no comportamento dos usuários. A Figura 6 demonstra a aplicação de urbanismo tático no bairro da Liberdade, em São Paulo, onde parte da via foi convertida em área de pedestres com mobiliário urbano (DOX, 2021).

Figura 6 – Intervenção urbana no bairro da Liberdade (SP) utilizando urbanismo tático



Fonte: DOX (2021).

Estes estudos de caso revelam a importância de articular práticas técnicas com os ditos “saberes populares” ou mesmo a vivência e o saber empírico da população local. Como destaca Francesco Indovina na obra *La città diffusa* (1997) “o planejamento urbano se mostrou amplamente ineficaz, no sentido de que a cidade e o território que temos hoje não são o que aspiramos e o que tentamos construir por meio de uma ferramenta complexa de planejamento

urbano” (1997, p. 45). O urbano contemporâneo é fragmentado, múltiplo e marcado por lógicas de exclusão. Assim, qualquer tentativa de transformação significativa deve reconhecer a complexidade das tramas sociais e espaciais locais, evitando soluções generalistas e desconectadas da realidade vivida

O urbanismo tático se consolida como uma metodologia ágil, democrática e centrada nas pessoas. Ao permitir experimentações diretas no espaço urbano, ele reforça o protagonismo dos cidadãos na construção da cidade e promove uma cultura de planejamento urbano mais inclusiva e responsiva. Como bem expressa Lefebvre, "transformar a vida cotidiana" é um imperativo — e o urbanismo tático oferece ferramentas concretas para que isso ocorra, um espaço urbano de cada vez.

#### **2.4. Potenciais e Possibilidades**

A partir dessa base teórica e das referências práticas, evidencia-se a relevância de um estudo de intervenção urbana para o Parque Amazonas que seja construído a partir do cotidiano e das demandas de seus moradores. A combinação entre o planejamento participativo e o urbanismo tático abre caminhos para um urbanismo mais sensível, inclusivo e eficaz.

As contribuições de Jacobs, Lefebvre, Indovina e Rolnik revelam diferentes dimensões do urbano: a vitalidade do espaço vivido, o direito à cidade, a complexidade socioespacial e a crítica estrutural ao planejamento excludente. Ao articular essas perspectivas com as vozes dos usuários do bairro, este trabalho busca construir um plano de necessidades e diretrizes de intervenção verdadeiramente orientado pela realidade local.

Segundo Lydon e Garcia (2015), autores do livro *Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*, o urbanismo tático é "uma maneira de catalisar mudanças positivas através de ações urbanas rápidas, muitas vezes temporárias, que testam ideias antes de se tornarem permanentes". Essa filosofia parte da ideia de que transformações urbanas não precisam depender exclusivamente de grandes investimentos ou de processos longos e burocráticos. Pelo contrário, ações pontuais podem gerar dados valiosos e envolver a comunidade de maneira significativa.

Um dos exemplos mais emblemáticos dessa abordagem é o projeto "Times Square Pedestrian Plaza", em Nova York. Inicialmente concebido como uma intervenção temporária em 2009, o fechamento de partes da Broadway ao tráfego de veículos e a instalação de mobiliário urbano simples permitiram a análise dos impactos sobre a circulação de pedestres, comércio e segurança viária. A iniciativa foi um sucesso: o espaço passou a atrair mais pessoas, houve aumento nas vendas do comércio local e redução de acidentes, levando à sua implementação definitiva em 2014.

Como destaca Janette Sadik-Khan, ex-comissária de transportes da cidade e uma das idealizadoras do projeto, “o urbanismo tático nos permitiu experimentar mudanças que teriam sido quase impossíveis de implementar de forma tradicional”. A Figura 7 mostra a mudança no uso do espaço urbano na Times Square, refletindo intervenções urbanísticas recentes (NEXT CITY, 2023).

Figura 7 - Comparação da Times Square antes e depois da requalificação urbana



Fonte: NEXT CITY (2023).

Inspirada por essa filosofia, a cidade de São Francisco lançou o programa "Pavement to Plazas", que busca converter áreas subutilizadas, como alargamentos de calçada e trechos de rua pouco movimentados, em praças públicas com mobiliário temporário e intervenções artísticas. Com participação ativa de moradores, comerciantes e organizações locais, esses espaços são monitorados e avaliados continuamente. As soluções bem-sucedidas tornam-se permanentes, promovendo maior equidade no uso do espaço urbano e incentivando o convívio social. A Figura 8 ilustra a transformação de um espaço urbano subutilizado em São Francisco em uma área mais atrativa para pedestres, com aumento na atividade de caminhada e sensação de segurança (GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE, 2023).

Figura 8 - Transformação de espaço urbano - projeto Pavement to Parks, em São Francisco (EUA)



Fonte: GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE (2023).

No Brasil, a cidade de São Paulo adotou princípios semelhantes com o programa "Cidade para Pessoas", lançado em 2013, que promove a humanização dos espaços públicos com base em dados e observação direta do comportamento dos pedestres. Inspirado nas ideias de Jan Gehl (2010), urbanista dinamarquês que defende a criação de cidades orientadas para o bem-estar humano, o projeto inclui intervenções como a ampliação de calçadas, instalação de mobiliário urbano, e ações de acalmamento de tráfego. Segundo Gehl, “fazer cidades para as pessoas significa tornar o espaço público mais convidativo para caminhar, parar, encontrar e interagir” (Cities for People, 2010). A Figura 9 apresenta uma intervenção urbana realizada no centro de Sorocaba, que ampliou calçadas e espaços para pedestres com o uso de mobiliário urbano e pintura no solo (G1, 2019).

Figura 9 - Projeto de ampliação de calçadas na cidade de Sorocaba – SP



Fonte: G1 (2019).

Esses casos ilustram como a participação popular na concepção e na leitura do espaço urbano pode servir como laboratório do viver da cidade, onde ideias são testadas em escala real, com feedback direto dos usuários. A metodologia baseada na experimentação permite que políticas públicas sejam ajustadas com base em evidências empíricas, o que aumenta sua eficácia e legitimidade social. A Figura 10 ilustra como intervenções de ativação cultural temporária, como a Feirinha São Luís – um exemplo de urbanismo tático na cidade, que contribuem para a apropriação do espaço público, estimulando o comércio local, a mobilidade ativa e a permanência de pessoas no centro histórico (IMIRANTE, 2023).

Figura 10 – Feirinha São Luís ativando o espaço público do centro histórico



Fonte: IMIRANTE (2023).

Além disso, o engajamento da comunidade desde a concepção até a avaliação das intervenções cria um sentimento de pertencimento e empoderamento, fortalecendo os laços sociais e promovendo o uso mais democrático do espaço urbano. Em um cenário de crescente demanda por cidades mais humanas, acessíveis e sustentáveis, a escuta e interlocução com a população local se apresenta como possibilidade metodológica e uma ferramenta ágil, inclusiva e eficaz para pensar melhor esses espaços. Sua força está na capacidade de agir de forma estratégica, aprendendo com a prática, ouvindo os usuários e moldando o espaço urbano com base em suas vivências e necessidades reais.

### 3. ENTENDENDO A DINÂMICA DO ESPAÇO

Este capítulo servirá como ponto de partida para a construção de uma análise do bairro Parque Amazonas, esse “diagnóstico” será obtido através da percepção dos usuários através de dinâmicas de grupo, entrevistas e conversas acerca da perspectiva que estes possuem, mediante as suas vivências e experiências cotidianas. Durante as dinâmicas os participantes também são provocados com questionamentos que os convidam a pensar como agentes de mudança e transformação do bairro, buscando fortalecer o vínculo entre o usuário e o espaço público. Abaixo seguem alguns exemplos de questionamentos que foram empregados:

- Caso exista, qual aspecto do bairro mais incomoda você atualmente?
- Você traria elementos urbanos ou estruturas de outras localidades para o bairro?
- Você consegue enxergar algum potencial oculto no bairro? Qual?
- Qual é o seu grau de satisfação com esse espaço urbano e o que você mudaria?
- Imagine que você acabou de ser eleito (a) subprefeito (a) do bairro, qual seria a sua primeira medida como gestor público?

Essa etapa do trabalho foi realizada com o intuito não apenas de diagnosticar um retrato do bairro e elencar elementos de mudança e transformação, mas também de fomentar a sensação de pertencimento e o sentimento de protagonismo do usuário em relação ao ambiente urbano, colocando-o em seu devido lugar de direito. Como aponta Jane Jacobs, “onde há confiança no uso das ruas, desenvolve-se um espírito de pertencimento entre os moradores” (JACOBS, 2001, p. 86). A autora defende que o envolvimento cotidiano das pessoas com os espaços públicos é fundamental para a construção de vínculos sociais e afetivos com a cidade, permitindo que os cidadãos se reconheçam como parte integrante e ativa do tecido urbano.

#### 3.1. Retrato do espaço urbano

Como forma de compreender o território de estudo sob a ótica dos moradores e demais usuários do bairro, será desenvolvido um recorte visual e escrito do Parque Amazonas tendo como base o resultado das conversas realizadas com os usuários deste espaço urbano,

essa representação ocorrerá de forma bastante visual, na qual será destacada e transcrita uma parcela das falas dos entrevistados juntamente com imagens que exemplifiquem e traduzam o contexto às quais elas pertencem:

"A minha rua e as próximas são muito boas de morar, só que muito paradas, é praticamente só casa do começo ao fim, logo eu não sou muito de andar também, e como não temos muita opção do que fazer por perto (comércio, lazer e outros usos) não me motiva a sair de casa, mas se tivesse uma praça legal, arborizada, com um parquinho para eu ir com meu neto no final da tarde com certeza eu iria." – Moradora do bairro. Essa deserção urbana é exemplificada conforme demonstra a Figura 11, que une duas fotos de vias do bairro – sendo a primeira a esquina da Rua Glads Brenha com a Rua Juruá e a segunda da Avenida Solimões.

Figura 11 – Deserção urbana presente no bairro Parque Amazonas



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"A gente vê muito terreno vazio por aqui, matagal, lixo, bicho... Podiam transformar esses lugares em áreas úteis, tipo hortas comunitárias ou espaços esportivos. Seria bom até para tirar os jovens e os outros moradores de dentro de suas casas e trazê-los um pouco para a rua, eu acho que seria legal esse convívio com a vizinhança." – Moradora do bairro. A Figura 12 apresenta casas em situação de abandono – fotos retiradas da Avenida Solimões e da Rua Juruá.

Figura 12 – Exemplos de casas vazias e abandonadas no interior do bairro



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"Meu sonho era ter um espaço aqui no bairro para fazer caminhada, praticar um esporte, ou alguma atividade física com meus filhos e minha esposa. Hoje, para eu conseguir correr ou andar de bicicleta de forma mais segura, eu tenho que ir até o outro lado da cidade, já tentei caminhar com eles naquele calçadão do outro lado da avenida (dos Africanos), mas até chegar lá e achar um bom local para atravessar é muito complicado." – Morador do bairro. A Figura 13 apresenta uma localidade estratégica para uma possível instalação de uma praça, com equipamentos e mobiliário urbano de lazer e estar – localizada ao lado da Igreja do Bom Pastor.

Figura 13 – Área verde abandonada com potencialidade para abrigar equipamento público



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"Eu conheço muita gente que quer empreender aqui, abrir lanchonete, vender salgado e bolo, salão, loja... mas falta estrutura e, querendo ou não, é um bairro que fica meio escondido. As ruas são mal sinalizadas e quase sempre, quando fico na porta, aparece alguém pedindo informação de nome de rua e ponto de referência, além de achar meio perigoso por conta de ficar meio deserto às vezes." – Morador do bairro.

"Rapaz, eu gosto de morar aqui, é sossegado e tranquilo, só à noite que fica meio esquisito. O negócio é que tudo que precisa fazer a gente tem que sair daqui, ou vai ao BF (Bairro de Fátima) ou Centro, ou mesmo ao shopping. Mercado bom aqui não tem, nem farmácia, nenhum barzinho, aqui não tem opção de lazer também. Se houvesse um lugar aqui perto que me oferecesse isso, com certeza eu iria, sem problema." – Morador do bairro.

"Eu tenho dois filhos pequenos e eles estão naquela fase de querer brincar o tempo todo, só que eu não deixo eles brincarem fora de casa, primeiro por causa da violência (...), segundo porque não tem lugar seguro ou adequado para eles irem. Na rua paralela à que moro até tem uns meninos mais velhos que brincam na rua de bola no asfalto e soltam pipa, só que na minha rua tem muita casa para vazia e para vender e terreno baldio, confesso que fico com medo de deixá-los ir até lá e acontecer alguma coisa com eles." – Moradora do bairro.

"Sinto falta de um lugar que a gente pudesse sentar e conversar com os vizinhos, eu tenho uma boa relação com os meus, até porque moro aqui há quase 30 anos e conheço bastante gente que mora aqui. Antigamente tinha uma praça nas proximidades da Avenida (dos Africanos), mas foi se acabando, a prefeitura não fazia a manutenção, a gente aqui do bairro não se juntou para tentar manter, deixaram largadas as coisas por lá, hoje está tomada pelo mato e já ouvi muita gente reclamando que já foi assaltada ali." – Morador do bairro.

Assim como demonstrada na Figura 14 um exemplo do abandono, descaso e mal-uso dos equipamentos públicos por parte da população, com lixo sendo descartado de forma inadequada, com um detalhe irônico de ser realizado às margens do Ecoponto, local esse que deveria servir como ponto de coleta e triagem de resíduos – as fotos foram feitas com o ponto de vista da Rua A8 e da Avenida dos Africanos respectivamente.

Figura 14 – Exemplo de abandono e má utilização do espaço público



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"Trabalho num mercadinho aqui e percebo que a grande maioria dos moradores sente falta de opções, às vezes até tem o que eles procuram, mas não tem as marcas que eles querem e reclamam que não tem outro lugar para procurar por perto. Muitos vão comprar na Areinha, ou no Bairro de Fátima e até no Centro por falta de variedade. Uma galeria de lojas variada, como um mini shopping local ia fazer sucesso aqui, poderia ser até um espaço para vir aquela feira itinerante da cidade que cada dia está em um lugar, no bairro que minha mãe mora (Divinéia) todo domingo tem e ela faz a feira da semana lá." – Trabalhador do bairro.

"O transporte para cá é muito limitado, só tem uma linha de ônibus que passa dentro do bairro e, se você perder o ônibus das 07:30 h que sai da (Terminal da) Praia Grande, já atrasa todo o teu dia, porque até tem bastante opção que passa na (avenida dos) Africanos, só que fica um pouco distante da casa que trabalho. Eu ficaria muito feliz se tivesse uma linha de ônibus mais frequente e com horário mais confiável. Não vou mentir, não gosto de descer lá do outro

lado da avenida e vir andando até aqui, além de atravessar ali, que é muito perigoso porque tem muito carro passando rápido ainda tem aquele matagal que é esquisito" – Trabalhadora.

“Eu moro no Filipinho, então não é muito longe para vir, só que a parada de ônibus é muito distante daqui e atravessar aquele matagal tanto de manhã como à noite é perigoso, tenho muito medo de ser assaltada ou coisa pior, às vezes eu espero e peço ao rapaz da ronda que anda naquela moto para me acompanhar, mas nem sempre dá certo. ” – Trabalhadora. A Figura 15 apresenta os pontos de ônibus e a presença de uma vegetação que transmite a sensação de insegurança aos usuários desse ponto do bairro.

Figura 15 – Pontos de ônibus localizados na Avenida dos Africanos



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"As casas até que são boas, mas o entorno não ajuda muito, me sinto insegura de andar durante o dia e principalmente à noite. Tem muito imóvel abandonado, que hoje só serve como esconderijo de bandidos, de ratos e mosquitos da dengue. Isso prejudica tanto o valor dos outros imóveis do bairro como também pode trazer problemas de saúde." – Moradora do bairro. A Figura 16 mostra dois exemplos que corroboram com a fala da moradora, dois imóveis de grande porte abandonados – ambos localizados na Avenida Solimões.

Figura 16 – Imóveis abandonados localizados em diversos pontos no interior do bairro



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"Tenho uma hamburgueria aqui em casa mesmo e às vezes é um pouco complicado de vender. À noite aqui na rua é meio escuro e ela fica deserta, muitos clientes ficam receosos de vir e comer aqui por conta disso. Já tentei ver outro lugar para mudar com minhas coisas, mas não encontro. Se tivesse mais segurança ou um local que favorecesse esse tipo de empreendimento, com certeza mais gente investiria no bairro, porque tem público só que a grande maioria prefere o delivery do que vir até aqui comer." – Morador e trabalhador do bairro.

"Eu moro e tenho uma padaria aqui no bairro e o que eu posso dizer é que o movimento é muito fraco para manter aberto o dia todo, porque não tem movimento e como eu não tenho uma oferta grande de produtos as pessoas só vem mesmo à procura do pão e voltam, só os meus vizinhos que vêm e ficam sentados na porta conversando, até eu fechar. Aqui não tem praça, não tem quadra, não tem ponto de encontro que chamasse as pessoas para sair um pouco mais de casa, com certeza eu me sentiria mais seguro se existisse isso e ficaria mais tempo com a padaria aberta." – Morador e trabalhador do bairro. Como apresentada nessa fala, a sensação de abandono e insegurança é refletida fisicamente no território por diversos elementos, assim como demonstrada na Figura 17 a qual mostra desde veículos deixados nas vias como imóveis sem uso – as fotos foram tiradas na Rua Trombetas e na Avenida Solimões.

Figura 17 – Veículos e imóveis abandonados em pontos diversos do Parque Amazonas



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"Não moro aqui, mas tenho amigos que moram. Gosto da tranquilidade, mas sinto que falta uma identidade pro bairro, lembro que quando eles me falaram onde moravam pela primeira vez estranhei porque nunca havia ouvido falar do bairro, e foi até difícil pra eles me explicarem onde era e me dar um ponto de referência que eu conhecesse. Tudo aqui parece muito aleatório, sem planejamento ou como se houvesse algo pensado propriamente para cá. Acredito que se houvesse algo mais chamativo no próprio bairro faria toda a diferença, e seria mais fácil até de localizar ele dentro da cidade." – Visitante do bairro.

A fala anterior se justifica, dentre muitos aspectos, pela presença da grande área verde que “esconde” e isola o bairro do restante da cidade, como demonstrado na Figura 18, essa região abandonada e negligenciada ocupa um espaço considerável, além de conter uma vegetação adensada em determinados pontos – o que inviabiliza as pessoas de transitar no interior desse local, tornando praticamente impossível notar que existe um bairro por trás dela. As fotos apresentadas abaixo foram retiradas da perspectiva da calçada presente na Avenida dos Africanos e, mesmo desse ponto de vista, é bastante difícil avistar o bairro.

Figura 18 – Grande área verde presente no bairro – atualmente sinônimo de insegurança



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

"Visito minha irmã que mora aqui junto com a minha mãe e sempre comento com ela: o bairro tem um espaço bom, mas é muito mal aproveitado. Com tanta área livre e uma boa área verde, dava para fazer um parque, uma praça boa para oferecer a vocês uma opção de lazer e um lugar para ir durante o dia ou à noite, um centro comunitário, um espaço com bancos e fazer um lanche com os vizinhos, sei lá." – Visitante do bairro. A Figura 19 mostra um dos espaços verdes abandonado no bairro às margens da Avenida dos Africanos, essa localidade carrega um potencial gigantesco capaz de abrigar diversos equipamentos urbanos – como praças, quadras, quiosques, bancos, playgrounds, mobiliário urbanístico de lazer e exercícios – tanto pelo seu dimensionamento como pelo posicionamento estratégico.

Figura 19 – Área verde abandonada e degradada com imensa potencialidade urbanística



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Em resumo, é notável nas falas usuários do bairro que o Parque Amazonas é uma localidade com uma baixa movimentação urbana de pedestres, pouca ou quase nenhuma oferta de comércio no bairro que seja atrativa para a população local, com a exceção do Ecoponto o bairro não possui outro prédio de uso institucional que fomente de alguma forma o trânsito de pessoas ou serviço, além de praticamente inexistir mobiliário ou espaço urbano com condições mínimas de uso. Quando somados, esses elementos trazem a sensação de abandono ao bairro, tornando-o pouco convidativo ao passeio de pedestres, afastando os usuários não permitindo haver o conceito de “olhos da rua” tão defendida por Jacobs. A Figura 20 demonstra duas fotos retiradas de localidades distintas – a da esquerda localizada na Avenida Solimões e a segunda na Rua Trombetas – e apresentando um problema recorrente no bairro, terrenos baldios que antes abrigavam casas e agora são sinônimo de vazio urbano no território estudado.

Figura 20 – Terrenos vazios dispersos no bairro são vazios urbanos assíduos no bairro



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

A ideia dos "olhos na rua" é um conceito bastante emblemático na literatura de urbanismo, especialmente quando se trata de segurança urbana. Jane Jacobs utiliza essa expressão para descrever as pessoas que, de forma direta ou indireta, utilizam ou observam os espaços públicos, seja fisicamente ou das suas residências, promovendo uma vigilância espontânea e natural. Este fenômeno é incentivado por meio da criação de espaços públicos de qualidade e pela interação entre os espaços públicos e privados, especialmente nas fachadas das construções. Dentro dessa ideia, propor uma abordagem de planejamento urbano que incentive o contato direto dos usuários do bairro com a rua e os demais elementos dele, poder reavivar o sentido de comunidade e segurança dos moradores e demais usuários.

### 3.2. Usos e ocupações do solo, infraestrutura e espaços públicos

Com o avanço no reconhecimento do bairro foi necessário levantar alguns dados, desse modo, essas informações foram coletadas com o objetivo de compreender e representar os principais usos, ocupações do solo, infraestruturas existentes e as dinâmicas presentes no bairro Parque Amazonas. Essa fase foi desenvolvida em conjunto com a fase anterior desse estudo, baseando-se na escuta ativa da população local. Essa abordagem busca revelar não apenas os aspectos físicos e funcionais do espaço urbano, mas também as vivências, carências, potenciais e afetividades que atravessam o cotidiano de quem habita o território estudado. Além disso a escuta ativa dos usuários, neste contexto, torna-se uma ferramenta essencial para a elaboração de propostas urbanísticas mais sensíveis, coerentes com as necessidades reais da comunidade e capazes de promover a requalificação e a valorização do território.

A Figura 21 apresenta a localização do bairro no contexto da cidade, foi destacada a área de estudo com a intenção de demarcar o território de abrangência desse trabalho, foram nomeadas e as respectivas localidades vizinhas como os bairros da Areinha e Bairro de Fátima e o Rio Bacanga, visando a melhor compreensão das áreas limítrofes do bairro.

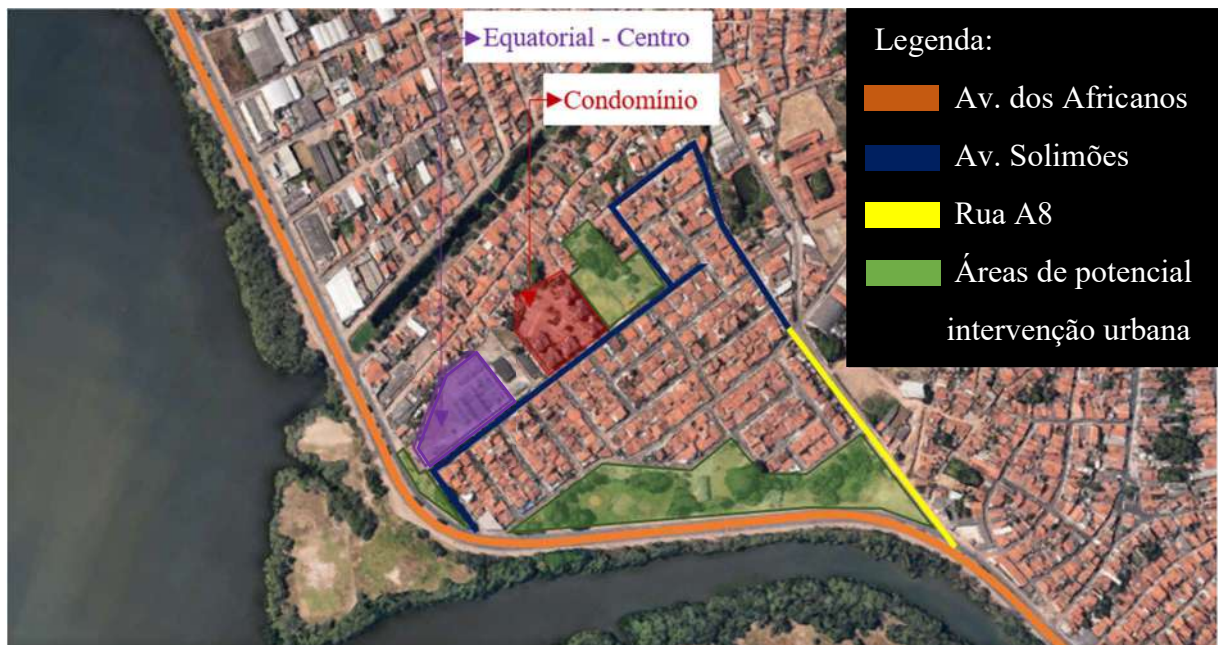
Figura 21 – Localização do bairro e os demais territórios adjacentes



Fonte: Google Earth (2025).

A Figura 22 destaca as principais vias do bairro, sendo elas a Avenida Solimões, sendo a principal via interna do bairro não só por sua extensão, mas também por receber a maior diversidade de usos do Parque Amazonas – como um condomínio residencial multifamiliar Lençóis Maranhenses, a sede da Construtora Parceria Engenharia, a subestação da Equatorial Unidade Centro além de diversos imóveis – de mesma forma, a Avenida dos Africanos, principal via de acesso do bairro juntamente com a Rua A8 que delimita o território de estudo com o Bairro de Fátima. Além das principais vias, foram destacadas as principais áreas com potencialidade para receber intervenções urbanas.

Figura 22 – Principais vias e pontos relevantes do bairro



Fonte: Google Earth (2025).

Com o intuito de categorizar e reunir as informações referentes ao bairro utilizando como base a ótica e as vivências dos usuários do Parque Amazonas, foram desenvolvidas tabelas que sintetizam dados como o uso e ocupação de solo, aspectos socioespaciais, infraestrutura e equipamentos urbanos e, como resultado desses levantamentos foram elencadas algumas potencialidades encontradas no bairro e destacadas durante as entrevistas e rodas de conversas realizadas com os moradores e demais pessoas que utilizam o espaço urbano do território de estudo.

- **Usos e Ocupação do solo**

A Tabela 01 demonstra de forma prática a compilação dos dados levantados juntamente com trechos de relatos dos usuários apresentando como é percebido o uso e ocupação de solo pelos usuários do Parque Amazonas.

Tabela 01 – Uso e ocupação do solo diante a perspectiva dos usuários

Categoria	Realidade percebida	Relatos
Residencial	Ocupação majoritariamente composta por residências unifamiliares, com pouca diversidade de uso.	“(…) A rua que moro só tem casa do começo ao fim” – Moradora
Uso misto	Falta de estabelecimentos comerciais e de serviços integrados ao cotidiano das residências.	“(…) É bem raro ver alguém querendo abrir um mercado no bairro” – Trabalhador.
Comercial	Existe somente um mercado de bairro, um restaurante, uma hamburgueria e uma padaria em todo território estudado.	“(…) É muito difícil quando tem que comprar alguma coisa aqui perto” – Morador.
Institucional	Dentro da área de estudo o único imóvel que cumpre essa função é o Ecoponto,	“Não conheço nada aqui que tenha esse papel” – Morador.
Terrenos vazios	Presença expressiva de lotes vagos, com a presença de resíduos e uma vegetação não atrativa para o uso do espaço.	“(…) O que mais eu vejo é terreno vazio, matagal, lixo, bicho...” – Trabalhadora.
Imóveis sem uso	Grande quantidade de imóveis desocupados e deteriorados, gerando insegurança e desvalorização imobiliária.	“(…) Minha rua tem duas casas abandonadas, fico com medo de passar por lá a noite” - Moradora

Como pode-se perceber o Parque Amazonas é um bairro que, em sua maioria, é ocupado por residências e oferece poucas opções de comércio e serviço aos seus moradores. Conforme foi levantado a Rua Itacoatiara, Rua Xingu, Rua Tapajós, Rua Jamunda, Rua Purús, Rua Trombetas, Rua Itaituba, Rua Parintins, Rua Santarém, Rua Canutama e Rua Juruá apresentam o uso exclusivamente residencial e, dentre elas, a maioria possui pelo menos um ou

mais imóveis em situação de abandono, fechado ou sem morador e à venda, fator esse que contribui para a sensação de deserção presente no bairro. As demais vias do bairro possuem algum imóvel que ofereça outro uso ao tecido urbano, em especial a Avenida Solimões, porém, mesmo com esse uso um pouco mais variado elas também apresentam vazios urbanos, que variam entre lotes baldios à casas e construções desabrigadas. A Figura 23 apresenta mais exemplos de imóveis e veículos abandonados na Avenida Solimões – principal via de circulação de pessoas, automóveis e serviços do bairro no Parque Amazonas dada a sua variedade de usos.

Figura 23 – Avenida Solimões mesmo com o uso de solo variado apresenta um cenário de deserção urbana



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

• **Infraestrutura Urbana e Equipamentos**

A Tabela 02 apresenta os dados levantados acerca da infraestrutura presente no bairro Parque Amazonas, nela são demonstrados aspectos físicos do território, assim como a percepção e recorte de falas dos moradores e outros usuários.

Tabela 02 – Infraestrutura Urbana e Equipamentos

Categoria	Realidade percebida	Relatos
Mobilidade e Transporte	Acessibilidade comprometida graças ao desgaste de calçadas. Travessia da Av. dos Africanos é crítica e perigosa.	“Para vir pra cá é melhor de carro ou moto, de ônibus é bem perigoso e complicado” – Trabalhadora
Calçamento e sinalização	Ausência de padronização das calçadas, sem rampas de acesso, vias de transito de pedestres, deficiência na sinalização das ruas e identificação dos logradouros.	“Eu já quase caí diversas vezes andando ali perto do ponto de ônibus vindo pra cá” – Trabalhador.
Mobiliário urbano	Inexistência de bancos nos espaços abertos, parquinhos, quadras ou espaços de lazer, além de uma iluminação inadequada para atividades noturnas	“Se tivesse uma praça legal, arborizada, com um parquinho (...) não tem quadra, não tem ponto de encontro...” – Moradora.
Equipamentos públicos	Antiga praça localizada nas margens da Avenida dos Africanos assim como as demais áreas abertas do bairro estão em situação de abandono.	“(,,) A prefeitura não fazia a parte dela, e a gente também não fez a nossa, então ficou tudo largado” - Morador
Áreas livres	As áreas verdes presentes no bairro são vistas como barreiras físicas, visuais e de acesso, além de colaborarem com a sensação de insegurança.	“Aquela região da Avenida poderia servir de alguma coisa, além de oferecer risco pra gente” – Trabalhadora.

Diante desse cenário pode-se afirmar que existe uma carência de infraestrutura física de qualidade no bairro, devido a diversos fatores, dentre eles a negligência por parte do

poder público e o desinteresse da população local – que abandonaram as áreas públicas, deixando de realizar as manutenções devidas e abandonando essas áreas, como resultado gerou o sucateando não só elementos visíveis no território como também a convivência dos usuários do Parque Amazonas, afinal, os espaços urbanos de qualidade são essenciais para promover a interação e a integração da população com a cidade.

Figura 24 – Exemplos de infraestruturas presentes no Parque Amazonas em situação de abandono



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Essa negligência é apresentada de forma bastante clara na Figura 23, que compila diversos cenários de descaso e abandono com o espaço público, infelizmente se tratam de situações recorrentes no Parque Amazonas que, por sua vez, acaba afetando como os usuários se relacionam com o próprio bairro. A infraestrutura desgastada transmite uma sensação de descaso, afastando ainda mais as pessoas do convívio social, o que, segundo amplamente abordado no referencial teórico desse trabalho é primordial para haver um ambiente vivo, dinâmico e que atenda – de forma completa – todos os anseios e expectativas da população.

A participação popular no processo de concepção e transformação urbana é um componente fundamental para a construção de cidades mais justas, democráticas e adequadas às realidades locais. Quando os moradores e demais usuários do espaço urbano são ouvidos e suas experiências são consideradas, as intervenções urbanas deixam de ser meramente técnicas e passam a incorporar valores culturais, sociais e afetivos indispensáveis à vida cotidiana.

No caso do Parque Amazonas, as falas revelam uma série de demandas recorrentes – por segurança, lazer, mobilidade e serviços – que dificilmente seriam percebidas apenas a partir de análises técnicas convencionais. A escuta ativa permite identificar não só os problemas objetivos do espaço urbano, como também os sentimentos de pertencimento, abandono ou potencialidade que os moradores associam ao território. Esse conhecimento torna-se estratégico na formulação de políticas públicas mais eficazes, que priorizem o uso coletivo e a apropriação qualificada do espaço urbano, além de fortalecer os laços comunitários e a cidadania.

- **Aspectos Socioespaciais e Urbanos**

Os aspectos socioespaciais e urbanos identificados no Parque Amazonas revelam um cenário marcado por fragilidades estruturais e simbólicas que impactam diretamente a qualidade de vida dos moradores. Há uma evidente carência de espaços de convivência, como praças, centros comunitários ou áreas de lazer, o que contribui para uma precária interação social e o enfraquecimento de vínculos com a vizinhança.

A sensação de insegurança é recorrente, alimentada por ruas desertas, iluminação urbana precária, terrenos baldios e imóveis abandonados, tornando o ambiente hostil, principalmente no período noturno. Soma-se a isso uma percepção de desvalorização e isolamento, visto que o bairro é pouco conhecido, mal integrado ao restante da cidade e encoberto por barreiras vegetais que dificultam sua visibilidade e acessibilidade.

A Tabela 03 reúne e demonstra um panorama geral das sensações descritas pelos usuários do bairro durante as conversas e entrevistas realizadas, essas percepções sintetizam boa parte das falas dos usuários e do “diagnóstico urbano” que já foi apresentado até agora.

Tabela 03 – Infraestrutura Urbana e Equipamentos

Condição urbana	Características e percepções dos usuários
Falta de espaços de convivência	Carência de espaços que incentivem a permanência e a interação social (praças, parques, centros comunitários).
Sensação de insegurança	A abundante presença de terrenos baldios, ruas pouco movimentadas e imóveis vazios reforçam o medo.
Desvalorização e isolamento urbano	O bairro é pouco conhecido na cidade, “escondido” por barreiras verdes e ausência de marcos urbanísticos.
Potencial comunitário e empreendedor	Moradores demonstram vontade de empreender e ativar o bairro, mas enfrentam falta de estrutura e incentivo.
Falta de identidade urbana	Ausência de marcos simbólicos, espaços públicos atrativos ou identidade coletiva dificulta pertencimento ao local.
Sentimento de abandono	Percepção de negligência pública e cívica nos cuidados com o espaço urbano e infraestrutura.

A Figura 25 compila exemplos de áreas e regiões do bairro que apresentam as condições acima mencionadas na tabela anterior, condições essas que foram amplamente discutidas e mencionadas por diversos usuários do Parque Amazonas durante as rodas de conversa e abordagens nas ruas território de estudo. Durante a escuta realizada, foram recorrentes as falas abordando as características e desejos de intervenções no bairro, o que colocou os moradores e visitantes da comunidade como agentes ativos e idealizados do espaço urbano e não só meros espectadores coadjuvantes alheios da dinâmica urbana.

Figura 25 – Áreas com potencial urbanístico que não ofertam mobiliário urbano ou atrativo para comunidade



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

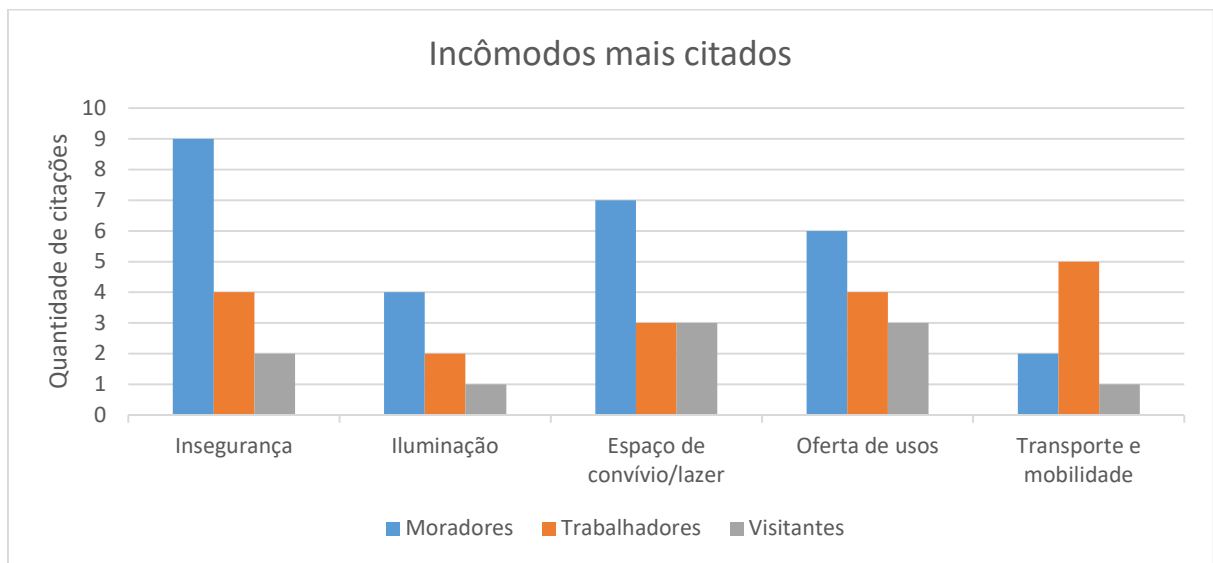
Apesar dessas dificuldades, nota-se um potencial comunitário e empreendedor latente, com moradores interessados em abrir negócios e dinamizar o bairro, mas que esbarram na ausência de suporte estrutural e segurança. A falta de identidade urbana também se destaca, uma vez que o bairro carece de marcos físicos e simbólicos que promovam sentimento de pertencimento e reconhecimento. Por fim, é notável o sentimento de abandono entre os moradores, resultado da negligência pública em relação à manutenção dos espaços e à promoção de melhorias urbanas, o que reforça uma imagem de descaso tanto institucional quanto coletivo.

### 3.3. Demandas e percepções da comunidade

Essa etapa do trabalho reuniu as temáticas e demandas mais mencionadas pelos usuários durante as conversas com os entrevistados, esses temas foram representados através de gráficos buscando transcrever de forma mais visual as expectativas e percepções que as pessoas possuem do bairro, juntamente com recortes de falas pertinentes ao assunto e contexto do tema. A elaboração desses gráficos tem como objetivo principal otimizar a visualização dos tópicos mais abordados quando o usuário do Parque Amazonas é convidado a pensar como um agente transformador no bairro.

Um dos temas mais sensíveis e recorrentes ouvidos foram os incômodos sentidos e mencionados pelos usuários, conforme apresentado na Figura 26 abaixo através do gráfico:

Figura 26 – Gráfico dos incômodos mais citados pelos usuários



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

“Existe uma coisa que me chateia um pouco em morar aqui, é a incerteza, quando eu volto para casa, da minha rua estar devidamente iluminada. Quando desço do ônibus já fico apreensiva e imaginando se terei que esperar algum vigia de rua, ou o rapaz da ronda do bairro, ou algum conhecido aparecer para me acompanhar até minha casa, da parada do ônibus até lá tem umas áreas escuras e fico com medo de passar por lá.” – Moradora do bairro.

“Ano passado, no período de chuva, acabei me atrasando para chegar no serviço e, na tentativa de ganhar tempo, fui tentar atravessar aquele matagal que fica perto da avenida (dos

Africanos) por um atalho, só que para o meu azar não vi um buraco que tinha já quase chegando na calçada, como estava encoberto pela água não vi, acabei caindo e, por pouco, não quebrei a perna, mas torci o pé na hora e me arranhei nas mãos e cotovelos, até o rapaz que trabalha como vigia me socorrer foram quase quinze minutos sentindo dor e chamando por alguém, desde esse dia não ando mais por ali de jeito nenhum.” – Trabalhadora do bairro. O local relatado pela usuária foi visitado e registrado, conforme apresentada abaixo pelas imagens da Figura 27.

Figura 27 – Vegetação em excesso da área abandonada oferecendo riscos aos pedestres do espaço urbano

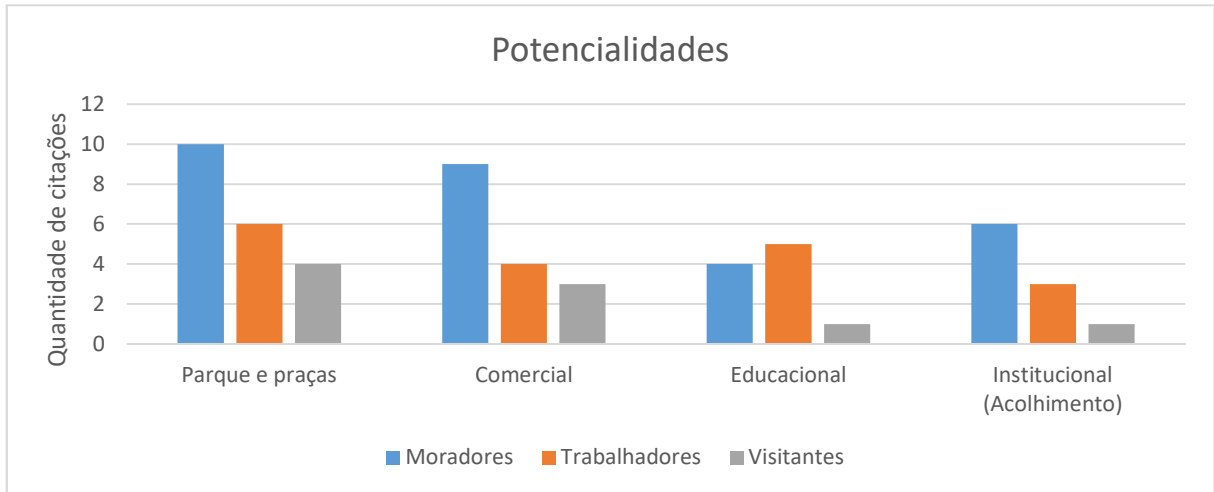


Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A análise do bairro Parque Amazonas a partir das vozes de seus moradores evidencia um território marcado por uma urbanização fragmentada, com ausência de equipamentos públicos, infraestrutura deficitária e baixa vitalidade urbana. Entretanto, também revela que ainda existe parte da comunidade com desejo, convivência e melhorias concretas para o seu entorno. Outro ponto bastante frisado durante a escuta dos usuários foram as potencialidades que o Parque Amazonas possui, defendidas através de exemplos e referências que ocorreram em outros pontos da cidade, nas quais segundo a percepção deles, caso fossem

devidamente trabalhadas, poderiam impactar na dinâmica e no convívio de todos dentro e fora do bairro. As potencialidades foram do bairro foram reunidas e apresentadas conforme apresentado na Figura 28 abaixo através do gráfico:

Figura 28 – Gráfico dos incômodos mais citados pelos usuários



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

“Às vezes quando eu venho no ônibus com a minha colega conversando e também com minha patroa, a gente fala que se esse bairro tivesse uma creche-escola seria ótimo, porque a gente ficaria bem mais despreocupada com os nossos meninos. Eu e ela saímos cedo de casa e já deixamos eles prontos, mas no meio do caminho a gente se separa, se dependesse de mim eu preferiria que eles viessem comigo todos os dias. Já os filhos da minha patroa quando voltam da escola (localizada no Anil) acabam indo para um reforço escolar lá na Cohab, se fosse aqui seria melhor pra ela, só o trânsito pra ir e voltar é bem desgastante.” – Trabalhadora do bairro.

”Aqui no bairro moram muitos idosos, se houvesse alguma ação social, ou um espaço voltado para o acompanhamento ou acolhimento dessa parte da população seria incrível. A minha mãe, precisa ir ao pilates quase que diariamente, a minha tia, que é quase vizinha dela faz duas a três sessões de fisioterapia durante a semana, e elas precisam sair daqui até o Maranhão Novo para cumprir essa rotina, se fosse oferecido aqui um local apropriado que as atendesse no próprio bairro seria incrível, iria atender a elas e a todos os outros idosos que também necessitam desse tipo de atendimento. Poderia ser uma praça com equipamentos de ginástica, ou um centro especializado para acolhimento de idosos. – Moradora do bairro.

“Moro no Cohatrac e sempre que venho visitar meus primos, buscar eles para sair, ou passar um final de semana, ou em alguma festa de família a gente precisa antes passar em

algum supermercado para comprar coisas simples, porque aqui não tem nenhum comércio que a gente possa comprar, fora que se tivermos vontade de fazer algo diferente como dar uma volta pra tomar uma água de coco ou fazer uma caminhada precisamos pegar o carro e nos deslocarmos até o Rangedor ou à Litorânea, eles comentam que sentem falta de um espaço assim aqui perto, aquela grande área verde na entrada do bairro seria um excelente local para fazer um parque ou uma grande praça que atendessem eles.” – Visitante do bairro.

As falas coletadas apontam caminhos possíveis para um redesenho urbano sensível às reais necessidades da população, com foco em seus potenciais abordados, em especial a criação de espaços públicos de qualidade e o incentivo ao comércio local. Ao integrar essas perspectivas populares ao planejamento urbano, abre-se a oportunidade de romper com a lógica da cidade excludente e invisibilizadora, promovendo uma nova forma de pensar o espaço urbano – mais participativa, equitativa e sustentável. A falta de usos variados dentro da área de estudo é algo notório e uma grave problemática para a dinâmica urbana, como exemplo dessa escassez de usos do Parque Amazonas a Figura 29 mostra os poucos exemplos de comércio e serviços ofertados no bairro, todos se localizam no principal corredor do bairro.

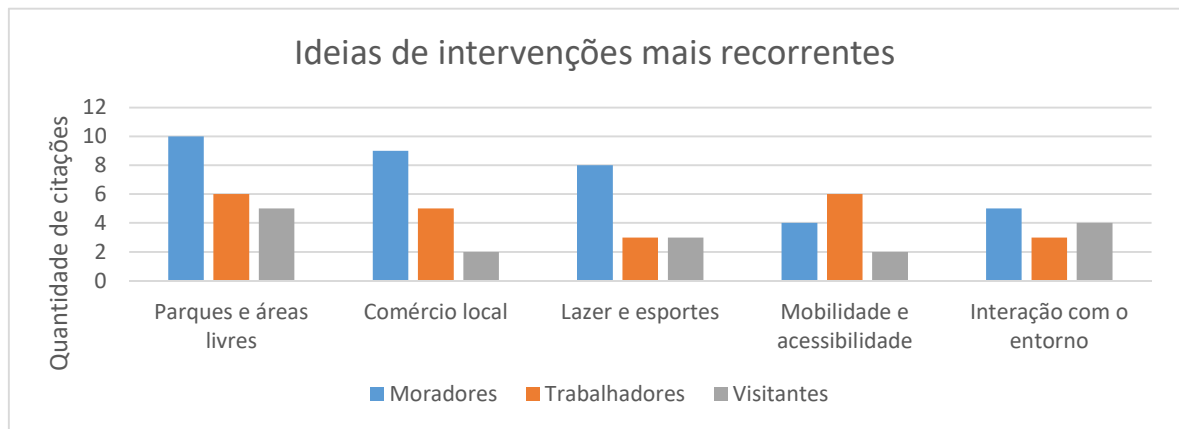
Figura 29 – Restaurante, comércio de bairro, construtora e condomínio – todos localizados na Av. Solimões



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Dentre as falas ouvidas durante as dinâmicas de grupo, muitas ideias de intervenção foram debatidas e colocadas em discussão (seja pela possibilidade de execução, seja pela viabilidade de implementação pelos agentes públicos), por vezes as colocações dos usuários se complementavam o que fomentou muito a interação entre os próprios participantes, também foi notório um sentimento de comunidade durante as discussões, os argumentos apresentados enriqueceram e fundamentaram os reais desejos e elucidaram aspectos talvez nunca antes debatidos por eles, entre as ideias mais citadas e mencionada podem-se destacar as apresentadas conforme apresenta a Figura 30 mostra:

Figura 30 – Gráfico das principais ideias de intervenção

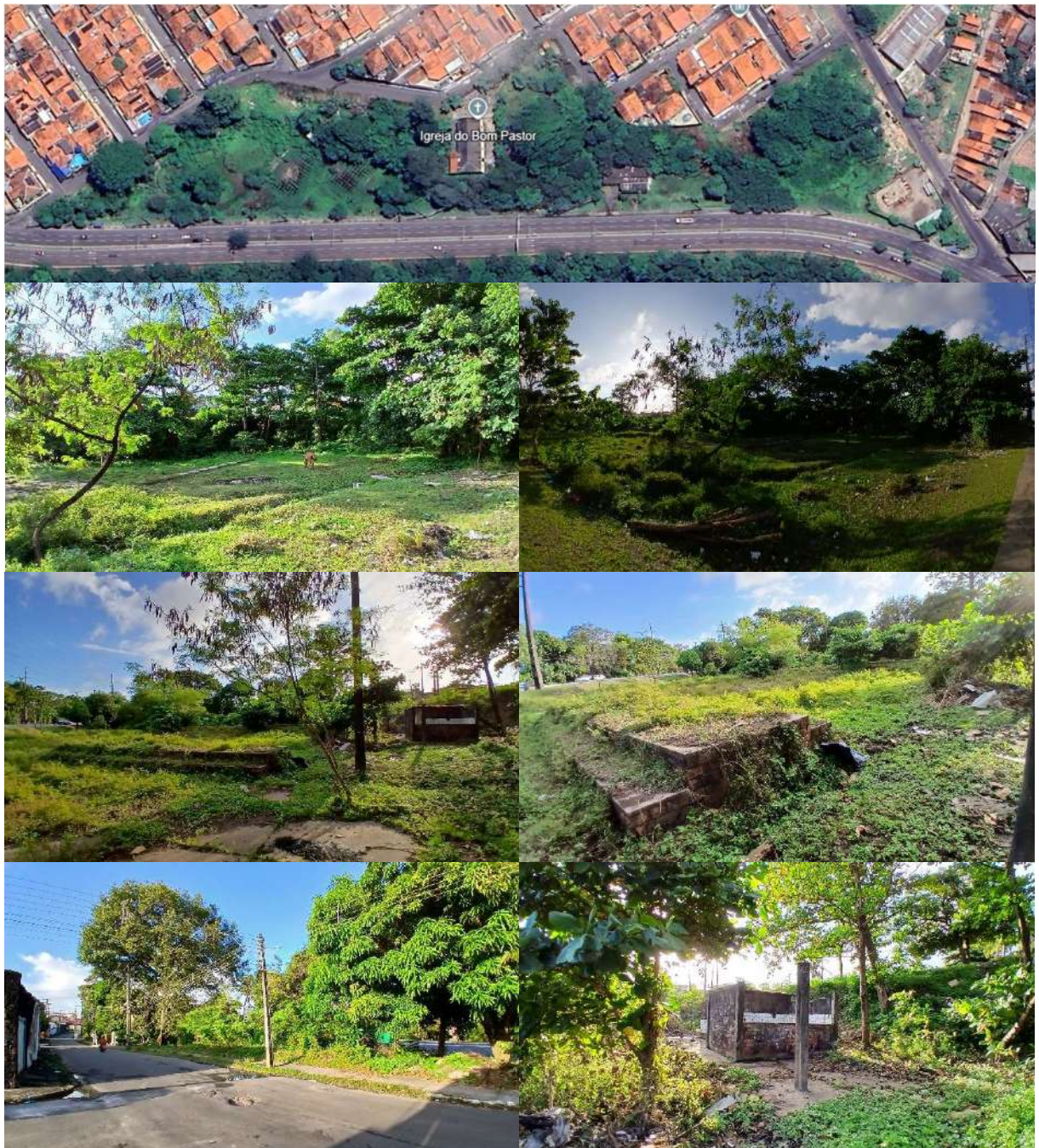


Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Após a análise de todas as informações e aspectos abordados nesse levantamento pode-se afirmar que as ideias e as falas de diferentes usuários se complementam e, quando representadas e compiladas nos temas dos gráficos, fica mais nítida a correlação entre elas. Para exemplificar de forma mais direta, temos uma considerável parcela dos usuários que citaram a grande área verde abandonada às margens da Avenida dos Africanos como um incômodo, que atualmente é um vazio urbano que “esconde” o bairro do restante da cidade.

Pelo fato de estar localizada em uma área estratégica do bairro e ter uma dimensão bastante expressiva configura um potencial para o bairro não explorado e, por conseguinte, surgem ideias de intervenção para essa área, como um parque com um mobiliário urbano que atenda as mais diversas demandas da população local e vizinhas, praças, quadras para a prática de esporte, locais de convívio e de estar para todos. A Figura 31 reúne imagens de satélite destacando a sua dimensão com relação aos outros elementos urbanos, juntamente com imagens a nível de solo mostrando os detalhes desse espaço urbano.

Figura 31 – Principal área de intervenção do Parque Amazonas – de acordo com o estudo



Fonte: Google Earth e elaborado pelo autor (2025)

A democratização do pensar o urbano, mais especificamente acerca do bairro Parque Amazonas, proporcionou aos entrevistados a possibilidade de se debruçar sobre o tecido da cidade e se colocar como agentes de idealização, construção e transformação dele, fomentando assim a sua civilidade e os convidou a perceber que a relação do indivíduo com o seu território afeta não só a si individualmente, mas sim toda a comunidade e seu entorno.

### 3.4. Potencialidades e desafios encontrados

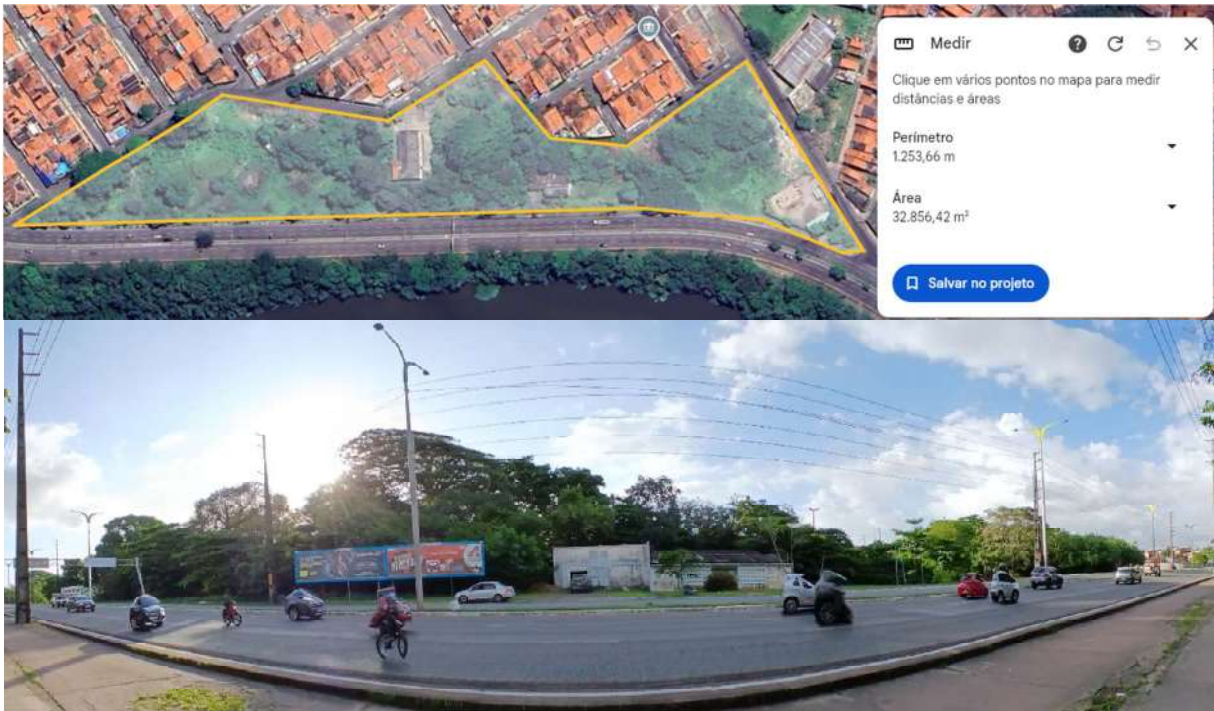
Da mesma forma que está sendo defendido desde o primeiro capítulo deste trabalho as potencialidades e desafios encontrados na área de estudo, levou em consideração os pontos de vista e a percepção dos próprios usuários do bairro e, como já mencionados nas etapas anteriores pelos mesmos, pode-se afirmar que atualmente o Parque Amazonas se encontra em um ostracismo urbano, essa condição é corriqueiramente encontrada nas diversas falas dos moradores e demais pessoas que foram ouvidas durante essa etapa do trabalho.

Nessa mesma linha de abordagem, levando em consideração a percepção de seus usuários, se percebe que, paradoxalmente, a maior potencialidade do bairro também é o seu maior desafio, a ocupação e reurbanização do grande vazão urbano que existe no bairro e que abrange desde a confluência da Avenida dos Africanos com a Rua A8 que vai até a sede da Subestação de energia da Equatorial – Unidade Centro. A urbanização dessa área é um desejo recorrente entre os entrevistados que também os destacam como uma grande vulnerabilidade ao tecido urbano, seja por ser uma área subutilizada (ou mesmo não utilizada) e também por oferecer insegurança aos moradores e demais transeuntes.

Como esse espaço se localiza em um ponto estratégico e privilegiado do bairro, a reurbanização dessa área se mostra fundamental e bastante significativa, não só para os moradores do Parque Amazonas, mas também podendo ofertar lazer, esporte, segurança, bem-estar local e qualidade de vida, e cumprir um papel de integração e reunião com as comunidades vizinhas e demais elementos urbanos que aqui estão.

A imagem 32 apresenta uma vista panorâmica dessa área realizada da Avenida dos Africanos, além de demonstrar alguns dados desse espaço urbano subutilizado, como o seu perímetro que totaliza aproximadamente 1.253 metros e a área quadrada (m<sup>2</sup>) dele que mede próximos dos 32.850 m<sup>2</sup>, dimensões suficientes para abrigar diversos equipamentos públicos de qualidade que atenderiam não só os usuários do Parque Amazonas, mas potencialmente com capacidade de oferecer uso a nível de cidade, como um parque linear, quadras, praças e demais serviços de lazer, saúde, fomentando o comércio e a dinâmica de todo bairro e seu entorno.

Figura 32 – Principal área de intervenção do Parque Amazonas – vista de satélite e panorâmica



Fonte: Google Earth e elaborado pelo autor (2025)

Jane Jacobs valoriza profundamente a densidade urbana e os laços comunitários como antídotos para a violência e a insegurança. Para ela, a convivência entre os diferentes, vínculos com vizinhos e o simples ato de reconhecer rostos familiares nas calçadas são elementos essenciais para revitalizar os espaços públicos. Ao contrário da visão do urbanismo moderno, Jacobs vê nela um organismo vivo, um espaço vital de trocas sociais e aprendizado coletivo. Como destaca: "A principal função da calçada não é a movimentação de pessoas, e sim manter a segurança" (Jacobs, 2000, p. 43).

Ainda sob a ótica da autora, a experiência cotidiana, a presença das pessoas, sobretudo de mulheres e crianças no espaço urbano propõe que a rua seja a estrutura central para o florescimento da vida urbana. Quando o usuário do espaço público não é priorizado e seus anseios são negligenciados, a rua perde sua função social e, com isso, a cidade começa a definhir, e infelizmente esse fato é corriqueiramente notado no Parque Amazonas.

#### 4. APLICAÇÃO METODOLÓGICA

A abordagem metodológica para a elaboração desse estudo de intervenção urbana colaborativo e o processo de concepção está ancorada na obra *Uma Linguagem dos Padrões*, de Christopher Alexander (2013), que introduz um sistema de projeto baseado em padrões espaciais recorrentes e conectados, com o objetivo de criar ambientes humanos mais vivos, participativos e funcionais. Partindo da compreensão do Parque Amazonas sob a ótica de seus usuários, já apresentados e exemplificados no capítulo anterior, pode-se afirmar que este é um território marcado por desafios como a deserção do cotidiano urbano, vazios urbanos recorrentes, falta de integração socioespacial e baixo grau de pertencimento comunitário. Diante desse cenário, optou-se por uma abordagem metodológica que valoriza a percepção dos usuários e promove a democratização do espaço urbano a todos os envolvidos, direta ou indiretamente.

Alexander concebe a cidade como um sistema orgânico, cujos elementos espaciais como edifícios, ruas, praças, bairros devem surgir de uma interação direta com as necessidades humanas, sociais e culturais de seus usuários. A proposta metodológica baseada em padrões consiste na identificação de soluções recorrentes que, ao longo do tempo, mostraram-se eficazes na resolução de problemas espaciais e na promoção de vitalidade urbana. Para Alexander, cada padrão é uma regra de projeto que descreve um problema específico de design e apresenta, de forma clara, uma solução que pode ser adaptada a diferentes contextos.

A obra propõe uma metodologia de projeto composta por padrões: soluções espaciais recorrentes que respondem a problemas específicos em contextos distintos, podendo ser aplicadas, combinadas e adaptadas de acordo com a realidade local. Cada padrão é descrito por três elementos fundamentais:

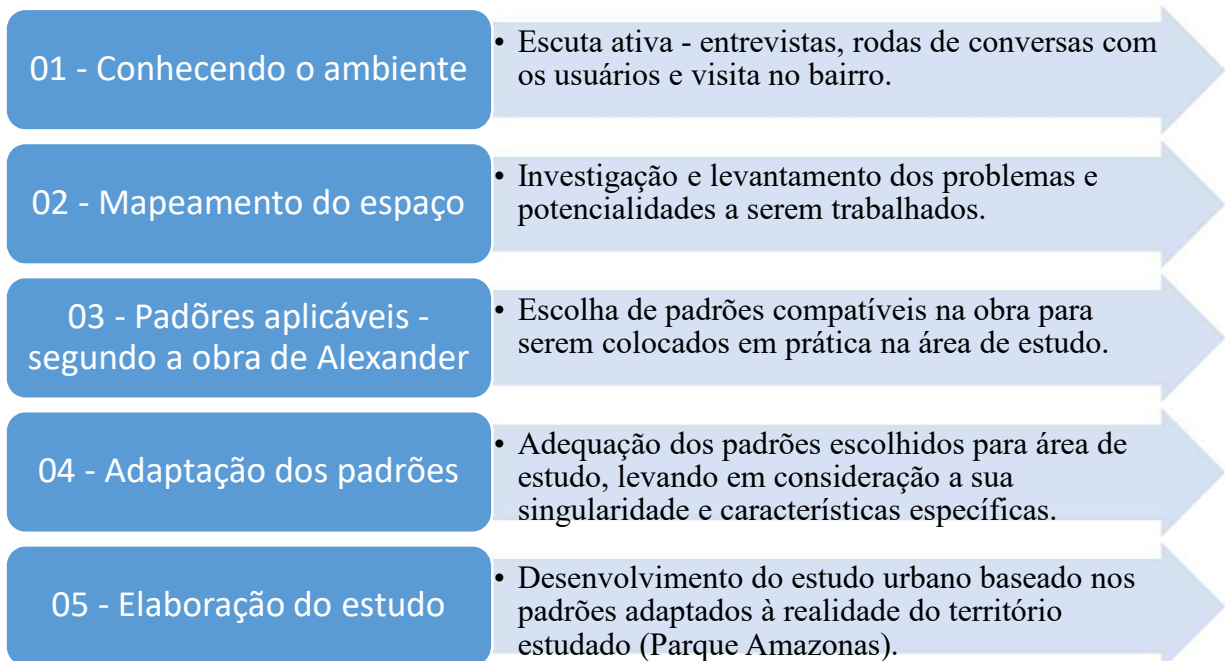
- Problema: a situação que gera um desafio no espaço urbano.
- Contexto: o local e as condições em que esse padrão se aplica.
- Solução: a forma arquitetônica ou urbana que responde de forma adequada ao problema.

A linguagem é hierárquica, indo desde grandes escalas (como a organização da cidade e bairros) até elementos mais específicos (como bancos, entradas ou passagens sombreadas). A proposta é que os próprios moradores e usuários do espaço possam participar da escolha e organização dos padrões, promovendo um urbanismo mais democrático, o que corrobora e dialoga com toda construção teórica apresentada nesse trabalho até aqui.

Dessa forma pode-se afirmar que a elaboração de intervenções urbanas sustentáveis, inclusivas e efetivamente apropriadas pelos moradores demanda, cada vez mais, o uso de metodologias que conciliem participação social e qualidade espacial. Nesse sentido, a abordagem proposta por Christopher Alexander defendida em sua obra “A Linguagem dos Padrões” apresenta-se como um referencial metodológico excelente para orientar a concepção de estudos urbanos de caráter colaborativo, como o que é proposto por esse trabalho.

Buscando a melhor compreensão dos aspectos metodológicos defendidos por Alexander foi elaborado um diagrama, conforme mostra a Figura 33.

Figura 33 – Diagrama de aplicação metodológica do estudo.



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

#### 4.1. Trabalho de campo e análise do território

O Parque Amazonas apresenta uma morfologia urbana projetada com ruas e avenidas padronizadas formando um desenho ortogonal adaptado ao relevo local, uma hierarquia viária bem definida e nomenclatura das vias fazendo alusão aos nomes dos rios afluentes do Rio Amazonas (que também dá nome ao bairro), por esse motivo percebe-se que, desde a sua concepção, houve uma atenção especial com esse elemento urbano – a via.

Atualmente, contudo, as vias do bairro são palco para uma dinâmica muito mais automobilística do que uma movimentação de pedestres, fato esse comumente relatado durante as conversas com alguns moradores do bairro, dentre elas uma foi mais enfática quando mencionou: “Eu vejo mais os carros dos meus vizinhos passando aqui na porta do que eles próprios”. Demonstrando assim que o Parque Amazonas carece de pessoas e de outros meios de locomoção ocupando suas vias.

Os entrevistados destacaram, de forma recorrente, a carência de espaços públicos qualificados no bairro, bem como a falta de articulação entre os elementos naturais e artificiais (como áreas verdes, praças e locais de convivência) e o tecido urbano consolidado. Essa desarticulação, aliada à escassez de espaços adequados, contribui para o esvaziamento do espaço urbano, sendo apontada como uma das principais causas da sensação de insegurança e da desmotivação em utilizar cotidianamente os poucos espaços públicos existentes. Assim, caso essas questões fossem trabalhadas e suas potencialidades desenvolvidas, seria possível criar um ambiente mais acolhedor e atrativo, favorecendo a ocupação do território pelos moradores e a valorização das funções sociais do espaço urbano.

Além desses aspectos foi destacado também a baixa, ou quase inexistente, oferta de comércio e outros usos no interior da área trabalhada, assim como a pouca quantidade de conexões que o bairro possui com seu entorno, tanto com relação aos outros bairros vizinhos como com elementos urbanos que, mesmo próximos, passam a sensação de serem distantes devido a obstáculos físicos e visuais presentes nesse território como a própria morfologia urbana das vias que permeiam o Parque Amazonas.

Portanto foram escolhidos alguns padrões de linguagem inscritos na obra de Christopher Alexander buscando desenvolver as potencialidades e combater as problemáticas encontradas e apresentadas pelos usuários do bairro, conforme mostra a tabela 04:

Tabela 04 – Padrões escolhidos e problemáticas encontradas no bairro

<b>Nº do padrão – Título</b>	<b>Problema detectado a ser combatido e trabalhado</b>
Padrão 30 - Nós de Atividade	Falta de dinamismo local – Pouca oferta de comércio de bairro e demais serviços (lojas, mercadinho, farmácia, salão, restaurante), baixíssima diversidade de usos – sendo uma localidade majoritariamente residencial, acarretando na baixa dinâmica urbana.
Padrão 60 - Praças públicas acessíveis	Vazios urbanos – O bairro possui uma grande área abandonada e subutilizada que poderia ser melhor aproveitada servindo de espaço urbano que cumprisse uma função social de reunião, estar e convívio, oferecendo um mobiliário urbano atrativo e funcional a todos os usuários do território estudado.
Padrão 33 – Vida noturna	Insegurança urbana – Alguns usuários, em especial os moradores, declararam que ficam receosos a fazer qualquer tipo de atividade (caminhadas, passeios com o pet, práticas esportivas) no período noturno devido à pouca atividade nesse período do dia, a desertão, sobretudo nesse horário, os afasta ainda mais do convívio e da dinâmica urbana.
Padrão 14 – Bairro identificável	Baixo grau de relação urbana – Seja com a vizinhança ou com o entorno, os usuários do bairro demonstraram dificuldade e limitações para reconhecer outros usuários e se relacionar de maneira mais positiva com elementos próximos à área de estudo.
Padrão 67 – Área externa coletiva	Pouca integração do usuário com o espaço – notado pelo afastamento “natural” de diversos usuários com relação ao Parque Amazonas, denotando um baixo grau de pertencimento local e desconexão afetiva, seja pelo fato do bairro não ofertar áreas comuns de qualidade, seja pela precariedade em seus elementos urbanos (mobiliário e demais espaços).
Padrão 69 – Ambiente externo e público	Escassa prática de atividades urbanas – a ausência de “ambientes protegidos” e seguros para o estar e desfrute dos usuários afasta cada vez mais o usuário do bairro do cotidiano urbano.

Sendo assim, pode-se afirmar que a combinação dos padrões propostos por Christopher Alexander visa não apenas atacar de forma pontual os problemas identificados no

Parque Amazonas, mas também oferecer uma resposta integrada e sistêmica às carências e problemáticas urbanas levantadas pelos próprios usuários desse espaço urbano buscando reintegrá-lo ao tecido urbano. Assim como destacado na Figura 34, que apresenta a perspectiva de como o bairro encontra-se isolado tanto fisicamente como visualmente – fotos capturadas ao nível do solo na Avenida dos Africanos – deixando de forma clara essa segregação espacial.

Figura 34 – Isolamento urbano no bairro – ao fundo é possível visualizar o telado dos imóveis do bairro



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

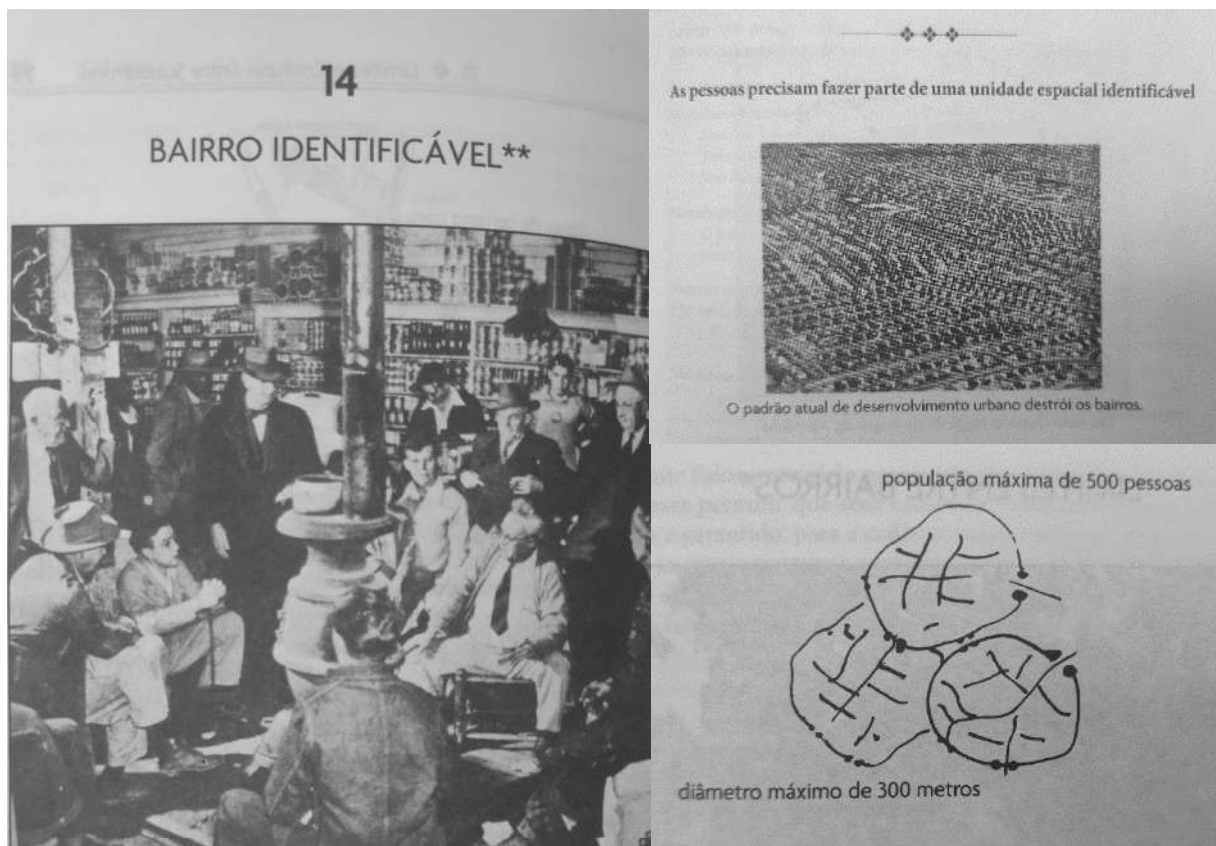
#### 4.2. Os padrões e sua aplicabilidade – usos e especificidades.

Cada padrão, individualmente, representa uma resposta para um entrave urbano específico detectado e mencionado pelos usuários do Parque Amazonas, sendo assim, abaixo discute-se a relevância dos Padrões de Linguagem nº 14, 30, 33, 60, 67 e 69, conforme exposto na obra *Uma Linguagem de Padrões* (Alexander et al., 2013), correlacionando-os com os desafios existentes no bairro Parque Amazonas. Aponta-se como cada padrão, isoladamente e de forma interdependente, pode ser aplicado à realidade local.

#### 4.2.1. Padrão nº 14 – Bairro Identificável

Em se tratando do padrão nº 14 (Bairros identificáveis), Alexander defende que bairros devem possuir identidade própria, delimitada por rotas e elementos visuais, com a escala humana e instalações reconhecíveis (Alexander et al., 2013). No Parque Amazonas, a falta de uma identidade coesa reforça a “deserção urbana” e o fraco dinamismo social. Nesse caso a sugestão seria mapear limites de bairro, e criar marcos — como portais verdes nos acessos principais, a criação de uma passarela que ligasse o bairro diretamente com o calçadão do outro lado da Avenida dos Africanos — e reforçar a identidade comunitária com murais históricos, arte pública (grafites e intervenções artísticas de destaque), elementos urbanos que dialogassem com o bairro e seu entorno ou um mobiliário que marcasse esses pontos. O principal impacto ao fortalecer a identidade do bairro seria atrair a participação cidadã para esses territórios, além de fomentar o senso comum de pertencimento.

Figura 35 – Padrão 14 – Bairro identificável

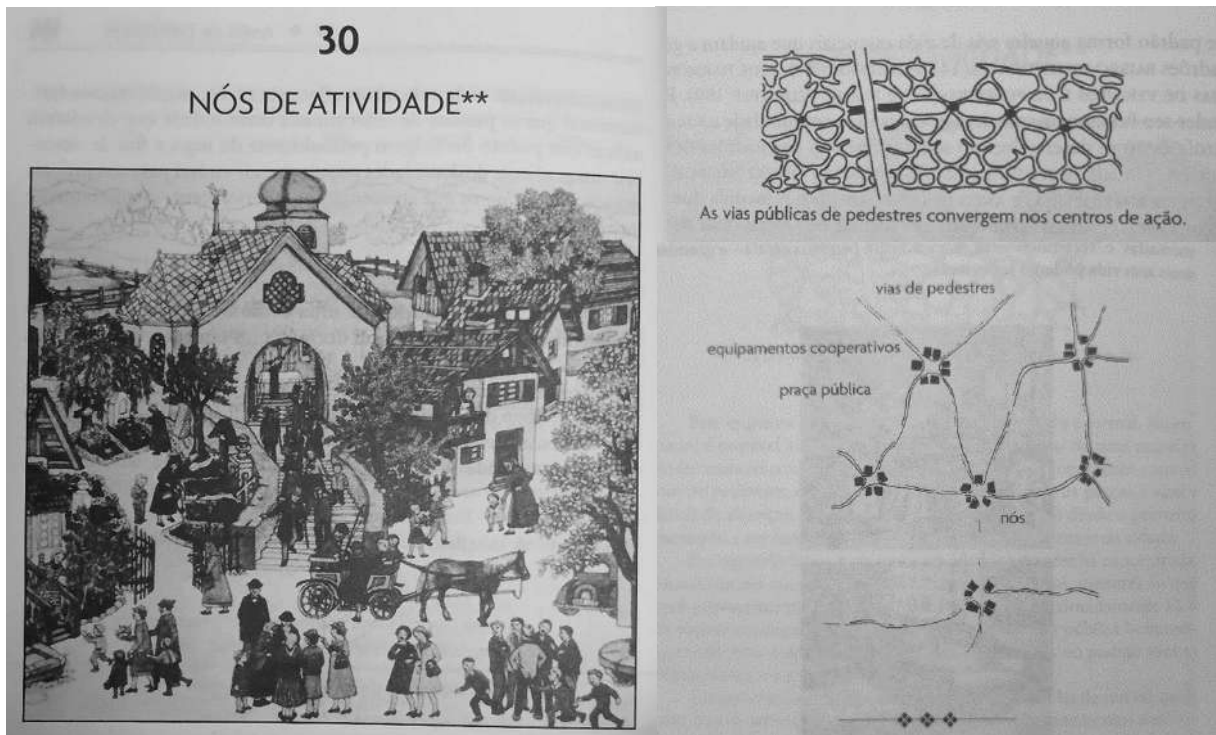


Fonte: Alexander et al (2013) elaborado pelo autor (2025)

#### 4.2.2. Padrão nº 30 – Nós de Atividade

O padrão nº 30 (Nós de Atividade) aborda que os nós de atividade são núcleos urbanos que concentram fluxo, comércio e encontros (Alexander et al., 2013). O Parque Amazonas carece desse tipo de serviço, tendo em vista que o uso do solo de seu território é, em sua grande maioria, residencial e a oferta do uso comercial se concentra em praticamente uma localidade específica. Para isso o padrão sugere identificar locais estratégicos, como por exemplo, na grande área verde abandonada ou o lote em estado de abandono localizado próximo do Condomínio Lençóis Maranhenses – devido ao adensamento populacional que o local possui – implantação de mercados de bairro, pequenos parques ou praças com quiosques, parquinhos e mobiliário para atividade física, coworkings comunitários e microunidades comerciais (feiras itinerantes, oficinas de dança para jovens e adultos e etc.). Sendo a sua principal contribuição o aumento no dinamismo urbano local, movimentação de pessoas e oferta variada de serviços, geração de renda e integração social.

Figura 36 – Padrão 30 – Nós de atividade



Fonte: Alexander et al (2013) elaborado pelo autor (2025)

### 4.2.3. Padrão nº 33 – Vida Noturna

Para Alexander, bairros vivos também à noite promovem segurança e convivência e se existisse um local para realizar um passeio ao ar livre na comunidade, a vida noturna provavelmente se encontrará nele, ao menos em parte (Alexander et al., 2013), essa colocação é exposta no padrão de nº 33 (Vida Noturna). O Parque Amazonas sofre com áreas escuras e inseguras, assim como constantes denúncias de iluminação precária e ocorrência de delitos nesses locais acabam afastando os usuários do bairro do convívio noturno. Como solução sugere-se a implementação de iluminação pública de qualidade, além do incentivo de cafés, food trucks, quiosques, equipamentos urbanos que fomentem o estar e o convívio urbano no turno da noite ou espaços culturais abertos até mais tarde, visando garantir permanência e segurança noturna. Com a aplicação dessas intervenções pode-se fortalecer a economia local, além de inibir a criminalidade e potencializar a vivacidade urbana.

Figura 37 – Padrão 33 – Vida noturna

**33**  
**VIDA NOTURNA\***

A maior parte das atividades de uma cidade se encerra à noite; aquelas que permanecem abertas não contribuirão significativamente para a vida noturna da cidade a menos que estejam juntas.

Este padrão resulta dos sete pontos a seguir:

1. As pessoas gostam de sair à noite; uma noite é algo especial.
2. Se os pontos de atividade noturna, como cinemas, cafés, sorveterias, postos de gasolina e bares ficam espalhados na comunidade, eles não conseguem gerar atração suficiente, por estarem isolados.

Um único bar se torna um lugar isolado à noite.

Um grupo de pontos de vida noturna anima uma rua.

Número de crimes

Densidade de pedestres

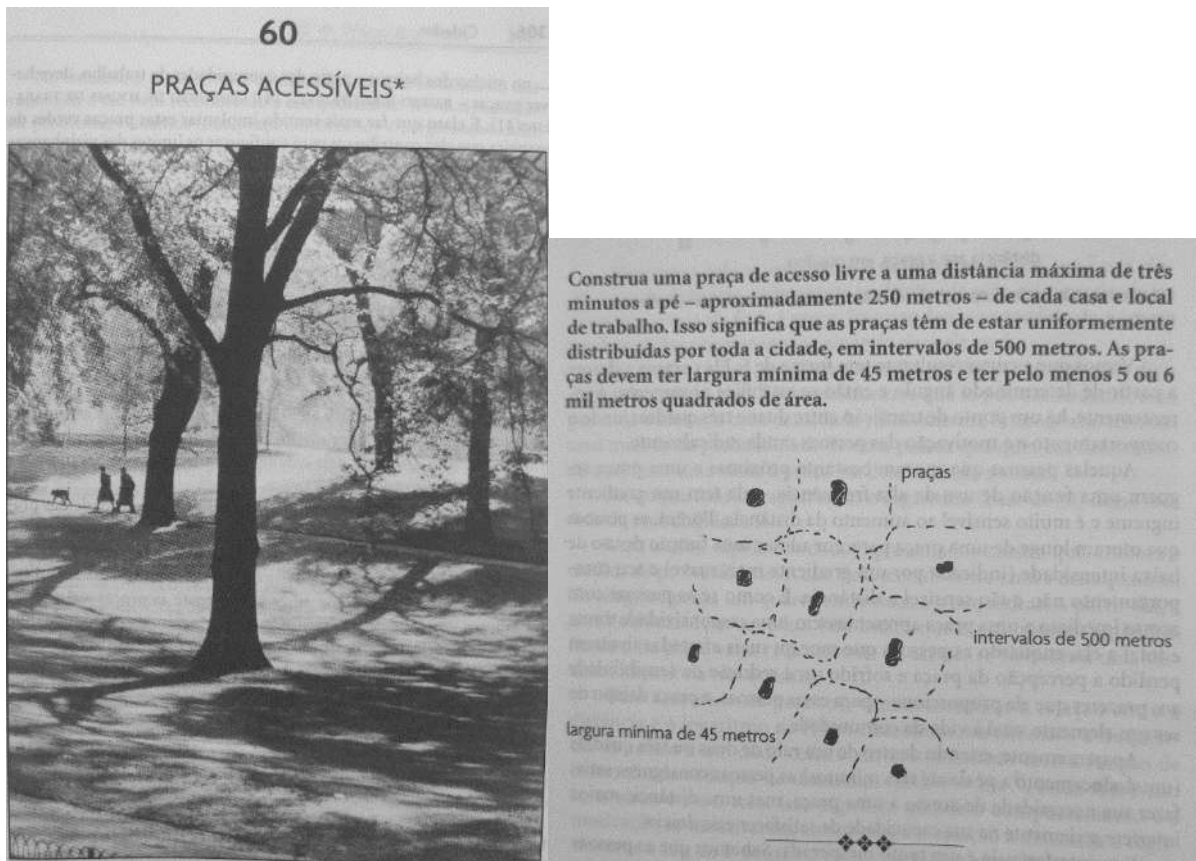
Pontos de vida noturna isolados atraem a criminalidade.

Fonte: Alexander et al (2013) elaborado pelo autor (2025)

#### 4.2.4. Padrão nº 60 – Praças Acessíveis

As pessoas precisam de áreas verdes abertas que possam frequentar, para Alexander as praças devem ser acessíveis e multifuncionais, promovendo encontros e convivência (Alexander et al., 2013), que é o principal ponto abordado pelo padrão nº 60 (Praças Acessíveis). No Parque Amazonas, não há tais espaços, e parte da infraestrutura verde foi abandonada e negligenciada tanto pelo poder público como pelos próprios usuários do bairro, sendo atualmente usurpada pela insegurança e criminalidade. Buscando resolver essa problemática propõem-se restaurar as áreas verdes do território, ocupando os vazios urbanos recorrentes no território, criando pequenas praças equipadas com um mobiliário urbano que visa promover a convivência (bancos, playground, academia leve), assim como proporcionar espaços de lazer e estar para a comunidade e todo o seu entorno. Esse ambiente cumpriria, o papel central de acolhimento da população além de combater o grande vazio urbano existente e, ao mesmo tempo, fortalecendo o tecido social com os demais bairros.

Figura 38 – Padrão 60 – Praças Acessíveis

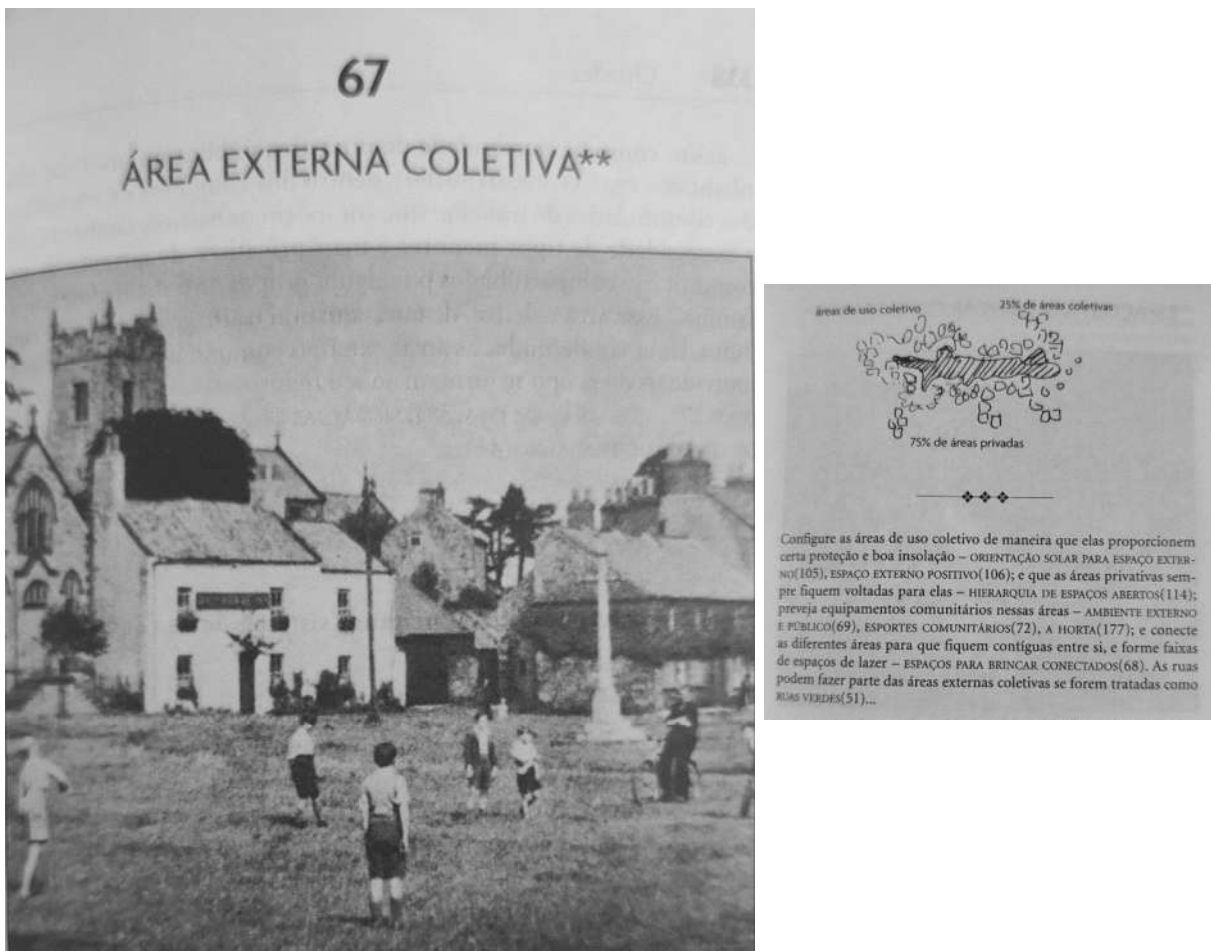


Fonte: Alexander et al (2013) elaborado pelo autor (2025)

#### 4.2.5. Padrão nº 67 – Área Externa Coletiva

Espaços livres compartilhados, assim como áreas comuns de uso coletivo fortalece e estimulam laços entre vizinhos, favorecendo sociabilidade e a sensação de pertencimento local – segundo Alexander: Sem área externa coletiva, nenhum sistema social de solo pode sobreviver – (Alexander et al., 2013), premissa do padrão de nº 67 (Área Externa Coletiva). No Parque Amazonas, os lotes residenciais isolam-se, sem áreas comuns e, por conseguinte, isolando também os moradores e demais usuários do convívio social. Como resposta a esse entrave visa-se inserir pátios comunitários em áreas não exploradas, paredes verdes compartilhadas, hortas urbanas coletivas nos fundos de quadras. Buscando promover encontros informais e o uso cotidiano do espaço comum, além de reforçar identidade, e proporcionar segurança passiva através de uma vizinhança ativa.

Figura 39 – Padrão 67 – Área externa coletiva

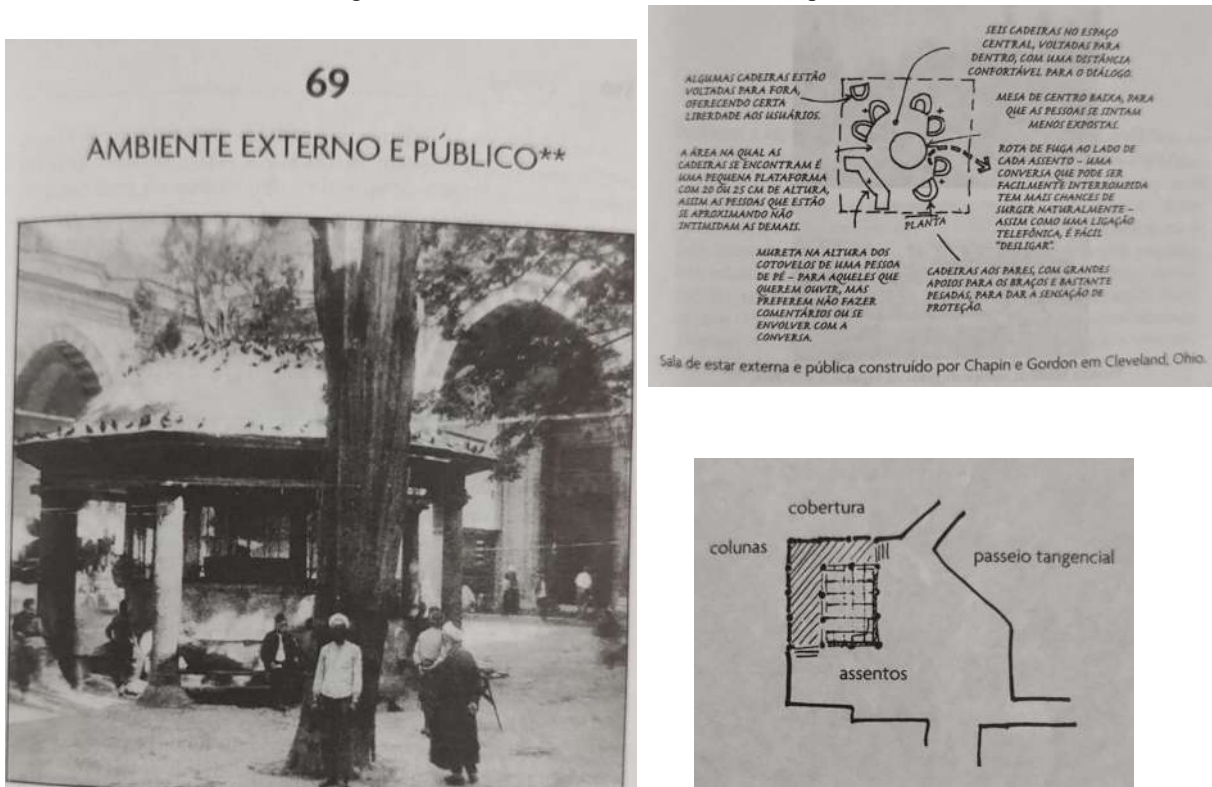


Fonte: Alexander et al (2013) elaborado pelo autor (2025)

#### 4.2.6. Padrão nº 69 – Ambiente Externo e Público

Dentro do padrão nº 69 (Ambiente Externo e Público) da obra de Alexander destaca-se que ambientes externos como ruas, calçadas, jardins, praças devem ser privilegiados para interação humana, promovendo o estar do indivíduo de maneira agradável e confortável pelo tempo que for necessário (Alexander et al., 2013). Infelizmente essa realidade não é encontrada no território do Parque Amazonas, que apresenta ruas secas, vazias, sem mobiliário ou qualificação paisagística. Como medida de combate a esse cenário recomenda-se a requalificação das calçadas, implantação de árvores de pequeno porte nas vias, ciclovias, mobiliário urbano que promova o bem-estar e conforto, lixeiras bem demarcadas e todo aparato urbano que promova a utilização otimizada do uso do espaço público. O impacto dessas intervenções visa a promoção da integração dentro do próprio território, mas também fora dele através de conexões diretas, promovendo a implementação de pontos de ônibus acessíveis e agradáveis e outros equipamentos culturais. Como resultado esperado por essas intervenções pode-se destacar a maior integração interbairros, além do estímulo da mobilidade, promoção de uma dinâmica urbana voltada para o lazer e estar e o incremento no uso do espaço público.

Figura 40 – Padrão 67 – Ambiente externo e público



Fonte: Alexander et al (2013) elaborado pelo autor (2025)

#### 4.2.7. Aplicabilidade dos padrões no tecido urbano

A participação popular nas decisões urbanas é essencial para garantir que intervenções idealizadas para o bairro Parque Amazonas sejam verdadeiramente eficazes e representativas das necessidades reais de seus usuários. Ao envolver a comunidade local no processo metodológico de planejamento e transformação do território, promove-se não apenas maior legitimidade nas ações propostas, mas também o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade sobre o espaço urbano. Nesse sentido, escutar os habitantes — aqueles que vivenciam cotidianamente os desafios e potencialidades do bairro — permite identificar demandas específicas, como a valorização da área verde, a melhoria na iluminação pública ou a criação de espaços de convivência acessíveis. Assim, o engajamento cidadão torna-se motor de mudança social e urbana, contribuindo para uma requalificação mais sensível, inclusiva e duradoura em seu território.

A partir da aplicação articulada desses padrões, que envolvem desde a criação de nós de atividade e espaços públicos acessíveis até o estímulo à vida noturna, à identidade local e ao uso coletivo dos ambientes externos, é possível vislumbrar uma reconfiguração positiva do bairro, capaz de promover maior dinamismo urbano, segurança, pertencimento e integração social. Ao valorizar a função social das vias, qualificar os espaços públicos e diversificar os usos do território, cria-se um ambiente mais acolhedor e vivo, no qual os moradores se vejam representados e incentivados a ocupar e cuidar do lugar onde vivem.

Essa combinação visa o principal objetivo de proporcionar a reconquista humana do espaço público através de ruas mais vivas, comércio e serviços acessíveis a pé, fortalecimento da segurança, apropriação cidadã do território estudado, conexão orgânica com a área verde presente no bairro (que hoje é sinônimo de insegurança e abandono) e maior integração com o entorno. O Parque Amazonas deixaria de ser um bairro meramente residencial e silencioso, tornando-se um território pulsante, plurifuncional e ambientalmente integrado — coerente com princípios de urbanismo sustentável e de empoderamento comunitário.

Ao refletirmos sobre os princípios propostos por Jane Jacobs, em *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2000), e Christopher Alexander, em *Uma Linguagem de Padrões* (2013), percebemos que a vitalidade urbana está diretamente ligada à diversidade de usos, à valorização da escala humana e à interação constante entre moradores e o espaço. Jacobs defende que ruas

ativas e bem frequentadas são essenciais para a segurança e para a coesão social, enquanto Alexander aponta a importância de padrões urbanísticos que promovam encontros, acessibilidade e continuidade espacial. Nesse contexto, a reconfiguração do Parque Amazonas com base em tais princípios permitiria sua transformação em um território vivo, multifuncional e ambientalmente integrado. Espaços públicos mais acolhedores, comércio local fortalecido, áreas verdes cuidadas e um desenho urbano que incentive a convivência e o uso coletivo resgatariam o protagonismo humano no bairro, promovendo um urbanismo que, mais do que técnico, é profundamente comunitário e sensível à realidade local.

Figura 41 – Problemáticas existentes no Parque Amazonas que orientaram a escolha dos padrões



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

### 4.3. Padrões de Linguagem para o bairro Parque Amazonas

Os padrões de Christopher Alexander não apenas oferecem soluções isoladas para desafios urbanos, mas funcionam como componentes de um ecossistema urbano interdependente. Sua aplicação articulada visa estratégias e intervenções para o bairro do Parque Amazonas, com o intuito de combater a inércia urbana presente no bairro, fazendo com que ele deixe de ser um espaço fragmentado e monofuncional, transformando-se em um território vivo, integrado e sustentável. A combinação entre pertencimento (14), centralidades verdes (60), usos diversos (30), vida contínua (33), convívio cotidiano (67) e conforto ambiental (69) proporciona um modelo replicável de revitalização urbana com base na escala humana e no envolvimento comunitário.

A aplicação coordenada dos padrões de Alexander no Parque Amazonas oferece um caminho sólido para:

- Reverter desertificação urbana via ativação de nós comerciais e públicos.
- Promover dinamismo econômico e urbano, com comércio diversificado e usos mistos.
- Fortalecer identidade e coesão, construindo senso de bairro.
- Ativar espaços públicos e verdes, estimulando convivência dia e noite.
- Integrar o bairro ao entorno, conectando-o física e socialmente.

Essa abordagem integrativa, sistemática e embasada em padrões reconhecidos de intervenção urbana, propõe soluções aplicáveis para transformar o Parque Amazonas em um bairro mais humano, vibrante, seguro e conectado.

A prática dos padrões de Alexander no Parque Amazonas pode transformar um bairro majoritariamente residencial e desconectado em um espaço urbano vibrante, diversificado e acolhedor — fortalecendo identidades locais, ampliando a diversidade de usos, integrando a natureza ao convívio humano, ativando a economia local e promovendo coesão social. O sucesso real será resultado de um processo participativo, onde moradores se apropriam

das ideias e adaptam suas soluções locais, em perfeita sintonia com a filosofia de Alexander de projetar junto à comunidade.

A estratégia arquitetônico-urbanística estruturada nos Padrões 14, 30, 33, 60, 67 e 69 de Christopher Alexander oferece uma “receita teórica” apropriada e eficiente para reativar o Parque Amazonas. Por meio de intervenções suaves, moduláveis e orientadas à escala humana, é possível combater a desertificação urbana, enriquecer o tecido funcional, fortalecer a identidade local e criar uma rede pública contínua e convidativa. Dessa forma, cada padrão traz uma solução específica — mas justamente ao se articularem, formam um sistema que integra espaço, gente, uso e paisagem, reavivando o bairro como lugar completo e habitável.

Diante do cenário de fragmentação e esvaziamento funcional que marca o bairro Parque Amazonas, a aplicação coordenada dos padrões urbanísticos propostos revela-se não apenas desejável, mas necessária. A abordagem, como Alexander afirma, “não é apenas um catálogo de soluções, mas uma linguagem viva, que só faz sentido quando apropriada e adaptada por quem vive o lugar” (Alexander. et al., 2013, p. XI). Ao estruturar o bairro com base nos padrões 14 (Pertencimento), 30 (Usos diversos), 33 (Vida contínua), 60 (Centralidades verdes), 67 (Convívio cotidiano) e 69 (Conforto ambiental), delineia-se um caminho para reconquistar o espaço público, dinamizar o tecido urbano e fomentar a coesão social por meio de estratégias sensíveis à escala humana. Alexander também reforça que cada padrão deve ser entendido como parte de um todo maior e, nesse sentido, é a articulação sistêmica entre eles que transforma intervenções pontuais em uma reconfiguração urbana profunda e duradoura. Assim, o Parque Amazonas deixaria de ser um território inerte para se tornar um bairro vibrante e alinhado aos princípios de um urbanismo mais humano, acessível e participativo.

Figura 42 – Imagem panorâmica mostrando uma das áreas de possível intervenção do bairro



## **5. CONCEPÇÃO DO ESTUDO**

O Parque Amazonas, como já demonstrado nos capítulos anteriores e exemplificado nas falas de seus moradores e demais usuários, apresenta atualmente desafios significativos relacionados à fragmentação urbana, ausência de espaços públicos qualificados e baixa integração entre os usos do solo. Diante desse cenário, este trabalho propõe um estudo de intervenção urbana que visa reativar o bairro a partir de uma abordagem centrada na escala humana, na multifuncionalidade dos espaços e na promoção de práticas coletivas e inclusivas.

Inspirado nos princípios defendidos por Christopher Alexander, Jan Gehl, Jane Jacobs e outros autores contemporâneos do urbanismo humanizado, propõe-se uma atuação integrada que atue simultaneamente sobre os espaços físicos, os fluxos cotidianos e a vida comunitária, visando assim a elaboração de mecanismos que possam impactar positivamente não só o espaço físico, mas também todos os usuários do Parque Amazonas, gerando dinamismo urbano mais fluido para o bairro e despertando o senso de pertencimento a seus moradores.

### **5.1. Diretrizes do Estudo**

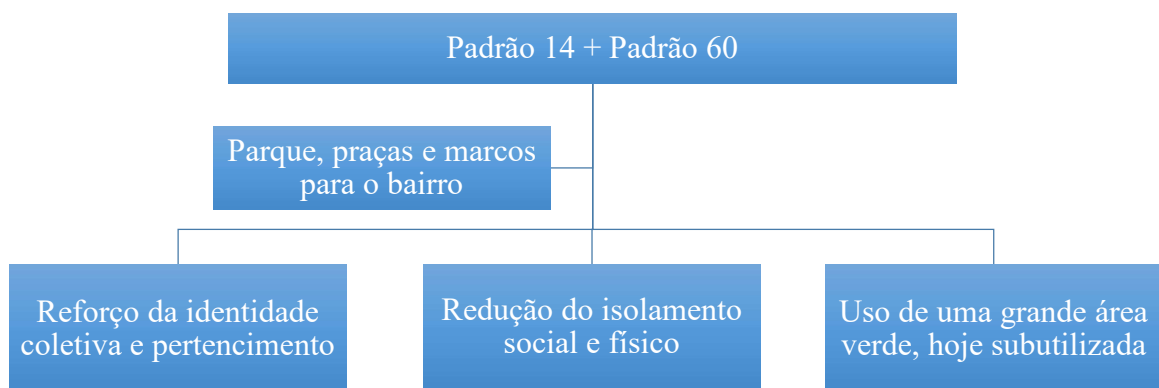
Conforme anteriormente apresentado, a metodologia aplicada para a elaboração desse estudo de intervenção urbana para o Parque Amazonas baseia-se na obra de Alexander, na qual foram elencados alguns padrões de linguagem que nortearam as ações de abordagem no espaço assim como as ideias de intervenção que foram pensadas para o território de estudo. Desse modo, os padrões correlacionados transformam-se em concepções de atuação nos pontos específicos levantados pelos usuários do bairro. Abaixo apresenta-se alguns exemplos dessas correlações entre os padrões juntamente com as soluções e resultados esperados por elas.

### 5.1.1. Correlação entre os padrões e resultados urbanos integrados

- Padrões 14 (Bairros Identificáveis) + 60 (Praças Públicas Acessíveis)

Estes dois padrões combinados teriam como objetivo a formação de um sistema urbano coeso e legível. O padrão 14 define a escala e os limites de um bairro, promovendo identidade territorial; o padrão 60 insere núcleos de encontro e natureza acessíveis dentro desse território. Ao delimitar visualmente o Parque Amazonas com portais verdes, arborização típica e sinalização urbana (padrão 14), e transformar a grande área verde do bairro em uma grande praça ou parque, assim como tentar trabalhar pequenas outras praças ou pontos de encontro dentro do território do bairro (padrão 60) com distâncias caminháveis dentro do bairro, cria-se um "centro cívico local". Esses espaços podem abrigar eventos comunitários, feiras ou até mesmo pontos de apoio de serviços municipais.

Figura 43 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 14 + Padrão 60



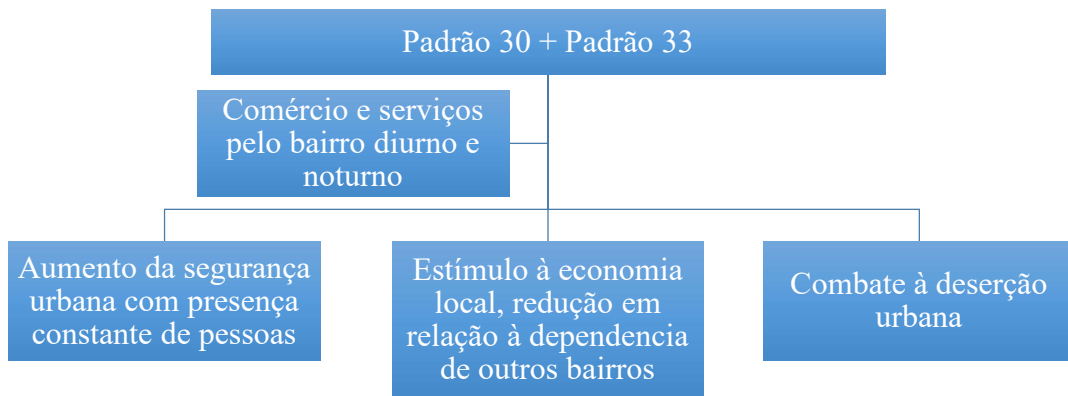
Fonte: elaborado pelo autor (2025)

- Padrões 30 (Nós de Atividade) + 33 (Vida Noturna)

Enquanto o padrão 30 defende a estruturação de uma diversidade de usos e serviços ao longo dos percursos do bairro, o padrão 33 estende temporalmente essas atividades, gerando vitalidade urbana dentro e fora do horário comercial tradicional. Locais dispersos dentro do bairro podem oferecer atividade comercial local que podem variar desde farmácia, padaria, bar,

mercadinhos, lanchonete entre outros, assim como um local estratégico pode receber um pequeno centro de atividades que ofereça diversas lojas e serviços diferentes. Durante o dia, esses usos atendem demandas básicas da vizinhança (30). À noite, os bares, cafês, lanchonetes permaneceriam abertos, ativando as calçadas com música, conversa e circulação (33), dando continuidade à presença humana no espaço.

Figura 44 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 30 + Padrão 33

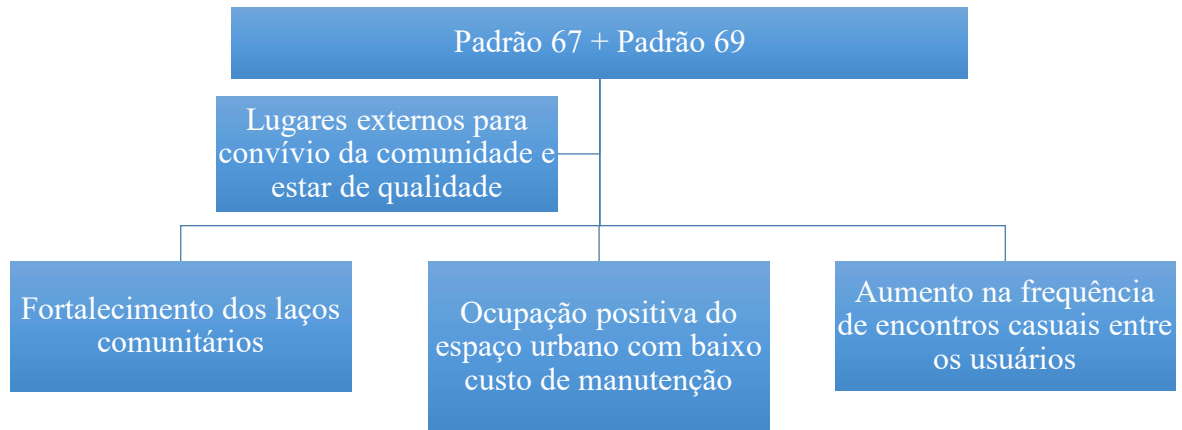


Fonte: elaborado pelo autor (2025)

- Padrões 67 (Área Externa Coletiva) + 69 (Ambiente Externo e Público)

Esses padrões tratam da qualidade do espaço de encontro cotidiano. O padrão 67 propõe áreas de uso coletivo próximas às residências e outros edifícios; o padrão 69 sugere espaços de estar ao ar livre que sejam confortáveis que passem a sensação de “sala pública” a quem for utilizá-los (podendo ser semifechados, agradáveis e acessíveis). Como possibilidade de intervenção pode-se utilizar a área externa lateral à Igreja do Bom pastor como um espaço de estar compartilhado com bancos, cobertura leve e sombra (69) – seja das árvores existentes, coretos ou de pergolados que possam ser instalados, onde moradores possam sentar, conversar, trabalhar ou cuidar de pequenas hortas comunitárias (67).

Figura 45 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 67 + Padrão 69



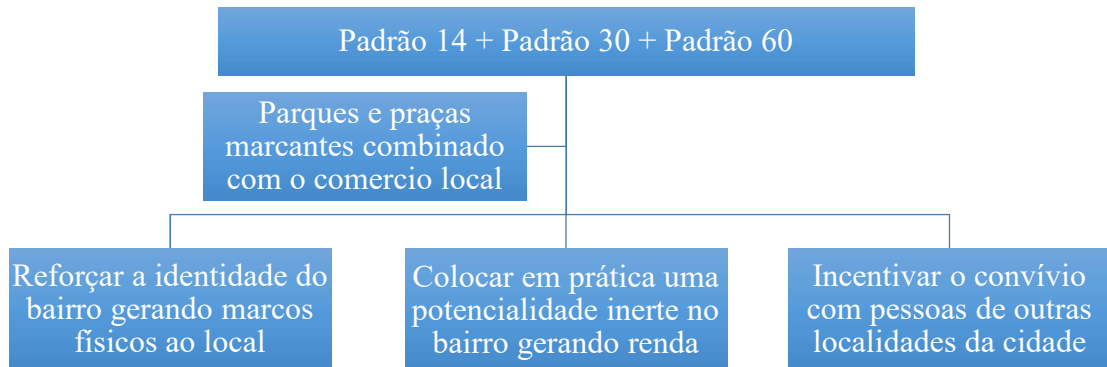
Fonte: elaborado pelo autor (2025)

### 5.1.2. Correlações expandidas entre múltiplos padrões

Caso sejam combinados o padrão 14 (Bairro Identificável) + 30 (Nós de Atividade) + 60 (Praças Acessíveis) pode-se idealizar um bairro claramente delimitado e reconhecível entre os moradores e demais localidades (14) com nós de atividade bem distribuídos em seu território (30) e locais de encontro como pequenas praças, ou mesmo possuir um grande parque referência para o próprio bairro (60) favorecendo o deslocamentos a pé dos usuários, com atividades variadas e encontros informais, formando assim um ecossistema urbano saudável. A requalificação da margem verde da Avenida dos Africanos como um parque linear conectado a pontos comerciais, estruturando uma “espinha verde-comercial” que reforça a coesão do bairro com os moradores e outros usuários que por ventura viessem a visitar o espaço.

Como elementos de conexão e marcos para o Parque Amazonas pensa-se também na construção de passarelas que seriam instaladas sobre a Avenida dos Africanos, conectando o bairro diretamente com o calçadão existente favorecendo não só a tarvesia de pessoas e ciclistas, mas serviria de elemento visual importante para a paisagem do bairro.

Figura 46 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 14 + Padrão 30 + Padrão 60



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

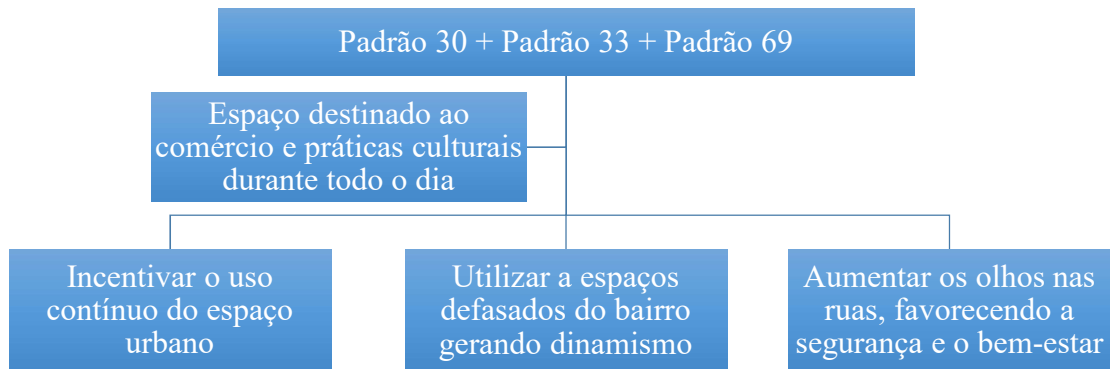
Outra combinação de padrões que seria bastante proveitosa para o local de estudo é entre o padrão 30 (Nós de Atividade) + 33 (Vida Noturna) + 69 (Ambiente Externo e Público), e dessa correlação pretende-se a prática de atividades comerciais e de serviços durante o dia (30), estendidas e reforçadas pela permanência noturna (33), e articuladas a ambientes públicos com boa qualidade de permanência (69), gerando o contínuo uso do espaço urbano, aumentando a dinâmica urbana em todos os períodos do dia. Como a possibilidade na criação de um mercado comunitário que, durante o turno diurno, possa ofertar hortaliças locais, e à noite abrigando atividades culturais com música ao vivo, saraus, roda de capoeira, rodas de samba, encontros das comunidades religiosas presentes no bairro, podendo acontecer em um espaço confortável, sendo em uma praça coberta ou aberta.

Figura 47 – Área para possível instalação dessa proposta de intervenção



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

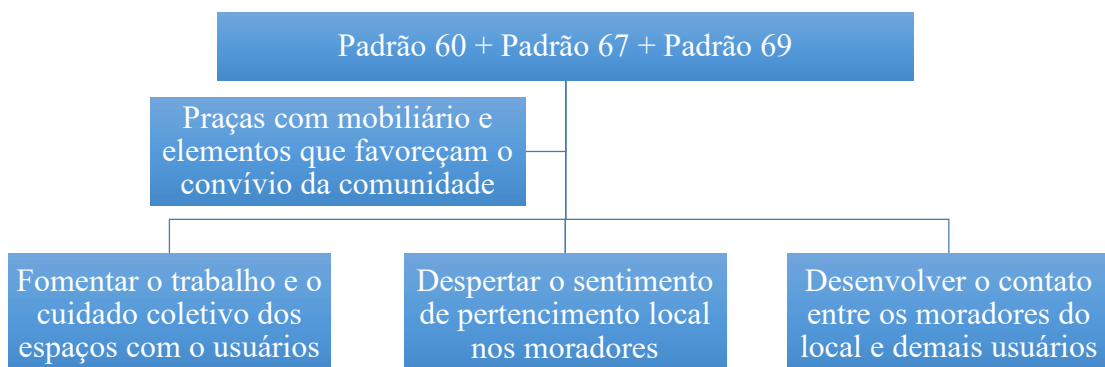
Figura 48 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 30 + Padrão 33 + Padrão 69



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Pode-se utilizar uma correlação estratégica entre o padrão 60 (Praças Acessíveis) + 67 (Área Externa e Coletiva) + 69 (Ambiente Público e Comunitário) resultando em uma integração entre espaços verdes públicos e de fácil acessibilidade à pé (60), que ofereçam áreas e atividades coletivas locais (67) em ambientes externos com conforto para passar o tempo (69), construindo assim uma rede de vizinhança solidária e vibrante, na qual os usuários possam interagir mais uns com os outros. Como a idealização de uma praça, ou espaço aberto comum a todos que contenha playgrounds, mesas comunitárias, bancos para apreciar a natureza e os arredores com pequenas hortas, que passe a sensação de uma "sala de estar urbana".

Figura 49 – Diagrama de aplicação e resultados esperados dos Padrões 60 + Padrão 67 + Padrão 69



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Diante das fragilidades urbanas identificadas no Parque Amazonas, como a fragmentação espacial e a escassez de espaços públicos qualificados, torna-se imprescindível adotar uma abordagem de urbanismo participativo que valorize o cotidiano dos moradores e promova a ressignificação do território a partir da escala humana. Inspirado em um referencial teórico que corrobora com esse pensamento, este estudo propõe uma estratégia de intervenção pautada na escuta ativa da comunidade e na combinação inteligente de padrões urbanísticos capazes de gerar coesão social, vitalidade urbana e senso de pertencimento.

A articulação entre padrões permite pensar o bairro como um ecossistema vivo, com percursos caminháveis, espaços de encontro e estruturas que incentivem a permanência e o uso coletivo, ou seja, mais do que transformar fisicamente o território, trata-se de ativar o potencial comunitário já existente, dando visibilidade aos modos de vida locais e criando uma rede de espaços públicos multifuncionais e inclusivos, capazes de fomentar uma cultura urbana mais democrática, resiliente e conectada às necessidades reais dos seus usuários.

Figura 50 – Exemplos de conexões que podem ser realizadas no bairro e possíveis áreas aplicação dos padrões



## 5.2. Referências projetuais para o estudo

As referências projetuais compõem o arcabouço conceitual e técnico que orienta a construção das intervenções urbanas propostas por esse estudo para o bairro Parque Amazonas. Tais referências não são apenas inspirações formais ou estéticas, mas diretrizes fundamentais que estruturam uma metodologia de planejamento urbano ancorada na vivência cotidiana, na escala humana e na produção social do espaço. A escolha dos autores e obras que fundamentam esta proposta parte da necessidade de consolidar um modelo de intervenção que não apenas solucione fisicamente as fragilidades urbanas, mas que regenere os vínculos comunitários, o senso de pertencimento e a vitalidade dos espaços públicos. Os fundamentos extraídos dessas obras serviram de base para entender e conceber, juntamente com a população local, um território mais funcional, simbólico e socialmente apropriado pelos seus usuários.

A Figura 51 apresenta o Parque Linear Kennedy, em São Caetano do Sul – SP, que representa uma intervenção urbana voltada à promoção da mobilidade ativa, saúde pública, esportes, lazer e fomenta o mercado local, com cerca de 60.000 m<sup>2</sup>, em uma área antes subutilizada, hoje o local abriga uma variedade de equipamentos como quadras poliesportivas, um moderno mercado municipal, pista de skate, espaços para pets, áreas verdes, praça molhada, espaço gastronômico e uma grande área para shows e eventos (ABC REPÓRTER, 2024).

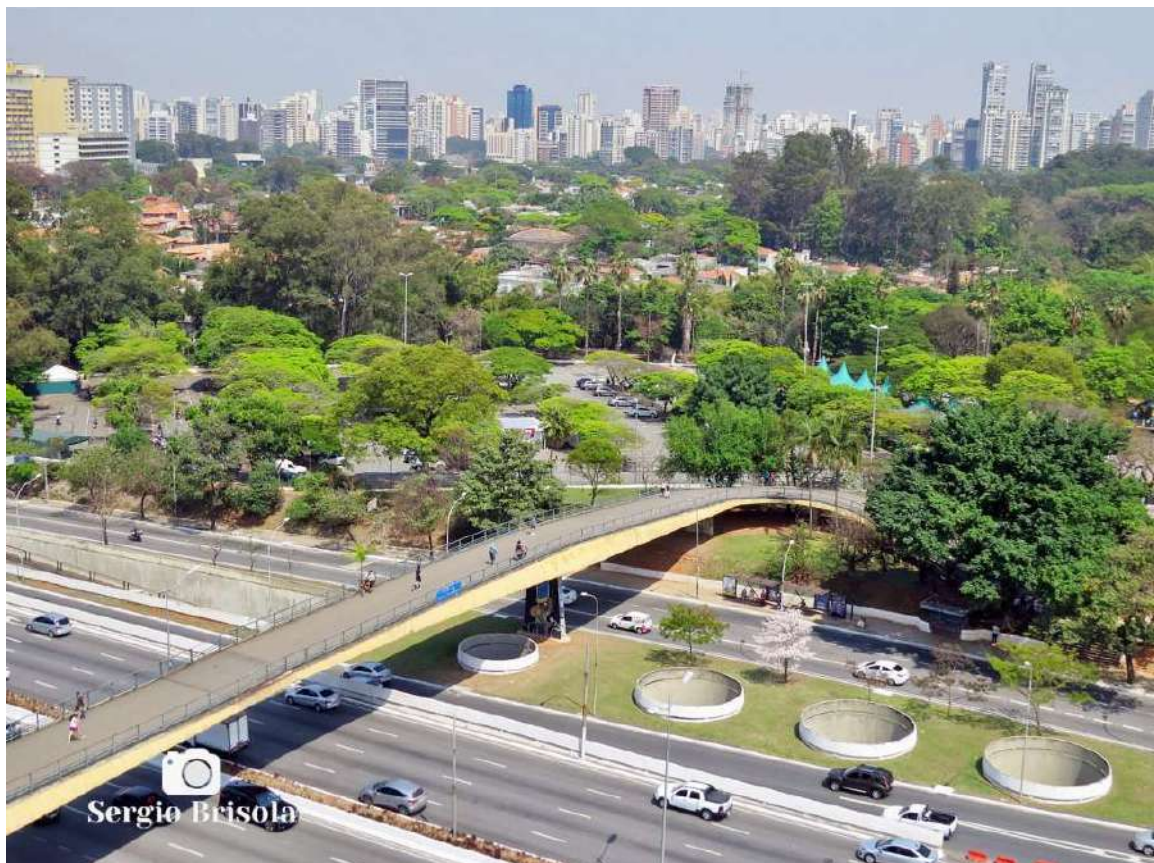
Figura 51 – Parque Linear Kennedy, em São Caetano do Sul (SP)



Fonte: ABC REPÓRTER (2024).

A Figura 52 mostra a Passarela Ciccillo Matarazzo, em São Paulo, uma estrutura que favorece a travessia segura de pedestres e bicicletas sobre vias expressas e integra importantes áreas verdes à malha urbana (DESCUBRA SAMPA, 2023). Trazendo para a realidade do Parque Amazonas, uma intervenção com essas características seria de extrema importância, não só para ligar de forma direta o bairro a outros elementos da cidade – rompendo as barreiras físicas existentes – como criar marcos identificáveis para o território, tornando assim o bairro visível e reconhecível.

Figura 52 – Passarela Ciccillo Matarazzo integrando o Parque Ibirapuera à cidade



Fonte: DESCUBRA SAMPA (2023).

O estudo do Parque Amazonas dialoga com o pensamento de Christopher Alexander, através do uso coordenado dos padrões presentes em sua obra, essa metodologia propõe que a qualidade urbana emerge da interdependência entre os elementos estruturais e da coerência com o contexto vivencial do lugar. Complementarmente, autores como Jane Jacobs reforçam a importância da diversidade de usos e da presença contínua de pessoas como fatores

geradores de segurança e vitalidade. Já Henri Lefebvre introduz a noção do espaço vivenciado, isto é, aquele que é produzido e apropriado pelas práticas sociais cotidianas.

Esse conjunto teórico e metodológico sustenta a ideia de que a regeneração urbana do Parque Amazonas não pode se restringir à dimensão técnica, mas deve emergir do cotidiano vivido e da participação ativa dos moradores, assumindo a cidade como um processo coletivo e democrático. A escolha dessas referências não é apenas coerente com os problemas identificados no bairro, como desertificação urbana e fragmentação espacial, mas essencial para garantir soluções sensíveis, sustentáveis e integradoras.

Buscando vencer os vazios urbanos pontuais e aproximar ainda mais a comunidade do espaço urbano dentro do bairro e dela mesma, pensa-se como solução a implantação de pequenas praças no decorrer do tecido urbano do Parque Amazonas, assim como demonstrado na Figura 53 que apresenta o *Paley Park*, em Nova York, um exemplo clássico de espaço público de alta qualidade em área privada (*POPS – Privately Owned Public Space*). É uma referência consagrada em urbanismo, destacando como pequenos espaços podem oferecer conforto e interação no meio urbano. Além disso essa intervenção é frequentemente citada como um modelo bem-sucedido de espaço público em pequena escala, que alia vegetação, mobiliário urbano e elementos sonoros como uma queda d'água (VITRUVIUS, 2020).

Figura 53 – *Paley Park*, Nova York: exemplo de espaço público privado de uso coletivo (*POPS*)



Fonte: VITRUVIUS (2020).

A morfologia do relevo presente no Parque Amazonas, em especial nas proximidades da Igreja do Bom Pastor, apresenta alguns aclives significativos, associado a esse obstáculo, a presença de vegetação abundante resultado do abandono e da falta de manutenção isolam duas localidades com potencial imenso de integração e sendo a área plana ao lado da Igreja e a outra a grande área verde da Avenida dos Africanos, como um dos principais intuítos desse estudo é gerar conexões ente os mais variados elementos do bairro pensou-se também em ligar pontos do bairro que hoje não se conectam por conta dessa problemática mencionada.

Desse modo como referência para unir esses locais com potencial para abrigar praças e outros equipamentos urbanos, pensou-se de utilizar arte como elemento atrativo e visual que daria estética e cor para o elemento que ligaria esses platôs, As Figuras 54 e 55 ilustram o projeto Talude, uma das maiores obras de arte urbana da Europa, localizada em Lisboa, Portugal. Com mais de 5.000 m<sup>2</sup>, o mural transforma um grande talude entre bairros residenciais em um vibrante ponto de arte pública, valorizando a paisagem e estimulando o convívio urbano. Esse projeto é um exemplo de que a arte urbana pode ser aplicada à requalificação de espaços públicos e à valorização de áreas degradadas por meio de cores, formas e acessibilidade e ainda assim obter um resultado fantástico (LIFT, 2023).

Figura 54 – Vista aérea da intervenção artística “Talude” em Lisboa, Portugal



Fonte: LIFT (2023).

Figura 55 – Detalhe do mural e escadaria integrada ao projeto “Talude”



Fonte: LIFT (2023).

Como exemplo de referências locais e que também foram amplamente citadas pelos usuários do bairro durante as dinâmicas e conversas, duas se destacam, a primeira é o Parque do Rangedor – um espaço urbano requalificado que oferece infraestrutura esportiva, lazer e contato com a natureza, sendo uma localidade relevante para a sustentabilidade e bem-estar social. A Figura 56 apresenta o Parque do Rangedor, em São Luís, como um território multifuncional que integra áreas de lazer, esporte e preservação ambiental, promovendo qualidade de vida à população (G1, 2023).

Figura 56 – Vista aérea do Parque do Rangedor, com áreas esportivas, de lazer e convivência em São Luís (MA)



Fonte: G1 (2023).

A segunda referência bastante mencionada é a Praça da Lagoa, popularmente também conhecida como Praça do Foguete, um espaço público revitalizado que ganhou áreas de lazer, esportes e convivência urbana. À noite, o local é bem iluminado e convida à ocupação cidadã, sendo um exemplo expressivo de ativação urbana e requalificação do espaço. A Figura 56 é uma captura de tela que ilustra a Praça da Lagoa, à noite, evidenciando como a iluminação, o mobiliário urbano, paisagismo e a oferta de serviços e variados comércios contribuem para a apropriação segura do espaço público por parte da população (YOUTUBE, 2023).

Figura 57 – Praça da Lagoa iluminada e ativa à noite, com áreas de lazer e circulação em São Luís



Fonte: YouTube (2023).

As referências projetuais que fundamentam este estudo transcendem a aplicação de soluções genéricas ou meramente estéticas. Elas constituem uma base teórica sólida para o entendimento da cidade como um organismo vivo, dinâmico e socialmente construído. O uso combinado dos padrões de Christopher Alexander e os princípios de autores como Jacobs e Lefebvre garantem que as intervenções no Parque Amazonas estejam alinhadas às reais necessidades da comunidade, promovendo transformações físicas, simbólicas e relacionais. Assim, as referências aqui sistematizadas não são apenas um ponto de partida metodológico, mas o elo vital entre teoria, prática e cotidiano urbano — uma ferramenta concreta para a construção de um bairro mais humano, funcional e participativo.

### 5.3. Estratégias de intervenção

O Parque Amazonas atualmente enfrenta desafios típicos de áreas urbanas que possuem um predomínio do uso residencial em seu território, dentre os obstáculos existentes pode-se destacar a fragmentação espacial, escassa dinâmica urbana, baixa diversidade de usos, pouca integração com o entorno e ausência de espaços públicos qualificados. Dessa forma, buscando enfrentar esse cenário de inércia urbana, baixa vivacidade nas vias e principalmente trabalhar as potencialidades adormecidas presentes no bairro, foi desenvolvida uma estratégia de intervenção baseada na metodologia proposta por Christopher Alexander já exemplificadas nos capítulos anteriores através da aplicação dos padrões encontrados em sua obra.

Essa abordagem considera a cidade como um ecossistema vivo, onde os padrões urbanos funcionam de maneira interdependente e, ao mesmo tempo, de forma articulada, promovendo assim soluções conectadas entre si trabalhando as potencialidades do território, combatendo as problemáticas encontradas nele. A aplicação estratégica e pontual dos padrões nº 14, 30, 33, 60, 67 e 69 orientam um modelo de revitalização urbana voltado à escala humana e ao fortalecimento do pertencimento comunitário, transformando o Parque Amazonas em um território mais integrado, vibrante e sustentável.

As estratégias de intervenção propostas nesse estudo articulam ideias que vão além da simples implantação de equipamentos urbanos no território, são métodos idealizados buscando promover transformações estruturais e simbólicas no espaço, otimizando a relação dos usuários com o bairro fortalecendo os vínculos que hoje se mostram bastante enfraquecidos. Sendo assim a aplicação coordenada dos padrões escolhidos para atuarem no Parque Amazonas oferece um caminho sólido para:

- Reverter desertificação urbana via ativação de nós comerciais e públicos.
- Promover dinamismo econômico e urbano, com comércio diversificado e usos mistos.
- Fortalecer identidade e coesão, construindo senso de bairro.
- Ativar espaços públicos e verdes, estimulando convivência dia e noite.
- Integrar o bairro ao entorno, conectando-o física e socialmente.

Abaixo segue uma tabela que sintetiza algumas dessas correlações idealizadas para combater os problemas do Parque Amazonas:

Tabela 05 – Combinação estratégica de padrões e as soluções esperadas

Problema	Combinação de padrões	Solução estratégica
Deserção urbana	30 + 33 + 69	Criação de áreas para atividades comerciais e serviços em espaços de permanência diurna e noturna.
Pouco dinamismo urbano	30 + 60	Inserção de nós ativos pelo bairro e praças funcionando como polos de fluxo de pessoas e serviços
Baixa oferta de comércio	30 + 14	Comércio de vizinhança distribuído ao longo de eixos internos
Pouca diversidade de usos	30 + 67	Estímulo a usos coletivos e mistos em pequenas escalas dentro do território.
Vazio urbano (área verde)	60 + 67 + 69	Requalificação da grande área verde com potencial para a instalação de um parque linear para o bairro e cidade.
Falta de integração com entorno	14 + 60 + 33	Delimitação simbólica e ativação noturna dos acessos

A delimitação simbólica do bairro (Padrão 14), por meio de portais vegetados e sinalização temática, reforça o senso de identidade e pertencimento dos moradores. Simultaneamente, a criação de praças públicas acessíveis (Padrão 60) e nós de atividade com usos diversos (Padrão 30) reconfigura a dinâmica urbana, promovendo fluxos cotidianos e fortalecendo a economia local. A valorização da vida noturna (Padrão 33), com eventos culturais e espaços abertos, amplia o uso do território para além do horário comercial, aumentando a sensação de segurança e vitalidade urbana. A integração de áreas externas coletivas (Padrão 67) e a implantação de ambientes públicos confortáveis (Padrão 69) transformam espaços subutilizados em locais de encontro, convivência e lazer, reforçando a coesão social.

Dessa forma espera-se que a aplicação combinada desses padrões possa gerar efeitos positivos no tecido urbano do Parque Amazonas. A correlação dos padrões — e não apenas sua aplicação isolada — é um dos princípios fundamentais defendidas na obra de Alexander, na qual ele defende que: “nenhum padrão é uma ilha; cada padrão depende do contexto que o cerca” (ALEXANDER et al., 2013, p. XVI). A aplicação desses padrões de forma sinérgica, o projeto combate problemas como a desertificação urbana, a baixa diversidade de usos e a falta de integração com o entorno, oferecendo um modelo replicável de urbanismo sensível à realidade local.

Além disso a participação dos usuários na construção do diagnóstico sugerindo de intervenções, apresentando especificidades cruciais para a leitura do ambiente e trazendo detalhes do território que somente quem vive cotidianamente o espaço consegue transmitir, apontaram as reais e mais significativas demandas que o Parque Amazonas necessitava para intervenção, o que fortalece toda a concepção do estudo corroborando assim com o cerne da construção teórica e metodológica nele aplicadas.

### 5.3.1. Requalificação dos espaços urbanos

A requalificação dos espaços urbanos constitui um dos pilares essenciais para a regeneração de áreas degradadas e para a promoção de cidades mais justas, habitáveis e integradas. No contexto do Parque Amazonas, onde se observa um processo contínuo de esvaziamento urbano, torna-se urgente repensar as formas de ocupação e uso do território, valorizando os espaços públicos como elementos estruturadores da vida urbana. Nesse sentido, os aportes teóricos de Jane Jacobs, Henri Lefebvre, Christopher Alexander e outros oferecem fundamentos sólidos para a construção de uma cidade mais vibrante, segura e humanizada. Seus princípios, centrados na diversidade de usos, na ocupação ativa dos espaços e na valorização das relações cotidianas, orientam intervenções que buscam não apenas transformar fisicamente o bairro, mas também estimular novos modos de convivência e apropriação do espaço urbano.

Como um dos resultados esperados através do emprego dos padrões e as intervenções idealizadas para o espaço, tem-se a requalificação do tecido urbano do Parque Amazonas visando superar a atual desertificação funcional e simbólica que marca o cotidiano do bairro. Como destaca Jane Jacobs (2000), a vitalidade das cidades reside na diversidade de usos, na convivência ativa dos moradores e na complexidade dos fluxos urbanos. Nesse sentido, a requalificação parte de uma proposta de ativação dos eixos internos e vazios urbanos por meio da aplicação articulada principalmente dos padrões 30 (Nós de Atividade), 60 (Praças Acessíveis), 67 (Área Externa Coletiva) e 69 (Ambiente Externo e Público).

O aperfeiçoamento dos espaços urbanos do Parque Amazonas, utilizando a metodologia dos padrões de Christopher Alexander e os princípios urbanos que promovam a participação da comunidade na idealização e concepção, propõe uma reversão efetiva do processo de desertificação funcional e simbólica do bairro. A proposta metodológica defende que os ambientes urbanos de qualidade surjam da combinação harmoniosa entre elementos estruturais e sociais, o que se traduz na aplicação de padrões como os "Nós de Atividade" e as "Praças Acessíveis", cuja função é criar pontos de encontro e conexão entre as pessoas. Desse modo pode-se enfatizar que a vitalidade urbana depende da diversidade de usos e da presença contínua de pessoas nas ruas, o que assegura segurança, dinamismo e pertencimento. Assim, a proposta de criar eixos ativos, revitalizar vazios urbanos e consolidar espaços públicos multifuncionais atende diretamente à lógica de um urbanismo orgânico, feito de relações humanas cotidianas e usos múltiplos, promovendo um tecido urbano mais vivo, complexo.

Uma das ideias bastante citadas durante as dinâmicas com os usuários do bairro foi a ocupação da área livre localizada ao lado do condomínio Lençóis Maranhenses conforme apresentado na Figura 58, utilizando estrategicamente os Padrões 14, 30, 33 e 69 como base para orientar a intervenção, o equipamento urbano pensado para esse local seria uma praça com um caráter comercial, inclusive no período noturno, que além de fomentar o comércio local e a dinâmica urbana iria estabelecer um novo ritmo ao bairro, oferecendo mais possibilidades de utilização do espaço urbano em todos os períodos do dia, tendo como referência de projeto para essa intervenção a Praça da Lagoa, popularmente como a Praça do Foguete assim como o *Paley Park*, em Nova York – conforme apresentados no capítulo anterior desse trabalho.

Figura 58 – Proposta de praça diurna localizada na Avenida Solimões – Padrões 14, 30, 33 e 69



Fonte: elaborado pelo autor.

Dessa forma pode-se destacar como principais propostas dessa requalificação a implantação de nós de atividade ao longo dos principais eixos de circulação do bairro, funcionando como pontos catalisadores de fluxos cotidianos, com comércio local, serviços além de praças sombreadas distribuídas ao longo dessas vias. Nesse mesmo sentido, defende-se a recuperação de áreas abandonadas ou vazias assim como a criação e ocupação da grande área verde subutilizada próxima à Avenida dos Africanos com estruturação de um parque linear que conecte diferentes setores do bairro, integrando lazer, mobilidade ativa e espaços culturais.

Além dessas ideias pode-se destacar a criação de salas ao ar livre com mobiliário urbano apropriado e confortável, iluminação pública eficiente e integração com o entorno edificado, promovendo espaços seguros e convidativos tanto de dia quanto à noite. Essa abordagem dialoga diretamente com o conceito de espaço vivenciado de Lefebvre, na medida em que busca resgatar o uso pleno e coletivo da cidade, promovendo a apropriação simbólica e cotidiana dos espaços públicos.

Portanto, ao incorporar os princípios fundamentais dos autores e a metodologia pautada na obra de Alexander, a proposta de requalificação do Parque Amazonas promove não apenas transformações físicas, mas também simbólicas e sociais no território. O resgate da vida urbana por meio da multiplicidade de usos, da ocupação contínua dos espaços e da valorização das experiências cotidianas garante a produção de um ambiente urbano mais humano, seguro e atrativo.

A estruturação de um parque linear, a implantação de nós de atividade e a valorização dos espaços públicos coletivos tornam-se, assim, instrumentos centrais para a reconstrução da identidade local e para a consolidação de uma cidade mais justa, inclusiva e conectada às reais necessidades de seus habitantes.

### 5.3.2. Propostas de integração com outros bairros e entornos

As ações estratégicas pensadas para o Parque Amazonas exigem mais do que intervenções físicas; requer uma reconexão simbólica e funcional com os bairros adjacentes, em diálogo com as lógicas cotidianas da cidade e de seus habitantes. Inspiradas nos princípios da participação popular na concepção e leitura do território de estudo, as propostas de integração territorial aqui apresentadas visam restaurar a fluidez urbana e o direito à cidade, superando o isolamento atual por meio de estratégias que correlacionam o desenho urbano, vitalidade social e justiça espacial – propiciando no bairro lugares de encontros e trocas entre os usuários desse e dos demais espaços da cidade.

A integração do Parque Amazonas com o seu entorno é uma necessidade estratégica para romper o isolamento funcional e físico do bairro que compromete a sua articulação com restante do tecido urbano da cidade e, em especial, com as localidades vizinhas e elementos urbanos próximos de seu território. A fragmentação atual será combatida a partir da aplicação integrada dos padrões 14 (Bairro Identificável), 33 (Vida Noturna) e 60 (Praças Acessíveis), com foco em promover conexões físicas, simbólicas e sociais com os bairros adjacentes.

Utilizando os padrões acima citados como diretriz de intervenção, foram pensadas e sugeridas propostas que integrassem o bairro Parque Amazonas com as localidades vizinhas e também com os demais elementos urbanos que circundam seu território, além disso buscou-se desenvolver marcos urbanísticos que trouxesse identidade e servissem como elementos de destaque para o bairro, proporcionando maior visibilidade e reconhecimento ao bairro. A Figura 59 demonstra quais seriam essas ideias de futuro pensadas, sugerindo os locais onde essas

intervenções poderiam ser alocadas no espaço urbano, aqui utiliza-se como uma das referências de projeto a Passarela Ciccillo Matarazzo, já apresentada no capítulo anterior desse trabalho.

Figura 59 – Ideias de intervenção utilizando como diretrizes base os Padrões 14, 33 e 60



Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme discutido anteriormente nas etapas anteriores desse trabalho, em especial no referencial teórico, Jacobs defende a rua como a unidade básica da vida urbana, um espaço onde o encontro, o olhar atento e a diversidade de usos garantem segurança e pertencimento do local, desse modo o estudo articula como proposta para o Parque Amazonas vias de acessos claros e bastante visuais, percursos contínuos e vida noturna ativa traduz diretamente esse pensamento, ao estimular a permanência e a circulação de pessoas ao longo do dia e da noite. Do mesmo modo, Christopher Alexander, ao defender padrões como o “bairro identificável” e “praças acessíveis”, contribui para a criação de espaços humanizados e reconhecíveis, capazes de gerar vínculos afetivos e fortalecer o sentimento de identidade local.

Conforme também compreendido no decorrer do trabalho é que o espaço urbano pode ser compreendido como uma construção social constante, fato esse que reforça a importância de democratizar o uso e a apropriação do território. Desse modo, agregar as áreas vizinhas às ideias pensadas nesse estudo, além de combater a segregação de territórios, promove o direito coletivo à cidade. Assim, a proposta de integração do Parque Amazonas se ancora em fundamentos para estabelecer conexões físicas, sociais e simbólicas que reconstruam o tecido urbano e promovam maior equidade territorial.

As principais ações propostas vão desde a criação de elementos urbanos visuais que funcionam como portais de entrada bem demarcados ao bairro, esses elementos serviriam de delimitações simbólicas com identidade visual e vegetação característica, marcando a transição entre o Parque Amazonas e bairros vizinhos. Além disso, sugere-se a implantação de ciclovias e passeios contínuos que conectem o bairro com centros comerciais, escolas e equipamentos públicos do entorno.

Juntamente à essas ações foram pensadas áreas e atividades que promovessem a ativação de pontos de acesso noturno com iluminação qualificada e eventos culturais, ampliando a sensação de segurança e a circulação de pessoas em horários estendidos. Essas intervenções visam restabelecer a noção de centralidade difusa, fortalecendo o pertencimento local e a conectividade interbairros, tal como defendido por Jane Jacobs na valorização da rua como espaço de encontro, trocas e movimento.

Portanto, a integração do Parque Amazonas aos bairros e equipamentos urbanos presentes no entorno deve ser compreendida como um processo de rearticulação estrutural e simbólica da cidade. Ao incorporar os ensinamentos exemplificados no referencial teórico juntamente com a visão e participação da comunidade, a proposta avança na direção de uma urbanidade mais democrática, vibrante e inclusiva, na qual a conexão entre bairros não se limita à mobilidade, mas se expande com o fortalecimento das relações sociais, do pertencimento e da diversidade espacial. Dessa forma espera-se que o Parque Amazonas deixe de ser um enclave isolado para se tornar parte orgânica de uma cidade viva e integrada.

### 5.3.3. Criação de áreas de vivência

Em se tratando da criação de espaços de vivências este estudo propõe dentre outras ações a requalificação e reocupação dos vazios urbanos por meio de estratégias que devolvam à comunidade o direito de viver, produzir e ressignificar os espaços coletivos. Mais do que criar áreas físicas, trata-se de estimular a vitalidade urbana, o pertencimento e o protagonismo local na construção de uma cidade mais justa e viva.

A carência de espaços de convivência no Parque Amazonas, tão citadas pelos seus usuários, não é apenas uma falha de planejamento urbano, mas um reflexo de um modelo de cidade que historicamente negligencia o cotidiano e a vida pública de seus habitantes além de prejudicar a construção de vínculos sociais e o fortalecimento de uma identidade comunitária. A criação de áreas de vivência, orientada pelos padrões 67 (Áreas Externas e Coletivas) e 69 (Ambiente Externo e Público), busca reverter essa fragilidade ao transformar terrenos ociosos e espaços residuais em ambientes comunitários vivos e apropriáveis.

Segundo Jane Jacobs, a cidade saudável nasce da diversidade de usos e da presença contínua de pessoas no espaço urbano, fator essencial para segurança e coesão social. Ao transformar terrenos ociosos em praças ativas, hortas comunitárias e áreas de convivência acessíveis, a proposta para o Parque Amazonas ativa o “olhar da rua” e cria oportunidades de encontro e interação, fortalecendo os vínculos entre os moradores. Alexander, por sua vez, defende que o ambiente construído deve responder à complexidade da vida cotidiana, e isso se expressa nos padrões 67 e 69, que orientam a criação de espaços públicos confortáveis, acolhedores e autogeridos.

Esses fatores reforçam que o espaço urbano não é neutro, ele é socialmente produzido, e, portanto, ao permitir que os próprios moradores e demais usuários moldem e utilizem esses espaços, promove-se o exercício do direito à cidade, em consonância com a crítica de Raquel Rolnik à mercantilização da terra urbana. A proposta, assim, não apenas resgata áreas degradadas, mas redefine o papel do cidadão na construção da cidade.

As estratégias propostas envolvem desde a estruturação de praças idealizadas e voltadas a públicos distintos (crianças, idosos, juventude), com equipamentos diversificados, espaços sombreados e possibilidade de uso coletivo de autogestão como a implantação de hortas urbanas comunitárias em terrenos desocupados, gerando vínculos entre os moradores e promovendo segurança alimentar e educação ambiental.

Uma das ideias percebidas no decorrer desse estudo é que o espaço urbano possui a capacidade de influenciar, positivamente ou negativamente, o comportamento do seu usuário, sendo assim ao idealizar ambientes que propiciem o encontro casual, conversas e reuniões entre as pessoas que frequentam o território, além de aproximar a comunidade de si própria (moradores, trabalhadores, visitantes e etc.) também pode incentivar a realização de eventos,

festivais e feiras comunitárias nesses espaços, ativando o uso social e econômico do bairro trabalhando o sentimento de pertencimento dos próprios usuários.

Com base nas ideias vistas nesse estudo e a partir da ótica dos moradores e demais pessoas que utilizam esse espaço, estas áreas, após serem trabalhadas e as ideias de intervenções fossem devidamente aplicadas, cumpririam a sua devida função social e se constituiriam como lugares de produção do espaço urbano por seus próprios usuários, em uma perspectiva de autonomia, apropriação e construção simbólica da cidade. Ao transcrever essas ideias no território, surgiram propostas com base nos padrões 67 e 69, que traduzem o anseio por espaços públicos que fomentem ações comunitárias e sociais, assim como a revitalização de espaços que antes já foram utilizados anteriormente cumprindo essa função, conforme demonstra a Figura 60. Como referência de projeto os usuários usaram como inspiração o Parque do Rangedor, que possui vários equipamentos e mobiliários urbanos dispostos no espaço – pequenas praças, playgrounds, locais de estar e etc.

Figura 60 – Ideias de intervenção utilizando como diretrizes base os Padrões 67 e 69



Fonte: elaborado pelo autor.

Requalificar o Parque Amazonas a partir desses princípios é mais do que uma intervenção urbanística: é um gesto político de devolução da cidade às pessoas. Ao propor espaços que estimulem a convivência, a autogestão e a diversidade de usos, reconhece-se que a cidade viva e democrática é aquela construída cotidianamente por seus próprios habitantes. Essa foi a tentativa de se reaproximar a população do espaço urbano, ao apontar para uma metodologia que percebe o urbanismo como ferramenta social e que, além de projetar, também

escuta, reconhece e incorpora os saberes e as práticas locais como ferramentas essenciais para reconstruir os laços sociais, o pertencimento e a identidade coletiva de um território historicamente marginalizado.

#### 5.3.4. Intervenções nos espaços de livres

A requalificação dos espaços livres urbanos, especialmente em contextos de subuso e abandono como ocorre no Parque Amazonas, exige uma abordagem sensível à complexidade social e espacial do território. Sendo assim, a proposta do estudo, baseada na aplicação dos padrões escolhidos, parte da premissa de que o espaço urbano deve ser construído de forma colaborativa, articulando formas de apropriação cotidiana, diversidade de usos e integração com a malha urbana existente. A defesa que a cidade viva nasce da multiplicidade das experiências urbanas, da valorização do tecido social e da produção coletiva do espaço, se justifica pela abordagem do espaço e em como as propostas interagem são importantes aos usuários, fundamentos essenciais para uma intervenção que vá além da estética e da infraestrutura, atingindo de fato a qualidade de vida urbana.

Os espaços livres do Parque Amazonas, atualmente marcados pelo subuso ou abandono, representam potencialidades latentes para a qualificação ambiental e social do bairro. A proposta de intervenção parte dos padrões 60 (Praças Acessíveis), 67 (Área Externa Coletiva) e 69 (Ambiente Externo e Público), visando a sua transformação em espaços multifuncionais de uso cotidiano, respeitando as dinâmicas locais e promovendo novas formas de vivência urbana. Como diretrizes pode-se destacar a implantação de pequenas praças dispostas ao longo do bairro interligadas a um parque linear no qual todos estejam conectados também entre si e com os eixos principais de circulação, formando uma malha verde contínua e acessível.

A intervenção proposta baseia-se nos padrões mencionados acima, que consideram os espaços públicos como partes integrantes de uma rede interdependente. Seguindo o princípio de que existe uma correlação pulsante entre eles, a proposta visa criar pequenas praças e pátios compartilhados ao longo do bairro, conectados entre si, de forma a promover continuidade

espacial e encontros sociais. Essa lógica se alinha ao pensamento de Jane Jacobs, que enfatiza a importância da diversidade de usos, da escala humana e da vitalidade urbana como forças regeneradoras do espaço público.

A intervenção nos espaços livres visa reconstruir as bases para uma cidade mais orgânica, que reflita as necessidades reais dos seus usuários, em consonância com o princípio de Alexander de que "nenhum padrão é uma ilha", sendo fundamental considerar o contexto e a interdependência entre os elementos urbanos. Portanto, ao pensar nos Padrões 60, 67 e 69 como um veio inspirador buscando intervir no espaço urbano, obteve-se como ideia de futuro a ocupação da grande área verde presente no bairro Parque Amazonas com um parque linear e praças com funções sociais distintas – porém complementares e conexas entre si.

A Figura 61 apresenta mais detalhadamente os equipamentos urbanos e elementos pensados para a área, como o calçadão e ciclovia que circundariam toda área fomentando a prática de esportes e lazer, as escadas que conectariam a área mais adensada de moradores com as áreas verdes e demais praças, assim como a função de cada um dos espaços, essas ideias possuem como referência de projeto o Parque Linear Kennedy – localizado em São Caetano do Sul, São Paulo, que atualmente é um grande aglomerado de equipamentos urbanos que cumprem diversas funções – e o Projeto Talude em Lisboa – Portugal, que contribuiu com arte e estética as escadarias que ligam dois bairros da cidade.

Figura 61 – Ideias de futuro para a grande área verde baseado nos Padrões 60, 67 e 69



Fonte: elaborado pelo autor.

Alinhada com as ideias mencionadas anteriormente propõem-se a criação de espaços comuns utilizando as áreas abandonadas e lotes vazios transformando-os em pátios compartilhados ou zonas de descanso para a população. A adequação de equipamentos públicos de qualidade, que transmitam conforto aos usuários também servem para dinamizar o uso do solo como jardins comunitários, quadras e mobiliário urbano de lazer e de exercícios, promovem a extensão do uso institucional ao espaço urbano.

Dessa forma, a requalificação dos espaços livres do Parque Amazonas não deve ser entendida apenas como uma operação física ou paisagística, mas como um processo de reconstrução das relações entre espaço, sociedade e política urbana. Ao incorporar os princípios defendidos na referência teórica desse trabalho e na aplicação da metodologia abordada, o estudo de intervenção propõe um bairro mais justo, sensível e vivo, onde o espaço público deixa de ser um vazio residual e passa a constituir uma infraestrutura essencial para o cotidiano. Nessa perspectiva propõem-se, embasado na ótica dos usuários um espaço com uma vivacidade contínua, multifuncional e acessível, capaz de abrigar a diversidade de usos e sujeitos, reafirmando o direito à cidade e à produção coletiva de seus espaços.

#### 5.4. Considerações finais

Um estudo de intervenção urbana colaborativo para o Parque Amazonas, fundamentado nos padrões de Christopher Alexander e inspirada nas reflexões de Jane Jacobs, Henri Lefebvre entre outros pensadores urbanistas que concebem o morador e demais usuários do ambiente urbano como protagonistas do processo de ler e pensar, busca restituir ao bairro uma lógica de urbanidade integrada, participativa e sensível ao cotidiano.

A partir de uma abordagem sistêmica, o estudo mostra que é possível promover a ressignificação dos espaços urbanos, incentivando o uso misto, a mobilidade ativa, o pertencimento comunitário e a diversidade funcional. Essa transformação não se limita à aplicação de elementos físicos no território, mas envolve uma reconstrução simbólica e vivencial do bairro, capaz de reverter processos de desertificação urbana, estimular a coesão social e restabelecer a cidade como lugar de encontro, trocas e vida em comum. O Parque Amazonas, assim, pode se tornar um modelo de urbanismo sustentável e participativo, cujos efeitos ressoem além dos limites físicos do bairro, contribuindo para a construção de uma São Luís mais justa, diversa e viva.

No Parque Amazonas, é necessário que a experiência participativa possa superar a formalidade consultiva e construir instâncias de decisão coletiva eficazes. Segundo Raquel Rolnik (2013, p. 35), “os conselhos das cidades, embora tenham ampliado o debate público, muitas vezes operam dentro de lógicas tecnocráticas que limitam sua representatividade real”, ou seja, qualquer projeto de intervenção urbana colaborativa exige não apenas a presença dos espaços participativos, mas também sua reestruturação para garantir processos de coprodução, principalmente, com os moradores e demais usuários impactados.

No contexto contemporâneo, o espaço urbano se apresenta como um tecido cada vez mais fragmentado e complexo. Essa realidade é reflexo de múltiplas dinâmicas socioeconômicas, políticas e culturais que moldam o território de forma desigual. Para Indovina (1997, p. 29), "a cidade não é mais um todo coerente, mas um agregado de partes que se justapõem sem uma lógica unificadora". Compreender essa complexidade é essencial para propor intervenções urbanas colaborativas e inclusivas, especialmente em áreas como o bairro

Parque Amazonas, onde as dinâmicas locais exigem soluções sensíveis à realidade socioespacial vivenciada pelos moradores e demais usuários.

A participação comunitária na tomada de decisões sobre o espaço urbano é essencial para garantir que as intervenções atendam de fato às necessidades e desejos da população local. Como destaca Lefebvre (2006, p. 45), "o espaço é um produto social e, como tal, é profundamente inserido nas relações de poder e nas estruturas sociais". Esse conceito ressalta que o espaço não é algo neutro, mas sim um reflexo das dinâmicas sociais e políticas. Nesse sentido, a intervenção no espaço urbano não pode ser vista apenas como uma questão técnica ou estética, mas como uma ação que influencia diretamente as relações sociais na comunidade.

No trabalho de Alexander et al. (2013), é destacado que "os padrões devem ser pensados de maneira integrada e dinâmica, de forma que cada elemento da cidade contribua para o todo" (2013, p. 75). A utilização dos padrões escolhidos e suas interações norteando as intervenções no contexto do território de estudo revela o potencial transformador de uma abordagem urbana fundamentada na escala humana, na interdependência dos elementos urbanos e na força da participação popular na tomada de decisões e no momento de concepção do espaço público. Desse modo, o desenho urbano assim como sua dinâmica devem ser vistos como um conjunto de padrões interconectados, nos quais cada um responde a necessidades distintas, mas todas contribuem para o fortalecimento do ambiente urbano.

Ao combinar estratégias que promovem pertencimento, diversidade de usos, vida ativa e conforto ambiental, a proposta vai além da resolução pontual de problemas e inaugura um novo paradigma de planejamento urbano sustentável e participativo. A revitalização do bairro, portanto, não se resume à requalificação física do espaço, mas envolve também a reconstrução de vínculos sociais e a valorização da identidade coletiva, elementos essenciais para a construção de um território verdadeiramente vivo, digno, integrado, justo e comunitário.

Comumente se acredita que as crianças são sinônimo de esperança e de um futuro melhor, e que, de algum modo, tudo que se constrói hoje é para o proveito delas amanhã e que, de mesma forma, elas irão construir para as próximas gerações, e assim sucessivamente. Portanto, visando encerrar esse trabalho com um "exemplo positivo" de uso do espaço público do território, a Figura 62 apresenta algumas crianças, moradoras do Parque Amazonas, utilizando uma das ruas do bairro para o lazer durante o período noturno – o que conversa com

a escolha e aplicação dos padrões escolhidos por esse estudo –, ou seja, mesmo com um cenário desfavorável ao uso, as crianças persistem em aproveitar o espaço público. Sendo assim, o que se percebe é que mesmo que a visão de presente não seja a ideal os anseios e ideias para o futuro devem existir buscando reverter essa realidade.

Figura 62 – Crianças moradores do bairro Parque Amazonas brincando nas ruas do bairro à noite



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

## 6. CONCLUSÃO

Com a elaboração deste Trabalho Final de Graduação foi possível entender que a construção de cidades mais humanas, democráticas e inclusivas só é possível quando os próprios cidadãos são reconhecidos como protagonistas do espaço urbano. Através do estudo colaborativo proposto para o bairro Parque Amazonas, ficou evidente que o envolvimento direto da população, desde a leitura do espaço até a formulação ideias (para o futuro), de propostas urbanísticas promove não apenas soluções mais eficazes e contextualizadas, mas também fortalece o vínculo afetivo dos moradores e outros usuários com o território, incentivando o cuidado e a corresponsabilidade sobre o espaço público.

A escuta ativa e o diálogo com os diversos usuários do Parque Amazonas revelaram um cenário marcado por fragilidades estruturais e ausência histórica de políticas urbanas inclusivas, porém através das caminhadas pelo bairro e conversando com seus usuários percebeu-se uma diversidade social e cultural presente nele. Através da metodologia aplicada, baseada na obra de Christopher Alexander – Uma linguagem de padrões (2013), foi possível transformar essas percepções, críticas e desejos em diretrizes e estratégias concretas que orientaram todas as ideias de intervenção desenvolvidas para o espaço estudado.

As propostas desenvolvidas neste trabalho são fruto de uma construção coletiva que valoriza o saber empírico, as memórias afetivas e o cotidiano dos usuários do bairro, esse conhecimento que normalmente é negligenciado nos modelos tradicionais de planejamento urbano é a chave para a construção de propostas que transmitam as reais e mais sensíveis necessidades da comunidade. Ao propiciar o protagonismo à participação cidadã, esse estudo ultrapassa o campo da intervenção física e se propõe como ferramenta de transformação social e política, ao mesmo tempo em que valoriza a identidade territorial do Parque Amazonas e reconhece a importância dos usuários na produção e idealização do espaço urbano.

O processo de elaboração desse trabalho revelou que o Parque Amazonas, que à primeira vista se apresenta com diversas características de abandono e baixa dinâmica urbana, pode se revelar um território vivo e pulsante, com moradores e demais usuários dispostos a dialogar, propor e criar soluções para a melhoria do bairro e da convivência social. A

metodologia colaborativa aplicada nesse estudo, portanto, mostrou-se não apenas viável, mas essencial para promover um estudo urbanístico mais sensível, equitativo, democrático e sustentável. A construção de cidades mais humanas, justas e participativas passa, necessariamente, pela valorização do cotidiano, da escuta ativa e da correlação entre o conhecimento técnico e a contribuição dos moradores e usuários do espaço urbano.

Nesse contexto, o papel do arquiteto e urbanista é ressignificado: ele deixa de ser apenas um formulador técnico e passa a atuar como mediador entre o conhecimento técnico e o popular. A formação crítica de um profissional de arquitetura e urbanismo que trabalha, projeta, visualiza e possui ideais ancorados em práticas colaborativas, é fundamental para a construção de cidades mais democráticas, inclusivas e vivas, onde o direito à cidade seja, de fato, um direito de todos e para todos.

Por fim, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento de uma prática urbanística mais democrática. Conforme abordado na metodologia deste trabalho, ele propõe um modelo metodológico replicável e adaptável, que pode inspirar novas formas de intervenção urbana em outros bairros da cidade de São Luís e além. Mais do que um produto final, o estudo de intervenção desenvolvido representa um processo em construção, baseado no diálogo, na escuta e na participação cidadã. Que esse estudo possa inspirar futuras intervenções e políticas públicas baseadas na escuta, na inclusão e na valorização da pluralidade que constitui o verdadeiro tecido urbano.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVESTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Shlomo. **Uma Linguagem de Padrões. A Pattern Language**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre, Bookman, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*). 4ª ed. Paris. Éditions Anthrops. 2000). Primeira versão: fev-2006.

LEFEBRE, Henri. **La production de l'espace**. 4ª ed. Paris. Anthrops. 2000

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 3ª edição. Martins Fontes. 2011.

ROLNIK, Raquel. **Cidade e democracia: uma leitura a partir dos conselhos das cidades**. São Paulo: Instituto Pólis. 2013.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. Perspectiva. 1ª edição. 2013.

INDOVINA, Francesco. **La città diffusa**. Venezia: Daest, 1997. Tradução livre.

NEXT CITY. *Urban design made Times Square a pedestrian haven. Can it last?* Disponível em: <https://nextcity.org/urbanist-news/urban-design-times-square-concrete-bowtie-density-gehl-new-years-eve>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE. *Case Study: Pavement to Parks, San Francisco, USA*. Global Street Design Guide. Disponível em: <https://globaldesigningcities.org/publication/global-street-design-guide/streets/pedestrian-priority-spaces/parklets/case-study-pavement-to-parks-san-francisco-usa/>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

DOX. *O poder de transformação do urbanismo tático*. 2021. Disponível em: <https://www.dox.com.br/Noticias/Post/O-poder-de-transformacao-do-urbanismo-tatico>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

G1. *Prefeitura de Sorocaba inicia projeto de ampliação de calçadas no Centro*. 18 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/02/18/prefeitura-de-sorocaba-inicia-projeto-de-ampliacao-de-calçadas-no-centro.ghtml>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

PREFEITURA DO RECIFE. *Prefeitura do Recife implanta nova área de urbanismo tático para aumentar o nível de segurança viária*. 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/17/12/2021/prefeitura-do-recife-implanta-nova-area-de-urbanismo-tatico-para-aumentar-o>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

DESCUBRA SAMPA. *Passarela Ciccillo Matarazzo*. 7 jul. 2023. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2023/07/passarela-ciccillo-matarazzo.html>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

SÃO CAETANO DIGITAL. *Parque Linear Kennedy em São Caetano será inaugurado neste domingo*. 21 dez. 2024. Disponível em: <https://www.saocaetanodigital.com.br/parque-linear-kennedy-em-sao-caetano-sera-inaugurado-neste-domingo/>. Acesso em: 08 de junho de 2025.

VITRUVIUS. *Paley Park e os espaços públicos privados de qualidade em Nova York*. *Arquitextos*, ano 21, n. 245. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.245/7921>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

IMIRANTE. *Feirinha São Luís deste domingo (3) celebra o Dia Nacional do Samba*. 1 dez. 2023. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/sao-luis/2023/12/01/feirinha-sao-luis-deste-domingo-3-celebra-o-dia-nacional-do-samba>. Acesso em: 15 de maio de 2025.

YOUTUBE. *Praça da Lagoa em São Luís do Maranhão*. YouTube, 12 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=TcKD40evWEY>. Acesso em: 08 de junho de 2025.

G1. *Shows e brincadeiras infantis são oferecidas nos parques Rangedor e Itapiracó, em São Luís*. G1 Maranhão, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/01/20/shows-e-brincadeiras-infantis-sao-oferecidas-nos-parques-rangedor-e-itapiraco-em-sao-luis.ghtml>. Acesso em: 08 de junho de 2025.

LIFT. *“Talude”*: uma das maiores obras de arte urbana da Europa tem as cores da CIN. *Newsroom Lift*, 2023. Disponível em: <https://newsroom.lift.com.pt/80390-talude-uma-das-maiores-obras-de-arte-urbana-da-europa-tem-as-cores-da-cin>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

ABC REPÓRTER. *Com 60 mil m<sup>2</sup>, São Caetano abre o Parque Linear Kennedy*. 21 dez. 2024. Disponível em: <https://abcreporter.com.br/2024/12/21/com-60-mil-m%C2%B2-sao-caetano-abre-o-parque-linear-kennedy/>. Acesso em: 18 de junho de 2025.